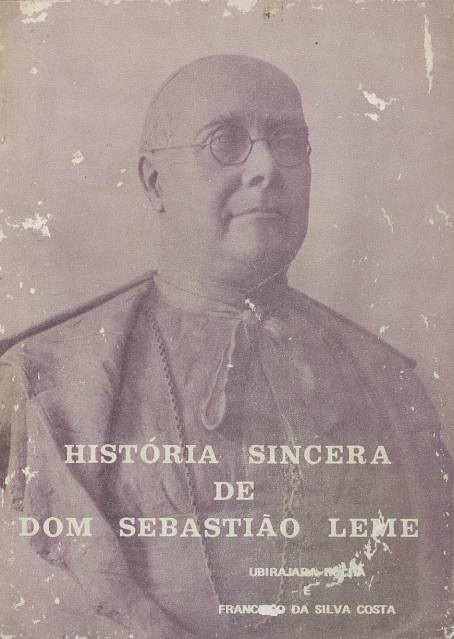




**HISTÓRIA SINCERA
DE
DOM SEBASTIÃO LEME**

UBIRAJARA, RJ

FRANCISCO DA SILVA COSTA

HISTÓRIA SINCERA DE HOM
SEBASTIÃO LEME. UBIRAJARA
ROCHA E FRANCISCO S. COSTA
DOCUMENTO HISTÓRICO.

OUTROS LIVROS PUBLICADOS POR UBIRAJARA ROCHA

- 1 - "Do Relatório no Inquérito Policial" — Serviço Gráfico da Secretaria da Segurança Pública, São Paulo, 1962.
- 2 - "Ensaio de Investigação Policial" — Serviço Gráfico da Secretaria da Segurança Pública, São Paulo, 1963.
- 3 - "Pequena História da Civilização Pinhalense" — Tipografia Santa Luzia, Pinhal, 1964.
- 4 - "A Polícia em Prismas" — Serviço Gráfico da Secretaria da Segurança Pública, São Paulo, 1964.
- 5 - "Poesia e Verdade" — Tipografia Santa Luzia, Pinhal, 1965.
- 6 - "Problemas de Polícia e Direito" — Serviço Gráfico da Secretaria da Segurança Pública, São Paulo, 1965.
- 7 - "Noções de Polícia e Justiça" — Serviço Gráfico da Secretaria da Segurança Pública, São Paulo, 1966.
- 8 - "A Face Trágica das Prisões" — Serviço Gráfico da Secretaria da Segurança Pública, São Paulo, 1968.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL

Administração «NOVA ERA» — Biblioteca «Dr. Vergueiro César»

FICHA CATALOGRAFICA — N.º 12.155

Nome do Livro: HISTÓRIA SINCERA DE DOM SEBASTIÃO LEME

Autor: UBIRAJARA ROCHA

Editôra: CANDEIA

Assunto: BIOGRAFIA

N.º 12.155

PLANO GERAL DESTA OBRA

PRIMEIRO VOLUME

História e Historiadores — Grandes Homens do Passado e Suas Vidas Exemplares.

Duas Palavras aos Leitores

CAPÍTULO I

A MENINICE DO CARDEAL (1882-1894)

CAPÍTULO II

DE SEMINARISTA A CARDEAL (1894-1930)

CAPÍTULO III

O PADRE SEBASTIÃO LEME VISITA A TERRA NATAL (1904)

Apêndice

Bibliografia.

SEGUNDO VOLUME

História e Historiadores — Grandes Homens do Passado e Suas Vidas Exemplares.

Duas Palavras aos Leitores

CAPÍTULO IV

O CARDEAL LEME VISITA A TERRA NATAL (1931)

Apêndice

Bibliografia.

TERCEIRO VOLUME

História e Historiadores — Grandes Homens do Passado e Suas Vidas Exemplares.

Duas Palavras aos Leitores.

CAPÍTULO V

DOZE ANOS DE CARDINALATO (1930-1942)

Apêndice

Bibliografia.

QUARTO VOLUME

História e Historiadores — Grandes Homens do Passado e Suas Vidas Exemplares.

CAPÍTULO VI

O FALECIMENTO DE DOM SEBASTIÃO LEME (1942)

CAPÍTULO VII

DEPOIS DO DESAPARECIMENTO DE DOM LEME (1942-...)

Apêndice

Bibliografia.

SUMÁRIO

	Pág.
História e Historiadores — Grandes homens do passado e suas vidas exemplares	I
Duas palavras aos leitores	IV
Capítulo I	
A MENINICE DO CARDEAL	1
Capítulo II	
DE SEMINARISTA A CARDEAL	41
Capítulo III	
O PADRE SEBASTIÃO LEME VISITA A TERRA NATAL. .	89
BIBLIOGRAFIA	128

Este livro — “supondo que seja um livro” — levou anos para vir a lume.

Durante anos hesitaram seus autores diante duma grave incerteza ou dilema: publicar ou não este livro. Vacilavam, consoante a verdade dita por um alto espírito de nosso século: há uma “obra de caridade adequada a nosso tempo: não publicar livros supérfluos.”

"Felizes daqueles cujo coração guardou a fé dos primeiros dias"

LÉON DENIS

"Para seu grande coração, a vida da Pátria se irmanava à fé... e a fé irrompia como um gesto de audácia e de vitória."

"Nenhuma homenagem era bastante em Recife sem a palavra de Dom Leme... O povo não considerava encerradas suas festas cívicas, enquanto não falasse seu Arcebispo, em quem não se via cansaço e doença, mas só patriotismo e fé."

Dom Sebastião Leme, Bispo da Eucaristia... trouxe para Pernambuco um grande coração, cheio do Infinito... Derramou sobre seu povo o carinho confortante de sua palavra de Apóstolo..."

Elogios feitos por grandes expressões da cultura pernambucana.

"Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro.

Sacerdote — a sua fé é das que transportam montanhas.

Brasileiro — não receia confrontos o seu patriotismo.

Homem — tem no coração um manancial inesgotável de amor e de bondade, de consolo e de perdão.

Chefe — ilumina-lhe a fronde o tino providente e a serena energia dos que nasceram para comandar."

EPITÁCIO PESSOA

Rio de Janeiro, em 10 de Maio de 1936.

"Honra da Igreja e justo motivo de santa vaidade nacional, o nome de Dom Sebastião Leme irradia perene fulgor que há de iluminar ainda o grande futuro da Pátria. O tempo não conseguirá esmaecer-lhe o brilho inconfundível, tocado de reflexos do céu, e se agora o Brasil se inclina reverente em sua presença, com admiração e orgulho amanhã o acolherá carinhosamente em sua história como uma das mais lídimas glórias da Religião e da Pátria."

Dom AUGUSTO ÁLVARO DA SILVA, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, em palavras ditas em 1936.

"Muita coisa, muita mesmo, teremos que dizer do nosso Cardeal. Muitos são os recantos dessa vida que terão de ser investigados. Tão grande foi a sua obra que sempre haverá o que contar de sua ação imensa e multiforme, à medida que se forem revelando os aspectos ocultos que ela ainda apresenta. Nada, porém, do que se disser do nosso Cardeal poderá traduzir aquele sorriso de infinita bondade com que ele nos acolhia. Nada poderá refletir aquela doçura, aquela suavidade, aquela absoluta ausência de artifício que encontrávamos sempre em seu trato pessoal. Eis aí um homem a quem as maiores dignidades nunca fizeram esquecer a sua humilde condição humana. Eis aí um homem que viveu e morreu cercado de tudo o que costuma perturbar a naturalidade dos mais equilibrados e, no entanto, sempre se manteve igual a si mesmo, simples, simples, simples como Deus o fez e a vida não conseguiu jamais desfazer."

TRISTÃO DE ATHAYDE, em 1942

"Dom Leme possuía um coração que alimentava todos os sentimentos nobres, todas as ternuras dum pai, todos os zelos dum apóstolo e todas as solícitudes dum pastor. Nele era o coração que pensava, o coração que planejava, organizava e agia, o coração que orava, o coração que se imolava no altar dos sofrimentos, o coração que se angustiava diante dos perigos que ameaçavam as almas e das ruínas morais que se esboçavam nas arremetidas do erro e no explodir das paixões."

Palavras da oração fúnebre pronunciada na Basílica de São Bento, em São Paulo, por Dom Frei LUIZ MARIA DE SANTANA, Bispo de Botucatu, no solene Pontifical ali celebrado em sufrágio da alma ou espírito de Dom Sebastião Leme, que havia falecido no Rio de Janeiro. Outubro de 1942.

"As virtudes, a vida e as obras do nosso Arcebispo (Dom Sebastião Leme) ainda hão de inspirar muitos livros. Qualquer aspecto da sua fecunda existência, na mocidade, na maturidade ou na velhice, como homem e como fervoroso filho da Igreja, é bastante para encher grandes capítulos biográficos, que serão também grandes exemplos."

RIBEIRO COUTO, em 1942.

"Dom Sebastião Leme viveu como um justo e morreu como um santo. Sua vida oscilou, como um pêndulo, entre dois afetos: o amor de Deus e o culto à Pátria. Era cristão como poucos e brasileiro como raros. Padre, bispo, cardeal — jamais os fumos do orgulho lhe subiram do coração humilde ao cérebro tranqüilo. Príncipe da Igreja, membro do Sacro Colégio, sucessor eventual de São Pedro na mais antiga e mais ilustre dinastia do mundo, morreu pobre como o último dos levitas e o mais ignorados dos presbíteros... A púrpura não lhe escondera a batina obscura do missionário... Em tudo e sempre, tinha consigo o amor da Pátria, que lhe era congenial e inextinguível como uma essência mesma do seu ser... Não se abrasava senão do amor dos pobres, no bem-querer dos humildes. Vivía em um palácio, mas tão apostolicamente como um PACÔMIO ou um ONOFRE no deserto... Nada deixou de si senão o exemplo de uma grande vida, a lição de uma nobre inteligência... A púrpura cardinalícia não lhe foi um presente dos fados, mas uma recompensa dos méritos. No serviço de Deus e da Igreja não conhecia óbices, nem tropeços. Tudo era fácil à sua inteligência nítida e à vontade robusta. Era um santo — mas era, também, um guia... O Brasil não é tão rico de grandes homens que se possa consolar facilmente da morte de tão agigantado antístete."

BERILO NEVES, em 1942.

"Convivi intimamente com Dom Sebastião Leme. Muito grande é a minha admiração e a minha gratidão por ele. Devo-lhe muito, sobretudo em razão do meu "convívio com sua sapientia cordis, pois era acima de tudo um grande coração..."

"Desfrutava ainda de grande prestígio, dentro e fora da Igreja, coisa, aliás, de que não se enviaidia."

ALCEU AMOROSO LIMA, "Memórias Im-provisadas", Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1973, p. 230 e 233.

"A biografia de Dom SEBASTIÃO LEME deixa-nos n'alma a ardente e divina convicção de que 'o Bom, o Belo, a Harmonia perfeita, reinam acima de tudo'."

"De todas as histórias, a mais bela é a das almas!"

Sim, é verdade, irrecusavelmente: nada é mais belo e esplêndido do que 'penetrar nesse mundo interior, e surpreender as leis do pensamento, os movimentos secretos do amor'."

LÉON DENIS

"Felizes os que têm a doçura, porque possuirão a Terra!"

O Cardeal Dom SEBASTIÃO LEME é, por toda espécie de razões, sob qualquer ângulo que seja visto, "O MAIOR FILHO DE PINHAL."

"... o maior filho daquela terra: o Cardeal LEME. O divino Espírito Santo, que protege e santifica a cidade privilegiada de Pinhal, fez de SEBASTIÃO LEME uma figura exponencial da Pátria e um dos mais eméritos e atilados Príncipes da Santa Igreja. Poucos homens terão possuído aquela penetração psicológica com que o Cardeal LEME se apoderava irresistivelmente dos corações, mesmo daqueles que eram infensos ao catolicismo. Pouquíssimos brasileiros haverão tido aquela previsão alada com que o nosso Cardeal descortinava na bruma dos horizontes político-sociais as linhas mestras dos grandes eventos, a serviço, muitas vezes, da perversidade sorrateira dos homens. Raros Pastores de almas foram enriquecidos por Deus daquela delicadeza de intuição com que o Cardeal LEME se debruçava, oportuno e comedido, sobre as chagas ocultas dos corações sofredores."

Dom LUIZ MOUSINHO, Bispo de Ribeirão Preto ("Diário de Notícias", Ribeirão Preto, em 14 de Junho de 1953)

HISTÓRIA E HISTORIADORES — GRANDES HOMENS DO PASSADO E SUAS VIDAS EXEMPLARES

UBIRAJARA ROCHA

Todo povo tem uma história. Um povo sem historiador é povo nenhum — povo inexpressivo, povo sem memória.

O historiador é o maior homem duma sociedade, duma nação, duma cultura. O historiador é o expoente duma civilização, é o homem mais importante dum país, duma cidade.

Sem o historiador que a investigue, que a narre e interprete a história nacional permanece desconhecida, como morta, como se não existisse. Mas os fatos históricos devem ser trazidos à público de forma séria e exata, não devem ser tratados de passagem ou avoadamente.

A História — que CÍCERO chamou de “a mestra da vida” — é a mais importante das disciplinas culturais. Ela propicia-nos, se não um ensinamento positivo, pelo menos um ensinamento negativo; isto é, se por ventura não nos mostra as formas de agir sobre a realidade, indica-nos, é certo, os modos de como não agir, a fim de não repetirmos os erros do passado. Como disse um humanista moderno de formidável erudição, um filósofo da história e da cultura, “cabe receber do passado, já que não uma orientação positiva, certos conselhos negativos. Não dirá o pretérito o que devemos fazer, mas o que devemos evitar.” JOSÉ ORTEGA Y GASSET “A Rebelião das Massas”, nota 39

O verdadeiro historiador é um “ser capaz de se colocar ante os fatos com a mente porosa e ativa, disposta a investigá-los. Assim o qualifica o escritor que acabamos de citar, apaixonado pela matéria histórica. Será simples cronista e não autêntico historiador o que se contenta ou se limita a registrar os fatos simplesmente, sem interpretá-los ou comentá-los inteligente e lucidamente, não fazendo, então, senão repetir, estereotipar. Isto será mais do que nada; contudo, notório será se escasso valor ou significação para a cultura.

Seja-nos lícito citar mais uma vez o distinto pensador espanhol, dotado de prodigiosa intuição do efêmero e do eterno: “A história é a realidade do homem. Não tem outra. Nela chegou a fazer-se tal e como é. Negar o passado

é absurdo e ilusório, porque o passado é “o natural do homem que volta a galope”. O passado não está presente e não teve o trabalho de acontecer para que o neguemos, mas para que o integremos.” ORTEGA Y GASSET, “História como Sistema”.

Há uma única diferença entre História do Homem e História Natural. A zoologia, a “história natural” difere da história humana, porque esta “não pode nunca começar de novo”. Já a história dos animais está sempre e sempre a recomençar. O homem é radicalmente diferente dos seus simpáticos irmãos do reino animal. “O homem, mercê de seu poder de recordar, acumula seu próprio passado, possui-o e o aproveita. O homem não é nunca um primeiro homem; começa desde logo a existir sobre certa altitude de pretérito amontoado. Este é o tesouro único do homem, seu privilégio e sua marca. E a riqueza menor desse tesouro consiste no que dele pareça acertado e digno de conservar-se: o importante é a memória dos erros, que nos permite não cometer os mesmos sempre. O verdadeiro tesouro do homem é o tesouro dos seus erros, a extensa experiência vital decantada gota a gota em milênios. Por isso, NIE-TZSCHE define o homem como o ser “de memória mais desenvolvida”. ORTEGA Y GASSET, “A Rebelião das Massas”, prólogo para franceses.

Nada disso, está bem claro, ocorre com os fatos e fenômenos da “história natural”, com a história dos nossos pobres “irmãos do reino inferior”. “KOHLER e outros mostraram como o chimpanzé e o orangotango (o babuíno) não se diferenciam do homem pelo que, falando rigorosamente, chamamos inteligência, mas porque têm muito menos memória que nós”. (Entre parêntesis: dizem alguns estudiosos da sociologia dos animais que o macaco só não fala para não ser obrigado a trabalhar!). “Os pobres animais cada manhã esquecem quase tudo que viveram no dia anterior, e seu intelecto tem de trabalhar sobre um mínimo material de experiências. A rigore, o tigre de hoje é idêntico ao de seis mil anos, porque cada tigre tem de começar de novo a ser tigre, como se não houvesse outro antes.” ORTEGA Y GASSET.

Vale dizer, a “leonidade”, a “trigridade” ou a “cavalidade” são as mesmas através dos séculos, conservam-se inalteráveis através dos tempos. Não mudam nunca. O mesmo ocorre com a “hominidade”, com a diferença de que esta é progressiva, o que não ocorre com aquelas.

DUAS PALAVRAS AOS LEITORES

UBIRAJARA ROCHA

Dessarte, o homem, bem ao contrário dos animais, evolui, é suscetível de aperfeiçoar-se, de aprimorar-se. É, numa palavra, um ser indefinidamente perfectível. O animal não tem a capacidade de modificar ou alterar o repertório de seus atos vitais.

"Romper a continuidade com o passado, querer começar de novo, é aspirar a descer e plagiar o orangotango. Em 1860 um francês, DUPONT-WHITE, clamava: "La continuité est un droit de l'homme; elle est un hommage à tout ce qui le distingue de la bête."

Falando acerca dos animais, acentuou um espiritualista profundo do século dezenove: "Não há entre eles nenhuma criação, nenhum melhoramento; qualquer que seja a arte que admiremos em seus trabalhos, aquilo que faziam antigamente é o mesmo que fazem hoje, nem melhor nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. Os filhotes separados de sua espécie não deixam de construir o seu ninho de acordo com o mesmo modelo, sem terem sido ensinados. Se alguns são suscetíveis de uma certa educação, esse desenvolvimento intelectual, sempre fechado em estreitos limites, é devido à ação do homem sobre uma natureza flexível, pois não fazem nenhum progresso por si mesmos, e esse progresso é efêmero, puramente individual, porque o animal abandonado a si próprio, não tarda a voltar aos limites traçados pela Natureza." ALLAN KARDEK.

Para terminar, falemos, perfunctoriamente, do método histórico. (Método é palavra que deriva do grego e que significa caminho).

O método histórico é o método da continuidade — o mesmo método que preside à marcha de todas as coisas humanas.

A vida — qualquer vida — obedece a ritmos; a história é da mesma forma rítmica. Os ritmos fundamentais são precisamente os biológicos." — "A história é, antes de tudo, história da mente, da alma."

"Cada qual cre viver por sua conta, em virtude de razões que supõe personalíssimas. Mas o fato é que sob essa superfície de nossa consciência atuam as grandes forças anônimas, os poderosos alísios da história, sopros gigantescos que nos mobilizam a seu capricho." ORTEGA Y GASSET.

Isto, por ora, é o que tínhamos a dizer sobre história, sugerindo, indiretamente, as vidas dos homens que exemplarmente a animam.

Este pequeno livro foi inteiramente escrito com a inteligência do coração e não com a inteligência da cabeça. Foi escrito, como se dizia nos tempos de PETRARCA, com "intellecto d'amore". O coração possui inteligência meiga, persuasiva e nenhuma sabedoria intelectual, cuja luz ativa é como a do sol de inverno: ilumina mas não aquece.

Um livro do coração. Uma história sincera. O sentimento é seu sangue, a sinceridade a sua carne, o amor a sua substância. Para escrevê-lo ou elaborá-lo quase não foi preciso interrogar a vida e sim apenas uma espécie de ternura inteligente. Este livro é mais um êxtase escrito que uma monografia propriamente histórica. Seria um parto da fantasia espiritual? O leitor o dirá . . .

Contudo, em vão tentámos criar trechos belos e fortes, uma sugestiva urdidura de entremos históricos, de grandes quadros vigorosos e épicos vividos pelo morto imortal que buscávamos biografar, morto inesquecível que palpita nestas páginas sem brilho nem sedução. As narrativas que neste volume se encontram não são movimentadas como deveriam; aparecem anemicamente enfeitadas de adornos pobres, espatuladas de medíocres ornatos, em pálidos coloridos descritivos.

Tivemos em mente escrever um livro que pudesse inspirar fé, entusiasmo e amor, que são os mais nobres e mais doces sustentos da existência. Um livro idealizado para ser um círio humilde e devoto, aceso no óleo puro do amor e pousado no santuário de um grande homem — o maior vulto da galeria de vultos ilustres da história de Pinhal. De tal homem, no entanto, aqui apenas deixámos um esquema, um torso apenas, vagamente entrevisto num esboço, num pálido ou esmaecido debuxo de uma mensagem mais lírica e comovida que histórica. A intenção mais íntima, o anelo mais secreto dos autores deste trabalho é o de subministrar às gerações porvindouras uma carinhosa recolha de achegas e subsídios, uma coleção de informações e dados históricos ao lúcido

historiador que ainda há-de vir do Cardeal LEME. Dessarte, mais que às galhardas e víçosas gerações presentes, este livro destina-se à leitura e consulta de pósteros (para não dizer das multidões morais que ainda vão nascer).

O cardeal LEME é um dos homens mais perfeitamente biográficos que não existiram. Um homem que a ira ou a cólera jamais toldavam a limpidez do raciocínio, a serenidade do sentimento; individualidade que nenhuma ponta de orgulho vinha oblietar a tranquilidade do espírito; ente cuja perene beleza interior jamais era perturbada por movimentos de vaidade. Contrariando o velho SÓCRATES, seu excessivo amor pela beleza nunca lhe provocou qualquer espécie de afeto impuro, nem seu exagerado amor pela sabedoria tampouco lhe despertou presunção e orgulho.

A humildade era a substância dos pensamentos do nosso cardeal.

Seja-nos relevada a ambiciosa e excessiva ênfase, a mediocridade de nosso pensamento pobre e procurado, a falta de brilho de nosso modo de escrever inteiramente distanciado do estilo nítido e limpo dos escritores que criam prosas e arte. Nossa forma de escrever não é sempre despojada, descarnada, seca, enxuta, como exige a fria redação das crônicas históricas. Muita vez abandonamos a metódica e escrupulosa e ordenada exposição dos fatos e episódios para cairmos numa espécie de exemplar petulância dos inexperientes, dos não-amadurecidos na ciência que procuram versar ou professar. De outras vezes as descrições não passam de sonoras arrumações de palavras, coisas próprias dos líricos movimentos da alma juvenil, das íntimas ebulições de espíritos ainda sem erudição completa...

Uma coisa porém permanece intacta: o calor, o entusiasmo, a vibração não dissimulados que forram e embeberam o nosso amor por Dom LEME. Nada empana nem obscurece nossa fascinação pela nobre figura do cardeal, pela sua vida rica, pelo seu caráter antigo, pela sua fulgurante personalidade. Nosso fervor por esse grande homem não é tísido por nenhum vislumbre de *boswellism*, ou "doença da admiração", mas por um entusiasmo profundo, inteiramente queimado na capela ardente do coração.

Que este livro — pequena e humilde vela da nossa devoção — não seja amesquinhada pelo sarcasmo ou pelos ultrajes da incompreensão premeditada. Que se não venham a afirmar, ultrajosamente, que nosso intuito foi somente o de colorir frases sem substância histórica, ou que fomos movidos unicamente pela vaidade, sem nos preocuparmos em imprimir tintas de verdade às palavras que escrevemos. Enfim, que apenas tivemos o cuidado de despejar fatuidade em petulantes torneios verbais.

Vasado ou não em pobre e pretensiosa linguagem, este livro é uma tentativa de mergulhar numa alma complexamente rica, alta, vasta, profunda e original, sondagem num ser cuja superior, delicada, fascinadora, casta e cristianíssima beleza de espírito, inteligência e coração talvez jamais será conhecida por ninguém. Nosso livro, como há momentos dissemos, resultou de um trabalho de elaboração vária, desigual, apressada e nervosa, feito de anotações esparsas, dispersas, fragmentárias, colhidas aqui e ali, de sorte que lacunas a preencher, defeitos a atenuar e corrigir, arestas a polir ou remover, desacertos e impropriedades a apagar ou esfumar nele decerto os haverá em abundância. E ainda por estas máculas e fraquezas, próprias das naturezas amorosas e entusiasmadas, pedem os autores excusas ao leitor indulgente, aos estudiosos diligentes e meticulosos.

Tolerância, benignidade e compreensão — eis o que os autores desta modesta biografia do grande Cardeal brasileiro mais carecem, mais desejam e mais esperam de seus leitores em geral.

Somente a grande arte poderá dar vida, sedução, colorido e harmonia ao Augusto e poderoso assunto deste livro, à comovente textura ou maravilhosa substância deste precioso tema, que nós, nesta pobre tentativa de biografia, apenas fizemos desbotar. O tema ficará, contudo, ao escritor de talento, capaz de escrever uma obra que forçosamente empolgará, arrebatará os pósteros. Biógrafo de gênio, que necessariamente fará cintilar de maneira imortal, em páginas elevadas em acentos de profunda e perfeita beleza, a personalidade opulenta do nosso Cardeal.

Não tardará o dia — disto temos plena certeza — em que a poderosa imagem de Dom LEME será espiritualizada como deve e merece pelo calor que

vem das grandes palavras e dos grandes livros. Não tardará o dia em que essa imagem fulgirá, indelevelmente, no poema solitário dos heróis. Em sínteses fortes, definitivas, seu sereno vulto de apóstolo será desenhado e retocado com apuro pelos artistas do verbo, pelos ceramistas da palavra.

Sim, o seu MICHELET já está nascendo nas brumas da posterioridade; o seu TÁCITO ainda irá surgir dos abismos do futuro; o seu PLUTARCO não deixará de emergir das profundezas do porvir para brunir e gravar, em páginas realmente históricas, o perfil do levita extraordinário, a silhueta do apóstolo que abriu entre as estrelas as estradas dos ideais eternos.

Todos os pintores sentirão desejos de pintar o vulto do Cardeal, todos os escultores quererão esculpí-lo, todos os poetas terão desejos de cantá-lo. E somente então sua memória imperecível será vastamente compreendida e purificada pelo amor de todos os homens e de todas as mulheres.

O grande edifício da vida moral, intelectual e espiritual de Dom SEBASTIÃO LEME ainda está para ser construído. Mas o porvir já se prepara para essa tarefa grandiosa; o futuro já se movimenta para essa empresa sedutora: esta será a sua tarefa gloriosa, a sua mais doce e harmoniosa empresa — a magnífica missão de revelar ao mundo o espetáculo soberbo de uma existência inteira consagrada ao serviço da Religião e da Pátria.

Do perfeito e infinito amor desse luminoso parto do futuro — outra coisa de que temos inteira certeza — nascerá, divinizada, a figura do nosso cardeal. Figura que se conservará para sempre íntegra, imortal, perfeita, marmórea, definitiva, esponencial, fulgurante, legendária, eterna — agigantada sentinela dos séculos e das idades. Sua memória ficará boiando serenamente sem oscilações num grande culto de devoção humana; flutuará acima mesmo dos ventos da fantasia. Será um vulto a viver tranqüilo e eterno até a mais remota e infinita posteridade.

Para terminar: Se este fatigante, singelo e despolido livrinho conseguir tornar-se pequena e útil pedra para o levantamento do belo e magestoso edifício da vida do Cardeal, se ele lograr alcançar a honra e o mérito de ser elemento dessa brilhante e severa missão dos pósteros, desse sisudo e edificante dever

do futuro historiador de Dom LEME — desde já os autores se confessam meios desiludidos de seu trabalho e mais recompensados de seus penosos esforços, e até esquecem a aspereza de suas canseiras e fadigas, o pesadume de suas vigílias e sacrifícios.

NOTA — Aos leitores que nos lisongearem com sua bondosa atenção e que por ventura possuam dados e informações absolutamente autênticas e documentadas a respeito da vida admirável do não menos admirável Cardeal-arcebispo Dom SEBASTIÃO LEME DA SILVEIRA CINTRA, solicitamos a fineza de não-los remeter ou de não-los comunicar o local onde os podemos procurar, ou desencantoar, a fim de serem fecundamente aproveitados e articulados no corpo deste trabalho, que, assim, aparecerá enriquecido de novos e exatos subsídios, correspondendo melhor à dignidade e às finalidades do que nos propuzemos realizar.

A todos os que nos honrarem com a delicadeza de sua atenção e de seu interesse, desde já nos confessamos profundamente gratos e cheios de reconhecimento.

CAPÍTULO PRIMEIRO

A MENINICE DO CARDEAL

(1882 - 1894)

I. - A MENINICE DO CARDEAL

Nota ou preâmbulo mais que indispensável. - Este capítulo é de redação do autor, os informes ou dados históricos, em sua mor parte, foram coletados em pesquisas demoradas, feitas por FRANCISCO SILVA COSTA, jornalista pinhalense. Trata-se de um relato histórico, de cunho a um tempo concreto e imaginativo, acerca da infância do cardeal LEME, até os doze anos de sua idade. Capítulo, ainda, da biografia do nosso cardeal absolutamente original, integralmente inédito. Não existe em parte alguma sinal de escrito que nos conte a história dos primeiros doze anos da vida de Dom LEME. Como, igualmente, nada existe que narre a vida de seus pais, os quais permanecem também sem biógrafos.

Isto assim dito passemos à narrativa da infância ou

MENINICE DO CARDEAL

Nasceu Dom SEBASTIÃO LEME DA SILVEIRA CINTRA a 20 de Janeiro de 1882, nesta pequena porém bela e encantadora cidade paulista de Espírito Santo do Pinhal. Foram seus pais o professor primário FRANCISCO FURQUIM LEME e dona ANA PIO DA SILVEIRA CINTRA, virtuosa e modestíssima senhora que haveria de receber o suave cognome de "mãe eucarística", de "anjo tutelar" de seu querido e estremecido filho SEBASTIÃO, filho único e amado com extremos de dedicação e ternura, cujos altos destinos iriam comover o profundo coração da Pátria Brasileira.

Segundo o calendário da Igreja, o dia vinte de janeiro é o dia consagrado ao glorioso SÃO SEBASTIÃO, isto explicando a razão por que o nosso cardeal recebera na pia batismal o nome de SEBASTIÃO, mostrando, outrossim, o fervor da fé católica de seus pais.

Conta-se que o nascimento do gracioso infante dera-se numa manhã chuvosa, numa singela casa de moradia da rua Marquês do Herval, em cuja entrada o Poder Público municipal, em anos ulteriores, fez pública e oficialmente gravar placa comemorativa do acontecimento. Ali, naquela residência simples e sem luxo, veio ao mundo o menino idealmente formoso que se tornaria Príncipe da Igreja Católica.

Contava o menino catorze meses de idade e o destino reservou-lhe um golpe cruel: orfanou-se de pai. Com a morte do prof. FURQUIM a educação daquela extraordinária criança ficou inteiramente confiada aos amorosos cuidados de sua admirável progenitora.

Consentiram os fados benignos que a notável criança fosse batizada na paróquia de Moji-Mirim, o que efetivamente se deu em 19 de Março de 1882. Permanecem desconhecidas as razões pelas quais o batismo de SEBASTIÃO foi realizado naquela bela cidade de nosso Estado.

Sua mãe, ao tempo do nascimento de seu idolatrado filho, achava-se adocentada, não tendo leite para amamentá-lo, o que foi feito por dona CAROLINA DA COSTA FLORES, prestimosa dama que residia em casa fronteira e amiga íntima da família de dona ANA PIO. Dona CAROLINA DA COSTA FLORES era a muito digna e nobre esposa do finado e sempre lembrado RAFAEL DA COSTA FLORES, chefe de uma das mais representativas famílias de Pinhal.

O rebento provindo do ventre honrado de uma mulher pobre, posteriormente cardeal da Igreja de Roma, além do afeto que recebia no lar doméstico, passou a frequentar as aulas do Colégio Ávila local, onde foi matriculado. Desde então o menino SEBASTIÃO revelava natural e invencível pendor para as coisas de Deus, manifestava vivas e prematuras disposições para a vida da Igreja. Contava então doze anos de idade.

Diremos, ainda, a traços largos, que um ideal se formara no mais íntimo do menino. Uma vocação o chamava. Uma chama se acendera em seu peito. Queria ser padre, iria sim estudar para padre!...

Aquele menino era de índole delicada e religiosa e recebia de sua extremosa mãe a melhor educação cristã. O menino sempre ouvia a voz materna, voz bondosa, terna, inconfundível e sempre a lhe dar conselhos. Oh! Como era bom escutar a voz da mãe, voz melodiosa, suave, leve. A mãe apertava-o de encontro ao peito cheio de amor, ou alisava-lhe os cabelos que lhe caíam sobre os ombros em cachos castanhos. Ele tomava a mão materna entre as suas, segurando-as com firmeza. Amava aquelas mãos, aquela voz, com grande ternura.

Dona ANA PIO, em seu terno coração de mãe, decerto pressentia que seu lindo filho estava predestinado a exercer um papel muito especial, muito

extraordinário na vida do País ou da Igreja. Viria ele, com toda a certeza a ser uma grande pessoa, para o bem de todos.

A mãe de Dom LEME era abnegada, afetuosa, esforçada, levava vida de trabalho árduo, de contínua atividade. Vida infatigável, de muita diligência, fidelidade, constância. Vida dura e sem queixas, sem lamúrias, corajosa e nobre. Esta natureza afetuosa exibia segurança da mais excelente qualidade. Sua dedicação ao filho era exemplar.

O cardeal sempre referia-se à mãe como a uma santa. Era "en effet" mãe suave, simples, obediente aos ditames da religião e do marido. Fizera da submissão uma força e seu único filho decerto a confundia, no íntimo, com a Virgem Maria, a mãe de Deus.

Dom LEME era, por natureza, um menino intelectualmente bem dotado; foi criado como criança sem medo, descontraída, para tudo dizer em termos simples e justos. A grande e vital necessidade básica de afetuosas relações pessoais que sente toda criança foi plenamente satisfeita por aquela mãe modelar.

Dona ANA PIO não era pinhalense, pois nascera na cidade de Amparo, neste Estado. Para viver e sustentar o filho, exercia o cargo de porteira do Grupo Escolar "Dr. José de Almeida Vergueiro"; para reforçar a economia doméstica, que era parca, "costurava para fora", para ganhar, não profissionalmente mas como atividade isolada, esporádica, eventual. Não possuía "clintela" ou "freguesia", no sentido jurídico do termo, mas atendia a pedidos ou encomendas de nobres damas de distintas famílias locais, que assim agiam para ajudar a magra economia daquela mãe sublime.

A cidade do Divino Espírito Santo era então muito pequena, modesta, de vida monótona. Seu comércio era incipiente, sua indústria era quase nenhuma. Instrução pública, pouca, rede sanitária precária. Cidade quase sem jornalismo. Existência social sonolenta, de raro em raro despertada pela palpação cívica ou ruído festivo de alguma comemoração de data nacional. Suas casas eram de construção antiquada, ruas empoeiradas, sem calçamento; moravam ali cerca de dois mil vizinhos. As ruas eram mal iluminadas, quietas e de pouco movimento. Havia tédio em tudo; as coisas pareciam bocejar. Um ou outro carro passava na rua, levantando nuvens de pó. Esta, em linhas muito gerais, a cidade fundada por ROMUALDO DE SOUSA BRITO e sua mulher, em 1849. O cardeal nasceu trinta e três anos após a fundação.

Antemanhã, já, no amiar dos galos, dona ANA PIO estava desperta, aprontando-se para ouvir o santo sacrifício da missa, para comungar e logo depois dirigir-se ao Grupo Escolar, em cuja portaria trabalhava.

Velhos e insuspeitos moradores do lugar contam que dona ANA PIO comungara todos os dias, durante trinta anos. Foi Presidente do Apostolado da Oração. A cooperação, a dedicação dela eram tantas que todos os párocos que a conheciam diziam que ela era "o braço direito do vigário".

Esta zelosa e admirável mulher dedicava-se, também, aos labores de enfermeira, tratando mesmo de doentes portadores de doenças contagiosas.

Enquanto sua mãe entregava-se aos pesados labores da vida, o pequeno SEBASTIÃO ia a escola, estudava ou errava pelas ruas da cidade, junto a seus companheiros de alegria e folguedos infantis. Mas não somente de divertimentos cuidava o menino, pois, além de frequentar as aulas do Colégio Ávila, executava trabalhos domésticos, que sua mãe, com doce energia, o encarregava de executar.

Desde cedo Dom LEME revelou que era serviçal, trabalhador, além do costume de brincar muito à porta da casa do JOÃO TEODORO, ou nos pastos onde hoje se ergue o Asilo da Mendicidade. O Colégio Ávila situava-se à rua Dr. Vergueiro.

O menino aprendera a trabalhar com sua própria mãe. O trabalho era uma constante na vida de sua mãe, desde que enviuvara, contando ele menos de dois anos de idade. A vida é profundamente antisenfimental e se requinta em torturar todos os que vivem pelo coração. Mas aquela santa mulher, aquela "mulher forte" como as letras sagradas dizem, não desanimava nunca, não se abatia jamais.

Aquele obscuro órfão, que a sabedoria de Deus escolheria para ser o seu ministro na terra, estudava com afino e trabalhava com dedicação. Era enorme o seu desejo de aprender e compreender e ser útil. No nobre intuito de poupar conseqüências à sua mãe, de ajudá-la no sustento do lar, empregava-se em casas comerciais da cidadezinha. Foi, para citar um exemplo, empregado no "Bazar Pinhalense", de propriedade do Sr. Major MANOEL JOAQUIM GONÇALVES, ao qual tornou-se até o dia de hoje devedor da quantia de oito mil réis (oito cruzeiros), referente à compra de um par de calçados.

Mal se poderia acreditar que os pézinhos daquele menino, empregado do sr. GONÇALVES, viriam um dia pisar o suntuoso pavimento dos palácios

e catedrais do país e do estrangeiro. Mal se poderia admitir que aquelas mãozinhas do menino pobre, filho da porteira do Grupo, viriam abençoar e serem beijadas por milhares de devotos e fiéis.

2 - A MENINICE DO CARDEAL

Colhemos, em bem lançado artigo de MAC-AGNUS (pseudônimo do brilhante intelectual mineiro MÁRIO DE ASSIS CORDEIRO), precioso subsídio acêrca da vida e obra do insigne cardeal Dom SEBASTIÃO LEME DA SILVEIRA CINTRA, ilustre filho de Pinhal, legitimamente considerado "o maior dos pinhalenses", fornecido por Francisco da Silva Costa.

O cardeal, nascido em Espírito Santo do Pinhal em 20 de janeiro de 1882, foi inicialmente amamentado pela Exma. Sra. Dona CAROLINA DA COSTA FLORES, muito digna esposa do Sr. RAFAEL DA COSTA FLORES, um dos mais antigos e distintos casais da sociedade pinhalense.

O nascimento da nobre criança ocorreu em modesta casa da rua Marquês do Herval, n. 150.

Dona CAROLINA FLORES, naquela ocasião, amamentava uma sua filhinha, mais tarde Dona FRANCISCA FLORES DA SILVA, nobilíssima dama ao depois denominada a "irmã de leite do Cardeal".

O cardeal tinha como pais Dona ANA PIO DA SILVEIRA CINTRA e o professor primário FRANCISCO FURQUIM LEME. ANA PIO era natural de Amparo, deste Estado; enviuvando-se, casou-se em segundas núpcias com o sr. ANTÔNIO S. NOGUEIRA.

Dona ANA PIO também ficou conhecida pelo nome de ANA PIO DA SILVEIRA SALES, ou simplesmente Dona ANA SALES, em razão desse segundo enlace ou casamento.

O menino SEBASTIÃO LEME foi batizado em a vizinha paróquia de Mogi Mirim. Serviram-lhe de padrinhos seus parentes PAULINO CÂNDIDO FURQUIM e DELFINA DA SILVEIRA CINTRA. Realizou o batismo o Padre JOÃO ÊBOLI, vigário da citada paróquia.

O filho de Dona ANA PIO foi batizado em 19 de março de 1882, figurando no batistério com o nome de ANA CÂNDIDA DA SILVEIRA LEME.

Gravou-se uma inscrição na pia batismal da paróquia de Mogi Mirim: "Nesta pia foi batizado o Cardeal Leme".

O batizado em questão acha-se registrado no Livro de assentamentos de Batizados da Paróquia de Mogi Mirim, a fls. 151, livro este que consta dos arquivos da Cúria Diocesana do Bispado de Campinas.

Dom LEME foi "supremo delegado Divino na Terra Brasileira, sustentáculo inamovível do Poder Espiritual". Tornou-se bastante conhecido por sua "trajetória refulgente".

Foi órfão de pai desde os seus primeiros catorze meses de existência.

Homem profundamente simples era o que estava predestinado a "assumir a cátedra suprema da catolicidade brasileira", a ser o segundo e excelso purpurado brasileiro, sucedendo a Dom JOAQUIM ARCOVERDE CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, cardeal e Arcebispo Metropolitano do Rio de Janeiro.

"Que os exemplos de Dom LEME, para muitos, sejam o início de uma nova era e que em outros despertem os seus sentimentos latentes, aprisionados por falsos preconceitos e que para todos, em suma, sejam um roteiro de luz".

"Estejamos cônscios de que, junto ao trono do Altíssimo, a serenidade do olhar de Dom LEME repousa sobre o seu idolatrado Brasil, advogando as bênçãos celestiais para a nossa Pátria".

"Como ANATOLE dissera sobre ZOLA, que este num minuto condensara o sentimento da humanidade, podemos proclamar que o 2º Cardeal do Brasil, a mandado da Providência e por esta assistido, não num minuto, mas para todo o sempre, ocupou os corações dos brasileiros e foi o sentimento celestial nesta incomensurável Pátria".

"Dom SEBASTIÃO LEME é o Paulista que faz jus à heráldica dos vales bandeirantes — é o bandeirante espiritual do Brasil, que empunhou dois estandartes sublimes: o da Pátria e o de Cristo!" (Palavras escritas em 15 de setembro de 1948).

"Dom LEME, um dos mais humildes e ao mesmo tempo um dos mais brilhantes servos do Eterno, nasceu em a pequena cidade de Espírito Santo do Pinhal, em um período em que a cidade já era um núcleo populacional, "já elevado à categoria de Comarca, devidamente aparelhada com os órgãos administrativos e judiciários, indispensáveis à sua nova posição hierárquica."

"Possuía, já, concomitantemente, a sua Santa Casa de Misericórdia, Delegacia de Polícia, Câmara Municipal, Justiça Pública, partidos políticos. Já em 1882 a cidade estava ligada à Capital do Estado pela via-férrea da Cia. Mogiana.

"Conquistara Espírito Santo do Pinhal o seu lugar entre as comunas

Paulistas, marchando, "pari-passu" com as outras, em busca dos seus eternos destinos."

"Os pinhalenses forjavam os homens do porvir, e, em meio a essa eclosão humana, surgiu o seu maior filho, a quem o Senhor escolhera para conduzir as suas almas, na Terra de Santa Cruz."

"Dona ANA PIO DA SILVEIRA CINTRA, mãe do "menino que mais tarde representaria o lábaro do catolicismo no Brasil, o Príncipe da sua Igreja", levava vida singela e modesta: exemplar dama de princípios e sentimentos cristãos, trabalhava incansavelmente. Além de ser exímia costureira, desempenhava, também, as funções de porteira do Grupo Escolar "Dr. Almeida Vergueiro".

"Possuía Dona ANA PIO, na sua juventude, traços fisionômicos de singular beleza, dando-lhe ao porte grande irradiação de simpatia, predicado que conservou até que o seu espírito transpôs as fronteiras terrenas".

Dona ANA PIO, por ocasião do nascimento de seu filho SEBASTIÃO, contava apenas dezessete anos de idade. Ela, como dissemos mais acima, era natural de Amparo-SP, de prendas domésticas, filha de CÂNDIDO DA SILVA FRANCO e de DELFINA CINTRA DO AMARAL PINTO. Nasceu em 22 de Julho de 1865 e faleceu em 2 de Fevereiro de 1919, em Recife-PE, contando cinquenta e quatro anos de idade.

Em 1939, por determinação de Dom LEME, os restos mortais de Dona ANA PIO foram transportados para o Rio de Janeiro, sendo sepultados no Carmelo da Santíssima Trindade (Todos os Santos, Rio).

"A modesta residência do casal FURQUIM-ANA PIO situava-se à rua Marquês do Herval, n. 150, com parcas acomodações, de estilo puramente humilde. Havia na casa, ao todo, uns quatro cômodos, com um quintal, no qual floresciam hortaliças e outras plantas caseiras, e, no terreiro, aves eram criadas. A casa, sem embargo da sua pobreza, primava pelo rigoroso asseio e tudo respirava o ar da mais nítida ordem".

"Donana (assim era chamada a mãe do cardeal) trazia para o lar os meninos do Grupo Escolar e, para eles, como doceira consumada, oferecia-lhes guloseimas e saborosos quitutes; para os mais pobres, além da comida, dava-lhes vestimentas ou indumentárias concernentes a ambos os sexos. Enfim, Donana punha, com religiosa convicção, em prática os mandamentos divinos."

Esta mãe admirável "devotava sagrado respeito a todos os preceitos da

Igreja e, diariamente, assistia aos seus ofícios, contrita, estática. Ajudava na ornamentação dos altares do Templo, confeccionando toalhas, retificando as vestes paramentais, enfeitando a Igreja com apurado gosto, na austera realidade de Deus. Era apontada por todos como exemplo de virtudes reunidas, em cujo coração frutificava a seiva da alma temente a Deus. Quando se dirigia ao Templo, o que fazia todos os dias, era vista em contemplações divinas, como se, naqueles momentos, recebesse a incumbência de fazer germinar Aquele que seria um dos denodados defensores de Cristo."

"O braço direito do vigário" --- chamavam os que a conheciam bem.

"Era constantemente dividida no Altar da Virgem Santíssima na Igreja Matriz, todo enlevada e aos Céus pedia um filho varão que seguisse a trilha do sacerdote e, em êxtase, ficava, rogando as bênçãos do Paraíso."

"Possuía Donana a meiguice de mulher compenetrada dos seus deveres, a decisão de uma heroína, o estoicismo de santa, sendo o seu exterior impressionável pela singeleza de atitude, inspiração no falar, traços fisionômicos corretos, reverberantes de fidalguia de ações, que a todos cativavam."

"Quando da sua mocidade, em sua paróquia era a desvelada enfermeira de todos os doentes, passando à cabeceira dos mesmos noites inteiras. Preparava-os, quando desenganados, para a recepção dos Sacramentos e, nos últimos instantes, vestia-lhes a mortalha, confortando os parentes." (Estes últimos tópicos, a partir de "Era o braço direito do vigário", foram extraídos de R.I.P., "In Memoriam de Ana Pio da Silveira Salles", publicado em Recife PE, em 1919).

Dona ANA PIO era mulher singularmente caritativa, muito condoída com a situação dos mendigos, distribuindo com eles o que podia, o que sua situação financeira permitia. "À sua habitação acorriam todos os mendigos de Espírito Santo do Pinhal, os quais, além de receber lenitivo para os seus males físicos, eram refeitos com confortos espirituais, com palavras que, perpassadas do mais edificante amor, brotavam dos lábios de Donana."

Dissemos que muito desejava ela ter um filho varão: Deus, por fim, satisfizera-lhe e atendera suas ardentes preces, tomando seus sonhos de mãe uma realidade viva, palpável: o fruto de suas entranhas nascera e era um rebento varão --- um menino que seria mais um dos benditos "escolhidos do Senhor". Seria o glorioso Cardeal Dom SEBASTIÃO LEME, honra e luminar da Igreja na América Latina.

A MENINICE DO CARDEAL 2

Os informes, dados e achegas históricas a seguir expostos foram colhidos em artigo de autoria do distinto escritor patricio MÁRIO DE ASSIS CORDEIRO, redigido com a colaboração de FRANCISCO DA SILVA COSTA, em 1948 para a revista paulistana "Magister", extinta. O pseudônimo do beletrista ou literato em apreço é MAC-AGNUS, sendo ele do rico Estado montanhês.

"Chegados do município de Amparo, denominado então Nossa Senhora do Amparo, aportaram — FRANCISCO FURQUIM LEME e sua mulher ANA PIO DA SILVEIRA LEME — na localidade de Nova Louzã e se dirigiram à "Fazenda Nova Louzã", propriedade agrícola suntuosa, do Comendador JOÃO ELISIÁRIO DE CARVALHO MONTE NEGRO, bondoso lusitano, celibatário de dignidade inatacável".

"O Comendador MONTE NEGRO contratou, para administrar a sua Fazenda, LUIZ DA SILVEIRA CINTRA, casado com Dona CONCEIÇÃO DA SILVEIRA CINTRA, cônjuges que viviam dentro dos sagrados postulados do Senhor, na mais reta existência de respeito e probidade".

"Na "Fazenda Nova Louzã", como dizíamos, o professor FRANCISCO FURQUIM e DONANA SILVEIRA LEME foram recebidos por LUIZ e CONCEIÇÃO, seus parentes, com festivas provas de carinho e alegria, com júbilo não contido".

Era esse o dia 19 de Janeiro de 1882.

DONANA PIO achava-se, então, grávida, em adiantado estado de gestação. No dia seguinte, dia 20 de janeiro, dia que o calendário religioso assinala como sendo consagrado a São Sebastião, a jovem senhora passou a sentir as dores do parto, além das tonturas e fastio peculiares ao seu estado orgânico. Nas palavras do artigo que estamos reproduzindo:

"Fora, afinal, DONANA acometida das dores que precedem ao parto e que sinalizam tal acontecimento. Retirando-se da mesa (onde se servia um farto almoço à moda roceira), cercada de atenções gerais, quedou-se, num singelo catre, febril, lânguida, inerte de qualquer atitude."

"DONANA, mesmo em meio às aflições naturais ao seu estado, antegozava ver o filho que brotaria das suas entranhas."

"Lívida, olhar semi-cerrado, ouviram-na balbuciando:

"- Senhor, meu Deus! Se esta é a vossa vontade, como tão grande é a minha, permiti meu Deus, seja o fruto do meu amor, a vida da minha vida, o sangue do meu sangue, um varão que, no Mundo, a vosso serviço, empunhe o arquite do vossa onipotência."

"Há questões indezaváveis, dizemos nós, insolúveis pela equação da ciência, impenetráveis pela inteligência humana, entre muitas, vejamos esta:

"DONANA achava-se às portas da "délivrance", com ineável sintomatologia da hora decisiva para as parturientes, diagnosticada pelas conclusões obstétricas, pronta para dar à luz da vida a um novo ente e, apesar dos incoercíveis princípios naturais, das ponderáveis leis humanas, ali na "Fazenda Nova Louzã, como tudo fazia crer, não nasceu o menino SEBASTIÃO."

MÁRIO DE ASSIS CORDEIRO, portanto, lúcido e brilhante historiografo do cardeal, põe por terra, definitivamente, uma velha e arraigada versão segundo a qual, erroneamente, se afirma ter Dom LEME nascido em Nova Louzã, distrito de Mogi Guaçu e município de Mogi Mirim, sendo ele, eo ipso, guacuano ou mogimiriano. (!)

Prossegue MÁRIO DE ASSIS CORDEIRO, em sua bela narrativa:

"No singelo catre em que se repousara, na Fazenda dos seus queridos parentes, pródigos em carinhos, ao lado de FRANCISCO FURQUIM, seu virtuoso marido, em dado momento sentiu-se como que tocada pelo agudo fio de agulha, obrigando-a a levantar-se."

No momento sentia-se movida, impelida por ventos desconhecidos. Tinha a impressão de ouvir imperiosas determinações divinas. "De pé, imperiosa, a despeito de tudo e de todos, zombando das leis naturais, biológicas, das exigências cruciantes da hora que atravessava, comunicava a sua decisão de ir para Espírito Santo do Pinhal, de maneira inapelável."

Em resumo, mostrou-se irrecorrivelmente disposta, decidida a dar à luz em Pinhal e não ali, em Nova Louzã. Tomara súbita resolução, manifestação inesperada de sua vontade de parturiente, querendo a todo custo que seu filho, o rebento de suas entranhas, nascesse ou viesse ao mundo em terras da cidade que ostentava o nome de Espírito Santo, que trazia como emblema o Espírito Santo Santo de Deus.

Não havia em tal decisão um flagrante "determinismo do Além?" É de crer que sim!

DONANA queria, ansiosamente, que seu pequerrucho abrisse os olhos para a alegria de luz e movesse os lábios para a harmonia da palavra, “debaixo das promanações divinas”, ao aroma suave das serranias pinhalenses, sob as brisas meigas que sopram de um dos contrafortes da Serra da Mantiqueira.

“Tocada pelos ditames íntimos, inspirada pelo que somente ela podia ouvir, alto privilégio das almas retas, ao ocaso do dia 19 de janeiro de 1882, em companhia do seu dedicado esposo, DONANA conduzida num carro tirado por dois cavalos, buscava as plagas de Espírito Santo do Pinhal.

“De nada valeram as instâncias de seus parentes LUIZ e CONCEIÇÃO, os rogos de seu esposo e da parteira que lhe dava desvelada assistência.

“DONANA resolvera partir.

“Ela, sempre tão meiga, submissa, toda ouvidos, transformara-se naquela hora.

“Nela escolhera o Altíssimo o instrumento perfeito para as suas celestiais resoluções.

“Estava escrito!”

Ao despontar do dia 20 de janeiro de 1882, debaixo de chuva, nascia em Pinhal, à rua Marquês do Herval, 150, o menino que na pia batismal receberia o nome de SEBASTIÃO, filho de FRANCISCO FURQUIM LEME e de Dona ANA PIO DA SILVEIRA CINTRA.

Nascera, modesta e humildemente, o futuro e grande servo de Cristo e da Igreja, um dos maiores condutores de fiéis católicos em terras de Santa Cruz.

O nome de SEBASTIÃO lhe foi dado por o seu nascimento coincidir com o dia em que se homenageia, no calendário da Igreja Católica, o grande santo, mártir e taumaturgo São Sebastião, excelso padroeiro da cidade do Rio de Janeiro.

O nascimento do menino SEBASTIÃO ocorreu pela madrugada, em meio à alegria dos pais e contentamento geral dos presentes.

Prólogo mais que indispensável. - Este capítulo foi inteiramente redigido por mim, os subsídios ou informes históricos é que foram coligidos por FRANCISCO SILVA COSTA, estimado jornalista local e pesquisador esclarecido das coisas, vultos e acontecimentos do passado histórico de Pinhal. As pesquisas feitas o foram até à idade de doze anos do cardeal. Foram consultados documentos e ouvidos atentamente os chamados “antigos moradores do lugar”, testemunhos transeuntes mas uma espécie de “história viva” da cidade. Os fatos aqui narrados o estão sendo pela primeira vez, posto que não existe escrito algum em parte alguma a revelar ou contar a crônica dos primeiros doze anos do cardeal LEME, cujos progenitores ainda permanecem sem biógrafos.

Isto assim dito passemos à segunda parte da narrativa que fizemos acerca da

MENINICE DO CARDEAL

Corria o ano oitenta e dois do século passado quando, a 20 de janeiro, pela manhã de chuva, nascia um lindo menino nesta cidade de Pinhal, numa modesta casa residencial da rua Marquês do Herval, e que na pia batismal da paróquia de Mogi Mirim iria receber o belo nome de SEBASTIÃO, nome do glorioso santo padroeiro do dia. A referida e mais tarde divina criança era rebento do casal Prof. FRANCISCO FURQUIM LEME e Dona ANA PIO DA SILVEIRA CINTRA, esta nascida na cidade paulista de Amparo.

Nada custa repetir aqui que o menino perdera o pai quando contava um ano e dois meses de idade, ficando, então, inteiramente entregue aos cuidados de sua virtuosa e extremosa mãe. Sua progenitora, a fim de concluir a esmerada educação que dava ao filho no recesso do lar, matriculou-o no Colégio Ávila local, sito à rua Dr. Vergueiro.

Princípio de elementar honestidade manda-nos confessar que não nos é possível conhecer tudo o que de importante ocorreu durante a humilde e encantadora infância do Cardeal LEME até os seus doze anos de idade, passados nesta cidade. Após este marco etário vamos encontrar o menino SEBASTIÃO

no Seminário Episcopal de São Paulo. Mais precisamente: feita a primeira comunhão, em 3 de junho de 1894, recebida pelo menino das mãos do Pe. JOÃO PAULO ROBERTO, então vigário da paróquia de Pinhal, sua mãe, nesse mesmo ano de 94, a 1. de setembro, decidiu e realmente matriculou-o no já mencionado seminário da Capital. De lembrar-se, igualmente, que aquele irrepreensível menino católico já era aluno de catecismo e coroinha do Pe. ANTÔNIO PEREIRA REIMÃO. Fatos estes que claramente demonstram que o menino desde cedo vivia na doce intimidade de Jesus, manifestando vocação para ser padre, vocação que trazia nas raízes subterrâneas do ser, nos tecidos ou nos tecidos mais profundos da alma.

Sem dúvida, todos os sonhos do menino SEBASTIÃO resumiam-se num só: ser padre. Este devia ser o seu sonho mais fiel, porque o sonhava sempre.

Dona ANA PIO, sua mãe, alimentava ou estimulava este doirado sonho. Dom LEME teve esta grande sorte, ter uma mãe capaz de consolá-lo, de bem aconselhá-lo. Há os que percorrem caminhos penosos no labirinto de suas vidas, ferindo-se de encontro a ramos de espinhos, sem achar nunca quem lhes dê alívio ou consolo. Infelizes são todos os que não têm mãe que lhes seja bálsamo para suas mágoas ou feridas...

O nosso cardeal viveu sua infância cercado pela carinhosa solicitude de sua mãe, pela afeição terna e vigilante de uma santa mãe. Dona ANA PIO, seja-nos lícito repetir esta verdade, era uma mulher de grande e nobre coração, velava pelo filho com extremos de constante dedicação. Os testemunhos todos são de que ela era afeiçãoada ao filho, com muita ternura, com afeição materna enternecedora e de extraordinária beleza. Era um amor que nada arrefecia ou diminuía. Um interesse amoroso tão profundo que ela só pensava no filho, só trabalhava para ele, vivia somente para ele...

O menino SEBASTIÃO era muito inteligente, muito bem regulado do juízo, prometia muito e devia ser bem orientado para que não viesse a andar à deriva pela vida, não se desgarrasse do bom caminho. O Colégio Ávila foi bom para completar sua educação materna, como, naturalmente, o foi o seminário. Este confirmaria, estimularia e fortificaria as suas notáveis tendências, manifestadas desde tenra idade, para o sacerdócio católico.

Foram efetivamente bem aproveitadas as singularidades de nascença, as grandes aptidões naturais de Dom LEME. O menino deveria sair do mundo, não ser do mundo, para poder pertencer somente a Deus, à Igreja. Em lingua-

gem mística: "A ave sai do ovo. O ovo é o mundo. Quem quiser nascer tem que destruir um mundo. A ave voa para Deus."

Aquele menino encantador devotava comovedora devoção a SANTA TEREZINHA DO MENINO JESUS. A admirável e compassiva carmelita, a formosa santinha de Lisieux dominava de modo profundo o futuro Príncipe da Igreja, conquistou e embeveceu até o fim de seus dias a uma das maiores almas que se tem podido conhecer. Preocupado com amores assim tão doces, afundado em afetos assim tão elevados o infante de que aqui falamos deveria ter, como realmente teve, uma meninice encantadora e casta.

Dom LEME nunca esqueceu os dias infantis, os anos que viveu na terra onde nasceu e que tanto amou. Pinhal, para ele, era a "santa terrinha", como ele próprio dizia, torrão que ele amou com comovida ternura, com perfeito amor.

Já entrado em anos, obstinava-se em fazer estas ternas confissões de amor à terra natal. Gostava de evocar, reviver os quadros felizes da infância distante. No meio do rumor ilustre das homenagens e das festas, que influentes amigos e poderosos do mundo lhe rendiam amiúde, não esquecia a pequena e graciosa cidadezinha do interior onde nascera, brincara e penara, onde escutara os conselhos de sua mãe, mãe querida cuja voz era-lhe mais doce que as mais doces carícias... Cidadezinha obscura onde encontrara o calor de afetos definitivos e de toda a vida, como a amizade de um obscuro e venerando velhinho que sempre o acompanhava e que se chamava Pe. REIMÃO, antigo vigário de Pinhal, zeloso sacerdote que o ensinou a ajudar a missa, que, ao lado de sua mãe, o guiou nos primeiros passos para o sacerdócio.

Outra amizades definitivas e de toda a vida foram, igualmente, por ele, adquiridas em Pinhal. Para não mencionar outras recordemos, aqui, de passagem, a do saudoso JACOB WORMS JÚNIOR (Jacósinho), conforme provaremos, com carta, que publicaremos em anexo a este ensaio.

No sueto precedente a este referimos o fato de que o menino SEBASTIÃO, para ajudar sua mãe e reforçar o magro orçamento doméstico, empregava-se em casas comerciais da cidade. Citamos o caso do "Bazar Pinhalense", pertencente ao Sr. Major MANOEL JOAQUIM GONÇALVES, avô do prefeito de Pinhal, em anos futuros, e que se chamou MANOEL CARLOS, ainda hoje envolvido nas ondas da mais quente simpatia do povo pinhalense. A sua

colocação no "Bazar", do Sr. GONÇALVES, foi solicitada por PEDRO PINTO DE MOURA, tio do menino e que naquele tempo residia na cidade. E foi este mesmo dedicado parente que, juntamente com o proprietário da citada casa comercial e com o cônego REIMÃO, resolveram encaminhar o menino nos estudos eclesiásticos, tal como era aspiração intensa e comovida de sua mãe e dele próprio, SEBASTIÃO.

O menino tomava as refeições no próprio-establishment onde trabalhava, e o Sr. GONÇALVES, seu generoso patrão, quando ainda em vida, nunca deixou de testemunhar de público o quanto o seu pequeno empregado era correto, honrado, cumpridor de seus deveres, de temperamento dócil e paciente, humilde, respeitoso, obediente. Permanecia o dia todo no emprego, só saindo para ir à igreja, naquele tempo velho e tosco templo, onde servia de coroinha ao Pe. TERTULIANO VILELA DE CASTRO, pároco sempre recordado com emoção e com doçura de alma pelo eminentíssimo Cardeal LEME, em suas reminiscências de infância. Da igreja o menino rumava para o lar pobre mas honesto, de onde só saía no dia seguinte, de manhãzinha, a fim de ir ao local de trabalho, o qual invariavelmente iniciava prefixado ou combinado, entre ele e o patrão.

Tem-se como absolutamente certo que no "Bazar" de seu rico e digno protetor o menino SEBASTIÃO viveu horas de quase completa felicidade, sendo tratado pelo Sr. MANOEL GONÇALVES com urbanidade, trato atencioso, de tal forma que sua figura ou imagem gravou-se-lhe para sempre em sua retina, na placa sensível do cérebro. O cardeal LEME, anos e anos depois já nos altos postos e ministérios da hierarquia da Igreja, relembra com afeição filial da pessoa boníssima de seu patrão em Pinhal, ou melhor, de seu antigo benfeitor, escrevendo-lhe segundas cartas e telegramas, chamando-o carinhosamente de "velho patrão e amigo", participando-lhe todas as vitórias que ia conquistando em sua carreira, todos os seus triunfos no Brasil e no estrangeiro, todos os acontecimentos e passagens mais notáveis de sua vida. Dom LEME tinha imenso prazer em escrever ao Sr. MANOEL GONÇALVES, bem como ao seu mais que caro Jacózinho.

I - A MENINICE DO CARDEAL 3

Esclarecimento mais que indispensável. - Tomei a mim o encargo ou a responsabilidade de redigir este capítulo, enquanto que a FRANCISCO DA SILVA COSTA coube a tarefa de reunir ou coligir achegas e notícias históricas acerca da meninice de Dom LEME. O pesquisador em questão, nem é preciso dizê-lo, é jornalista bastante conhecido na cidade, investigador incansável da história da civilização pinhalense. É esta a primeira vez que se faz uma tentativa de pintar ou reproduzir, em linhas gerais, um quadro a respeito da primeira infância do Cardeal LEME.

Isto assim dito passemos à narrativa da

MENINICE DO CARDEAL

Os que nos seguirem até aqui puderam observar que o menino SEBASTIÃO, ao lado das tarefas escolares que executava no Colégio Ávila, onde fora matriculado por sua mãe, desempenhava, nas horas de folga, trabalhos em casas comerciais da cidade, com o nobilíssimo intuito de ajudar em casa, na economia doméstica, que era parca e magra, economia ou orçamento de casa de viúva pobre. Em tais condições — poderão objetar alguns espíritos superficiais — de que tempo disporia o pequeno e singelo órfão para brincar, para saltar muros, correr pelas ruas, praças e jardins, apanhar frutas no quintal do vizinho? Nada sabemos a este respeito. Contudo, deve ter sobrado tempo ao bulhoso infante para as arteírices próprias da idade, folguedos inocentes dos primeiros anos de vida, algumas vezes, decerto, deixando sua santa mãe amorosamente aflita ou contrariada. O pequeno era em extremo vivaz, era um garoto sadio e ágil. Suas brincadeiras infantis revelavam sinal certo de sua humanidade, de sua íntima grandeza.

Dona ANA PIO, a admirável mãe deste menino encantador, merece novas considerações. Não se é justo todos os dias, mas pretendemos sê-lo relativamente a esta admirável figura de "mãe eucarística", a esta esposa afetuosa e dedicada, a esta viúva extraordinária, lembrando aquela do óbolo, referida por Cristo, nos Evangelhos.

A comovente mulher trabalhava e esfalfava-se o dia todo, tanto no Grupo Escolar onde era porteira como nos afazeres domésticos ou caseiros. Suas

noites não eram perdidas, visto que empregava-as na arte da costura; estragava os dedos e queimava a vista sendo laboriosa e paciente costureira, uma espécie de Penélope obscura, lembrando as clássicas e abnegadas mães do romantismo literário. A pobre viúva costurava sob encomenda de terceiros, ou também para cobrir crianças pobres e desvalidas, às quais ela costumava presentear com camisas e outras peças de roupa feitas por suas próprias mãos. Suas mãos eram realmente caridosas, auxiliadoras. Tempo houve, mesmo, em que algumas destas crianças desamparadas, alunas do Grupo Escolar, passaram a viver em sua casa, recebendo, gratuitamente, educação, vestuário e alimentação, além das puras alegrias cristãs bebidas em sua doce companhia. Felizes eram aquelas crianças, vivendo no tépido reino de um grande coração materno, protegidas e amparadas pela carinhosa ternura, pelos benditos cuidados de uma mãe incomparável.

Falamos, igualmente, nas partes anteriores deste modesto ensaio, que o menino SEBASTIÃO fora objeto dos especiais cuidados de poderosos protetores locais. Dignos protetores que colaboraram, juntamente com sua mãe, para o seu ingresso no Seminário Episcopal de São Paulo, início de sua brilhantíssima, rápida e ascensional carreira rumo ao cardinalato. O seminarista SEBASTIÃO tornou-se cardeal em 30 de julho de 1930; o luminoso sacerdote recebeu das mãos de PIO XI, em Roma, a púrpura cardinalícia, tornando-se, então, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro. Contava, então, 48 anos de idade.

Indescritível, indissolúvel o contentamento de dona ANA PIO ao ver o filho seminarista. Rezava sempre por ele, augurando-lhe feliz destino, venturosa carreira, pedindo a Deus que o ajudasse, o amparasse sempre.

A ida de Dom LEME para o seminário obedeceu ao impulso de uma vocação verdadeira, profunda, espontânea. Fruto de uma inclinação autêntica, sem dúvidas, vacilações e incertezas e os demais sentimentos complicados que sóem lutar no coração do homem ao enfiar o desconhecido, ao viver as horas solenes da vida e do destino.

Uma palavra, ainda, deve ser dita acerca do estado da cidade de Pinhal, naqueles idos e recuados tempos da meninice do nosso cardeal.

Pinhal era, então, uma cidadezinha com cerca de dois mil habitantes. Vida tediosa, bocejante; dias estirados e opacos. Pequeno oásis provinciano, com as horas a escorrer com a lentura de um óleo denso, ou arrastando-se como feridos no campo de batalha.

O menino SEBASTIÃO havia nascido em 20 de janeiro de 1882; a cidade foi fundada pelo patriarca ROMUALDO DE SOUSA BRITO em 1849; tinha, portanto, 33 anos por ocasião do natal do divino menino.

O pequeno e modesto burgo, cujo padroeiro é o Divino Espírito Santo, por determinação de seu augusto fundador, quase não possuía comércio nem indústria. Quase nem sinal de instrução pública e rede sanitária. Sem jornais; vida apagada, ronceira, sonolenta. Ruas de terra, mal iluminadas, empoeiradas.

Daquela distante época é muito pouco o que se sabe. Documentos inexistem, ou porque não foram conservados ou porque foram destruídos; memórias não foram escritas; dados e informes históricos escasseiam. Temos de nos recorrer, por vezes, à imaginação e aos relatos idealizados para se falar daquela época.

Para a reconstituição daquele passado devemos apelar, sempre, para as informações e para a memória dos assim intitulados "antigos moradores do lugar". Nem todas as notícias que chegaram até nós são falsas ou apócrifas; muitas são verdadeiras. É de autenticidade absoluta que, em 1894, — doze anos após o nascimento de Dom LEME — num tempo em que o município de Pinhal nada mais era que extensa mata virgem, o progresso local mal começava a engatinhar. Vida social, cultural, intelectual, apenas rudimentar. Havia um certo plebeísmo naquela população primária. Mas a cidade estava fadada a grandes destinos, porquanto, como frisamos, seu patrimônio territorial (quarenta alqueires de terras no perímetro urbano) haviam sido doados ao Divino Espírito Santo.

A perspectiva na pequena cidade era ainda empastada, erma, tristonha, naquele tempo. Muita gente ali vivia de forma a bem dizer vegetal. O menino SEBASTIÃO nascera num mundo triste: o da pobreza.

Pinhal, historicamente falando, tem duas existências ou fases: a monárquica e a republicana.

A fase monárquica teve início em 1849, ano da fundação, e termina em 1889, com a República. Dom LEME nasceu na fase monárquica, sete anos antes da fase republicana.

O progresso do lugarejo foi-se processando lentamente. Muita gente vinha para aqui com o fito de encontrar trabalho e, por meio deste, prosperar honradamente. Aqui aportaram, por essa época, muitos emigrantes mineiros, dedicados à pecuária. Bragantinos também vieram, dados à cultura do solo e à

plantação de cereais.

Pinhal tornou-se freguesia e vila nos anos de 1870 e 1879, respectivamente. No centro do povoado, no mesmo lugar onde hoje se ergue a imponente Igreja Matriz, havia humilde e modesta capela em honra do padroeiro do lugar. O dinheiro para a construção desta "casa de Deus" foi arrecadado por meio de subscrição popular, dirigida por um grande fazendeiro das redondezas, amigo do progresso, conhecido pela alcunha de "Germaninho". Este rústico templo ou "casa da oração" das ovelhas cristãs da povoação, a princípio foi entregue ao governo de capelães e só mais tarde confiado à direção de padres católicos.

O primeiro vigário da paróquia de Pinhal foi o padre JOSÉ DA SILVA MACARÉ. Sucedeu aos capelães JOSÉ BENTO DA COSTA e TRISTÃO CARNEIRO, homens de reconhecida virtude e de irrepreensível procedimento.

O Pe. MACARÉ é de crônica ilustre, estimadíssimo pelo povo, em virtude de seus grandes dotes de espírito e coração. Morreu pobre, na miséria mesmo; jaz sepultado na Igreja Matriz local, templo hoje magnífico e onde ele tantas vezes concitara o povo à piedade e à prática do bem.

Entre os outros párocos de Pinhal, que sucederam ao Pe. MACARÉ, encontra-se o Dr. JOSÉ DANIEL DE CARVALHO MONTENEGRO, home-nageado mais tarde na rua Vigário Montenegro, homem notável pelo seu saber e pela sua cintilante inteligência. Outro vigário de importância foi ANTÔNIO PEREIRA REIMÃO, o orientador do menino SEBASTIÃO, filho de Dona ANA PIO, coroinha e aluno de catecismo.

A comunidade pinhalense foi crescendo, adquirindo vigor e personalidade. Expandia-se aos poucos a colméia humana. Estabeleceu-se, necessariamente, ao lado do padre, representante da justiça divina, a autoridade temporal, que devia implantar a ordem, a paz, o respeito e o sossego público. A polícia e a justiça locais começaram a funcionar na chamada casa de táboas, edificada no largo hoje Praça 13 de Maio. As autoridades civis eram um subdelegado e um juiz de paz. Era um cômodo apenas, um toco quarto no qual havia um tronco de ferro, para aferrolhar nele os contraventores das leis e regulamentos, expiando assim seus erros e malefícios causados à coletividade.

O primeiro subdelegado de Pinhal foi JOSÉ ANTÔNIO DE SOUSA BRITO. O primeiro juiz de paz foi o Cap. JOÃO FRANCISCO FERREIRA.

Em 1850 Pinhal era ainda vila. O fôro da comarca era o de Mogi Mirim, a custo desprendendo-se dessa submissão. Levou tempo para ter seu próprio fôro. No período republicano é que veio realmente a tornar-se independente, a ganhar flexibilidade de movimentos, a renovar sua mentalidade, a marchar em busca de melhores destinos. A República veio e, com ela, Pinhal rompeu com o regime de feudalidade em que vegetava. Antes da República, o Trono representava para a cidade uma espécie de Idade-Média. A igualdade de todas as classes, as garantias constitucionais do cidadão, a liberdade individual assegurada na lei e os direitos de cada um foram as alavancas que condicionaram o progresso e a grandeza do humilde burgo do Divino Espírito Santo. Aos poucos foram desaparecendo dos horizontes da cidadezinha os pesados dias sem alegria, sem progresso. Novo ritmo passou a governar a vida da localidade. O regime republicano imprimiu preciosas relações de harmonia entre a vida comercial e o florescimento cultural da cidade, como ocorre ainda hoje.

Exórdio mais que indispensável. - Consoante prévia e pacífica combinação que mantivemos, eu e FRANCISCO DA SILVA COSTA, conhecido e apreciado jornalista pinhalense, passei a redigir estes capítulos da "Biografia de Dom Sebastião Leme", aproveitando o material histórico, farto e documentado, que o citado companheiro me forneceu.

Isto assim esclarecido passemos à nossa narrativa, dando prosseguimento ao relato da

MENINICE DO CARDEAL

Apraz-nos começar repetindo um fato que já foi mencionado em páginas precedentes, isto é, que o vivo e inteligente menino SEBASTIÃO, filho da admirável e santa Dona ANA PIO, sobretudo devido ao amparo de distintos benfeitores, no dia 1. de Setembro de 1894 foi para o Seminário Episcopal de São Paulo. Ali recebeu a batina em 4 de Maio do ano seguinte. No mesmo ano em 28 de Agosto, recebe a tonsura clerical, em cerimônia realizada no Palácio Episcopal da Capital. Ordenou-se padre em 28 de Outubro de 1904. Em 15 de Dezembro do ano seguinte cantou a missa nova na Igreja Matriz de Pinhal, isto é, no mesmo templo magestoso onde fôra coroinha e aluno de catecismo do Pe. ANTÔNIO PEREIRA REIMÃO, vigário da paróquia. Templo, também, onde fizera a primeira comunhão, em 3 de Junho de 1894, preparado pelo Pe. JOÃO PAULO ROBERTO.

Pode dizer-se, sem receio de errar, que o inteligente e modesto órfão, aqui biografado com "intelleto d'amore", é um magnífico resultado de um ardente amor materno. Dona ANA PIO, sua mãe, amou-o com um amor que em muito se assemelha ao amor de MÔNICA por seu filho AGOSTINHO. Santa, igualmente como MÔNICA, foi ANA PIO. Escreveu um brilhante autor moderno: "Como devota cristã, MÔNICA ensinava a seu filho que existe um Deus, todo justo, toda bondade, a quem devemos considerar como nosso pai verdadeiro e que é a Ele, acima de todos os outros, que devemos obediência e respeito." RENE FULOP-MILLER, "Os Santos que Abalaram o Mundo", trad. de Oscar Mendes, Liv. José Olympio Ed., Rio, 1948, p. 107.

Ninguém se preocupava mais com seu filho do que a extremosa MÔNICA.

CA. Seu famoso filho fazia-a derramar prantos e implorar luzes e conselhos a homens eminentes, como o bispo de Madaura. A mãe amorável causou assombro ao velho bispo, que, ao tentar consolá-la, disse-lhe: "Volte para casa, e Deus a abençoe; pois não é possível que o filho de tais prantos venha a perecer. MÔNICA tomou estas palavras como uma profecia." RENÉ FULOP-MILLER, op., cit. p. 118.

A profecia do velho bispo de Madaura iria tornar-se verdadeira. "O filho de tais lágrimas não poderá perecer." AGOSTINHO encontrou a verdade que tanto buscava. Voltou seu espírito indagador para as palavras inspiradas de sua mãe. Ibidem.

São analogias que se encontram na vida de Dom LEME com a de SANTO AGOSTINHO. Mutatis levemente mutandis.

O ingresso do jovem SEBASTIÃO no Seminário e depois na árdua vida eclesiástica nunca significou que ele pudesse desligar-se de sua mãe e de seus mestres. Manteve-se, sempre, ligado intimamente a essas pessoas. Dom LEME jamais, em momento algum de sua existência, sentiu-se separado de sua mãe. Conservou, sempre, sua submissão materna, jamais deixou de viver sob a sombra e constante inspiração de sua mãe, até que veio ela a expirar, em Olinda, Pernambuco.

Aos olhos enternecidos do filho a pessoa de Dona ANA PIO aparecia cercada de um halo santo e belo. Mui grande e perfeito era este amor, num mundo conspurcado e sem fé. Como deve ser feliz um coração que ama uma mãe tão pura!

A mãe era a conselheira do filho. O menino SEBASTIÃO, idêntico nisto a qualquer outra criança, converteu sua mãe numa personagem ideal, à qual atribuiu onipotência. Possui a mãe um poder a que tudo se submete, uma força sagrada que ordena absolutamente e sem condição. Mãe, objeto de fascinação, de admiração incondicional por parte do filho.

O filho preferiria mil vezes morrer do que descontentar a mãe, magoá-la, contrariá-la, entristecê-la, causar-lhe o menor aborrecimento. A vontade da mãe é a própria vontade do filho.

Conio dissemos há momentos, o cardeal jamais afastou-se de sua mãe; filho fiel, amoroso jamais padeceu o instante amargo e terrível da separação de sua mãe; jamais a seta envenenada da ingratidão feriu o coração da mais santa das mães. Ferir a mãe seria o mesmo que ferir-se a si próprio, golpear o próprio rosto...

O cardeal conservou até o fim as suas virtudes infantis, a constância e fidelidade à sua mãe incomparável, seu "anjo tutelar".

A vida do cardeal girou, inteira, em torno da figura de sua mãe; nunca pôde viver sem a sua presença, o seu amor, o seu conselho, o seu consolo. A impressão que se tinha era a de que o cardeal escutava sua mãe como se o próprio Deus falasse-lhe pela sua voz. Símbolo perfeito de amor entre mãe e filho, amor raramente visto ou encontrado neste hediondo mundo, neste lamentável planeta.

Dona ANA PIO insuflava no filho a confiança em si mesmo. O filho não dava um passo sem ouvir a mãe, sem escutar-lhe as sábias advertências. Nunca se opunha aos seus desejos, nunca resistia ao que ela lhe dizia, aceitava-lhe mudamente todos os ensinamentos. Entre aquela mãe e aquele filho jamais houve uma discussão, uma alteração, nenhuma cena; jamais qualquer ruptura ou desarmonia. A estreita união entre ambos jamais se rompeu através dos anos; perdurou firme até o derradeiro instante de vida daquela santa e extraordinária matrona.

Ao lado de sua mãe o nosso cardeal viveu horas felizes, horas belas e plenas, as mais dignas de serem recordadas. Esquecê-las, eis uma coisa que ele não podia fazer.

Em qualquer parte aonde estivesse ou fosse, Dom LEME não perdia ocasião de louvar a influência que sobre ele exercia sua mãe. Em toda a parte assegurava-lhe o seu afeto e a sua gratidão. Saudava-a, sempre, com palavras cheias de emoção, palavras escolhidas com amor.

Jamais foi filho presunçoso e ingrato; jamais foi carcomido por esta chaga, esta miséria essencial que é a ingratidão filial.

É tarefa difícil dar a medida exata de quanto sua mãe foi amada por ele. Gratidão, amor, respeito, adoração — eis o que ele dava à sua mãe, noite e dia. Amava-a com um impulso nascido de suas profundezas primordiais. Deixar de amá-la era algo que ele não tinha força para fazer. Que nunca poderia fazer.

Dona ANA PIO foi guia do cardeal. Mãe e filho nunca viveram muito tempo longe um do outro; estavam sempre juntos pelo espírito e pelo coração. As distâncias físicas, nunca conseguiram separá-los.

Devido ao amoroso amparo de sua mãe o cardeal nunca andou nas trevas.

Jamais andou sozinho pelo mundo. Sua mãe sempre o ajudou, sempre esteve junto dele, ao lado dele. Acompanhou-o fielmente, até morrer...

Na verdade, quem não tem mãe fica só, fica desnudo e sem apoio no meio da vida; tirita de frio, abandonado, desamparado, como "um pobre cão fraco, que necessita de um pouco de calor e de alimento..."

Em 1. de Setembro de 1894 ingressara o menino SEBASTIÃO LEME no Seminário Diocesano de São Paulo — o Seminário Maior do Estado.

O filho de Dona ANA PIO era uma criança viva, inteligente e aplicada e sua vocação sacerdotal desabrochava sobretudo sob os extremos cuidados educativos maternos. Para essa vocação muito contribuíram também os desvelos do Pe. ANTÔNIO PEREIRA REIMÃO, então vigário da paróquia e que residia no Largo das Brotas. Este pároco efetivamente facilitou a matrícula do menino SEBASTIÃO no Seminário, encaminhando-o nos estudos. Manda a verdade que se diga, outrossim, que esta valiosa cooperação do Pe. REIMÃO foi solidamente coadjuvada pelo Sr. Major MANUEL JOAQUIM GONÇALVES, distinto homem de negócios da localidade e amigo da família do novel seminarista.

Doze anos tinha o néo-aluno do Seminário Episcopal. Doze anos — “o tempo mais adorável da vida, em que tudo é perfume, tudo genial, tudo com um cheiro de pão fresco e dourado, com um brilho extasiante de aventura e heroísmo — doze anos tinha JESUS quando envergonhou os sábios do templo, com doze anos nós todos envergonhamos nossos sábios e nossos professores, somos mais inteligentes que eles, mais geniais que eles, mais corajosos que eles.” HERMANN HESSE.

A meninice, ser criança... “Todas as crianças preocupam-se sem cessar com uma coisa importante: consigo mesmas e com a enigmática relação de sua pessoa com o mundo em volta.” Muitos de nós outros, chegados os anos da maturidade, retornam a essas preocupações; a maioria dos homens, porém, esquece e abandona esse mundo interior do verdadeiramente importante. HERMANN HESSE.

Digamos, entre parentesis, que sempre houve espírito de infância em todas as atividades do cardeal LEME. Estudou, foi seminarista, foi padre, foi para Roma, tornou-se professor e jovem sábio, foi bispo e cardeal — sem jamais perder a pureza da infância. Conservou, indelevelmente, imortalmente, a nobreza, a beleza e a pureza do Menino Jesus.

Todos admiravam aquele menino de conduta bela e irrepreensível. Um menino de notável inteligência, de nobres instintos, de inata elevação de alma. Uma criança que a todos encantava por sua inteligência precoce, tão cheia de doce confiança em Deus. A todos causava admiração porque tinha idéias ou pensamentos bem acima de sua idade, sabendo apreciar as coisas com sensatez.

Qual era a situação social, cultural e econômica de Pinhal na época em que o menino SEBASTIÃO seguiu para o Seminário conduzido pelas amorosas mãos de sua mãe?

Alguns dados podem ser objetivados a esse respeito.

O automóvel era um veículo da civilização, da cultura e do progresso ainda desconhecido na cidade. O primeiro automóvel rodou em Pinhal ali por volta do ano de 1912, levado pelo Sr. FRANCISCO DA PALMA.

A cidade havia sido fundada havia poucos anos. Contava então quarenta e cinco anos de existência, desde a fundação, feita pelo Patriarca ROMALDO DE SOUSA BRITO e sua mulher (casada em segunda núpcias) Dona MARIA TERESA DE JESUS.

Inicialmente, toda a vida religiosa do lugar passou a girar em torno da Capela erigida no centro do povoado, em homenagem ao Divino Espírito Santo, com dinheiro ou fundos arrecadados em subscrição pública pelo simpático fazendeiro conhecido por “Germaninho”, cujo nome civil era GERMANO ANTÔNIO FERNANDES. Os primeiros capelães locais foram JOSÉ BENTO DA COSTA e TRISTÃO CARNEIRO DE MENDONÇA. Posteriormente, ainda, depois da Capela Curada ter sido transformada em paróquia do município de Mogi Mirim, temos a figura do Pe. JOSÉ DA SILVA MACARÉ. Essa transformação é devida ao artigo III da Lei Provincial n. 669, de 24 de Março de 1860. O Presidente da Província então era o Pe. VICENTE TIRES DA MOTA.

Em 1894 era Vigário da Vara o Cônego JOÃO EVANGELISTA BRAGA, em Mogi Mirim. Sacristão era JOÃO PINTO BANDEIRA, tenente da Guarda Nacional, morador no Largo das Brotas. O fabricante da paróquia era JOSÉ ZACARIAS DO AMARAL, capitão da Guarda Nacional, residente à rua Barão de Mota Pais.

Quanto a SANTO ANTONIO DO JARDIM, desde o ano de 1892 deixara de ser uma espessa mata, para tornar-se um povoado coberto de choupanas e palhoças. A maioria de seus habitantes se dirigiam a Caracol, antigo Samambaia. O JARDIM era uma povoação em que se depositava muitas esperanças

de progresso, o que realmente veio a acontecer através dos anos. Em 1894 era fabriqueiro de sua paróquia o sr. LUIZ EZEQUIEL DA CÂMARA, morador em Pinhal. Este fabriqueiro, ajudado pelos habitantes do lugar construíram uma capela em louvor a Santo Antonio, padroeiro do povoado.

Em 1894 já o Comendador Monte Negro (o benemérito JOÃO ELISIÁRIO DE CARVALHO MONTENEGRO) já havia fundado Nova Louzã, que, a princípio, pertenceu ao território de Pinhal e depois passou para Mogi Guaçu, município da comarca de Mogi Mirim.

O clima pinhalense, como até hoje, era muito saudável, sem epidemias.

A população da cidade e município era de 16 mil almas.

Força Pública, constituída de voluntários da Guarda Nacional. Existiam trinta praças sob o comando do Tenente JOSÉ FELIPE DO AMARAL. Instrução Pública : quatro escolas públicas, um colégio e uma escola particular, isto é, o Colégio Avila do Prof. ANTONIO ALEXANDRE ALVES, sito à rua Dr. Vergueiro. A escola citada ficava na rua Floriano Peixoto.

Edifícios Públicos : Câmara Municipal, Cadeia Pública, Igreja Matriz, Santa Casa de Misericórdia, Mercado Municipal, Matadouro Municipal; a Igreja e a Santa Casa iniciavam sua construção..

Jornais locais : Apenas existia, em 1894, "A Cidade do Pinhal", dirigido pela Cap. ANTONIO TOMÁS PACHECO LESSA.

Correios: existia já, com distribuição de malas para o Jardim e Caracol.

Comércio: exercia grande ligação e movimento com as vizinhas cidades mineiras. Indústria: três fábricas de cervejas e bebidas, duas fábricas de ma - carrão, olarias e pequenas indústrias manuais. Lavoura: era muito rica a sua exploração, principalmente em plantio de café, cujo preço era de quinze cruzeiros por arroba (de dez quilos). Plantava-se pouco cereal, a zona era eminentemente cafeeira e não cerealífera. Região de monocultura e não de policultura.

Vias de comunicação: a cidade era servida pelo ramal da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro.

Possuía, ainda, Coletoria Estadual, Sub-delegacia de Polícia, Sociedade Filarmônica Italiana, Club 15 de Novembro, Associação Pinhalense de Imprensa, Partido Republicano Federal, duas bandas de música, um chalé de loterias, dois dentistas, seis empreiteiros construtores, oito ferrarias, dois fogueteiros, quatro folheiros e caldeiros, uma torrefação de café, quatro hotéis, seis médicos, três máquinas de beneficiar café, cem comerciantes em geral, onze olarias, três ourives, cinco padarias, três parteiras, quatro farmácias, dois

pintores, seis restaurantes, duas relojoarias, seis sapatarias, uma tipografia, duas cocheiras.

Organização do Fôro e da Justiça: Juiz de Direito, Dr. FABIANO A. NOGUEIRA PORTO. Promotor Público, Dr. ABELARDO DE CERQUEIRA CÊSAR. Juizes de Paz, Cel. FRANCISCO XAVIER RIBEIRO, ANTÔNIO AUGUSTO DOS SANTOS OLIVEIRA e MANUEL LUIZ RIBEIRO. Escri- vões: TEODORO JOSÉ DE OLIVEIRA, 1. Escrivão. JOSÉ LOURENÇO DE SÃ, 2. Escrivão. JOÃO DA CRUZ LEITE, Escrivão do Cartório de Hipotecas. MANOEL JOSÉ TEIXEIRA RIBEIRO, Escrivão do Juízo de Paz, escrivão da Delegacia e sub-delegacia e oficial do Registro Civil. Partidores: JOSÉ FELIPE DO AMARAL. Oficiais de Justiça: ANTÔNIO DE SOUZA LIMA, JOAQUIM APOLINÁRIO DE FREITAS, JOSÉ DE CAMPOS CAMARGO e JOSÉ DE FREITAS BUENO. Advogados: FELIZARDO PINHEIRO DE CAMPOS MULLER, ABELARDO DE CERQUEIRA CÊSAR, ANTÔNIO JOAQUIM FERNANDES DE OLIVEIRA, JOÃO SILVESTRE MACHADO JÚNIOR, Advogados provisionados: MANOEL CARLOS DE MORAIS PESSOA, MA- NOEL MARIA DE CASTRO CAMARGO. Solicitadores: ANTÔNIO PEDRO DE ARAÚJO PIMENTEL, ANTÔNIO TOMÁS PACHECO LESSA e JOÃO CRISÓSTOMO BUENO DOS REIS.

Intendente Geral do Município: HONÓRIO DE ÁVILA PEREIRA SOARES, capitão. Secretário: alferes JOÃO SALLES NOGUEIRA. Procura- dor: LUIZ EZEQUIEL DA CÂMARA. Fiscais: OPTUCIANO SYDNAID BRANDÃO, FRANCISCO DE PAULA BRAGA. Arruador : POLICARPO DE PAULA. Aferidor: ANTÔNIO DA CRUZ MENEZES. Porteiro e admi- nistrador do Mercado Municipal: JOAQUIM GERMANO XAVIER; Zelador do Cemitério Municipal: JOÃO BATISTA BANDEIRA.

A construção da Igreja Matriz esteve paralizada até 1905. Em anos pos- teriores, o Pe. VIRGILIO MORATO, vigário da paróquia, procedeu a reforma no imponente templo. As reformas finais foram feitas pelo Pe. JOSÉ MEN- DES, depois monsenhor.

Antefácio mais que indispensável. - Em os idos anos de 1942 e 1943 concertamos, FRANCISCO DA SILVA COSTA e eu, o plano de escrevermos uma biografia de Dom SEBASTIÃO LEME, dividindo-se as tarefas de realização dessa obra da seguinte forma: a mim caberia a redação dos capítulos do livro e ao meu brilhante parceiro teria sobre si o encargo e a responsabilidade de colher dados, informes ou subsídios acerca da vida e obra do Eminentíssimo purpurado ou príncipe da Igreja Romana. Assim combinámos e assim fizemos. O presente capítulo é um dos resultados dos nossos aludidos e conjuntos esforços.

Isto assim elucidado passemos a narrar a

MENINICE DO CARDEAL

Creio ter suficientemente frisado em páginas precedentes que o menino SEBASTIÃO, esperto e inteligente filho único de Dona ANA PIO DA SILVEIRA CINTRA e do professor primário FRANCISCO FURQUIM LEME, contava doze anos de idade quando foi matriculado no Seminário Episcopal de São Paulo e que sua ordenação sacerdotal ocorreu em 28 de Setembro de 1904, isto é, nove anos depois do seu ingresso no seminário.

O menino SEBASTIÃO foi muito querido pelos seus companheiros de infância. Tal foi o caso de ALÍPIO COUTO, com o qual entreteve a vida toda laços de grande e sincera amizade, mesmo sendo ALÍPIO adepto convicto da doutrina espírita, a qual, em tempos passados, o catolicismo considerava filosofia infernal, um católico não podendo ler nada nem estimar algo que cheirasse a espiritismo. Mas o espírito de Dom LEME, de fundo inegavelmente liberal e humanista, no bom sentido do termo, não alimentava ódios pessoais a respeito de teorias cultivadas por não importa quem.

Para o nosso grande e humilde cardeal o sentimento da amizade era superior e transcendia a qualquer teoria ou doutrina professada pela pessoa amiga. Em seu coração a amizade era um culto, algo que ele devotamente alimentou a vida inteira. No Rio de Janeiro, recebia, com grande alegria, pinhalenses que iam visitá-lo. A todos recebia simpaticamente, com grandes demonstra-

ções de alegria, primeiramente no Leme e depois em Itaipava, onde fazia veraneio, e finalmente no Palácio São Joaquim.

Ninguém precisava ser importante, ocupar posição de pro, ou ser rico, para receber a sincera amizade do grande príncipe da Igreja. Atente-se, apenas, para este fato: Em 1931 o cardeal fez uma segunda visita oficial a Pinhal; por essa ocasião, ao dar entrada na Igreja Matriz da cidade, avistou o velho BLACK, como era chamado um preto velho e pobre, cujo nome era BENE-DITO BLACK, falecido posteriormente. Mal o cardeal o vira e já se encaminhou para ele, dizendo-lhe familiarmente, na presença de grande e luzida comitiva que o cercava naquele instante: "Olá, Black. Como eu tinha saudade de você, Black!" — Assim era o notável purpurado, em nada se importando, com as trevas da pele e com a humílima condição de um tipo popular e antigo escravo.

Outra grande e comovida amizade do cardeal — amizade de uma vida inteira — foi a cultivada em relação ao Sr. JACOB WORMS JÚNIOR, o "Jacosinho", como era carinhosamente tratado na intimidade. O Sr. JACOB WORMS JÚNIOR, já falecido, foi prefeito de Pinhal, casado com a Exma. Sra. Dona URSULINA TAVARES WORMS e pai do distinto pinhalense OLAVO TAVARES WORMS, antigo coletor estadual em Pinhal. (No fim deste capítulo publicaremos uma histórica e sugestiva carta-autógrafa de Dom LEME, quando arcebispo de Olinda-PE, a Jacosinho.)

Durante a infância do cardeal, em Pinhal, há outros fatos a serem devidamente anotados e registrados nesta biografia.

Politicamente considerada, a história da civilização pinhalense se abre em duas fases: o período monárquico (que parte da fundação da cidade, em 27 de Dezembro de 1849) e o período republicano (que começa com a Proclamação da República, em 15 de Novembro de 1889).

O cardeal nasceu em 20 de Janeiro de 1882. Portanto, viveu sete anos sob o regime monárquico e o resto de sua vida sob o regime republicano.

Pinhal foi elevada à categoria de cidade pela Lei Provincial n. 14 de 10 de Março de 1883, isto é, um ano depois do nascimento do cardeal.

Em 1877 — isto é, cinco anos antes do nascimento do cardeal — numerosas e distintas personalidades habitavam a cidade, destacando-se, entre elas, LÚCIO RIBEIRO DA MOTA, VICENTE RAMOS DA SILVA, FRANCISCO FELIX DA SILVA, JOSÉ RIBEIRO DE OLIVEIRA MOTA, CLAUDINO DE ULHOA CINTRA, ANTÔNIO TOMAZ DE OLIVEIRA TITO (cunhado do

Barão de Mota Pais), FRANCISCO XAVIER RIBEIRO, SEGISFREDO DA MOTA PAIS. Algum tempo mais tarde este seletto elenco de cativantes pessoas foi aumentado com a vinda a Pinhal de HADDOCK LOBO FILHO, ANTÔNIO TOMAZ PACHECO LESSA, CAROLINO FERREIRA DA SILVA.

Em 1879 — três anos antes do nascimento do cardeal — residiam na cidade o ilustre cap. JOSÉ RIBEIRO DA MOTA PAIS, depois Barão de Mota Pais, MANUEL DE ARANHA CAMPOS, JOAQUIM DE SOUSA MORAIS, VICENTE GONÇALVES DA SILVA, ANTÔNIO BARBOSA DE BARROS, HONÓRIO DE ÁVILA SOARES.

A política local era movida pelo inesquecível JOAQUIM JOSÉ DE ALMEIDA VERGUEIRO e o grande chefe FRANCISCO XAVIER RIBEIRO.

Pregadores do ideal republicano eram ERNESTO DE FARIA e EDUARDO TEIXEIRA (os únicos, segundo alguns). Dizem outros que eram republicanos também o notável Dr. JOSÉ DE ALMEIDA VERGUEIRO e Cel. AMANDO VERGUEIRO, HONÓRIO DE ÁVILA (pai do farmacêutico RAUL CÂMARA).

Jornais na cidade, somente alguns anos depois do nascimento do cardeal: em 1887, quando o cardeal já contava com cinco anos, nasce "O Pinhalense", redatoriado pelo cap. ANTÔNIO RAPOSO DE ALMEIDA e que foi o primeiro jornal a circular no município. Em novembro de 1888 — o cardeal tinha então seis anos de idade — aparece "A Gazeta de Pinhal", dirigida por FÉLIX VIEIRA CORTES.

Nada custa, neste modesto esboço biográfico, realçar-se novamente o profundo e perfeito amor que ligava o cardeal LEME a Dona ANA PIO, sua mãe.

Amar a Deus e à sua mãe eram os conteúdos únicos da vida de Dom LEME, desde os tempos de infância. Passar um só dia longe dela, que tormento! Tê-la ao pé de si o dia todo, que delícia!

A presença sensível, objetiva da mãe, que doçura para o coração do filho que ama!

A mãe é o mar e o filho um rio que nele desemboca.

A mãe é uma estrela e o filho outra estrela que marcha em sua direção. Atraem-se mutuamente, são rêizés se conseguem permanecer juntos, grandão em círculos muito próximos e vibrantes.

O nosso cardeal sempre orientou em direção à sua mãe todas as energias de sua alma. Somente AGOSTINHO amou MÔNICA com a mesma intensidade com que SEBASTIÃO amou ANA PIO.

Dom LEME viveu docemente sob o olhar compassivo da Mater!

Sua mãe, a imagem mais doce e amada de sua vida. Nunca houve um filho mais obediente, mais amoroso. O filho ouvia e seguia a mãe, obedecia-a, atendia-a sem pestanejar, sem discutir. Os pensamentos dela sempre chegavam ao coração do filho. Atendia sempre os pedidos da mãe, tal como faz JESUS em relação aos rogos de sua Mãe.

A imagem da mãe, de seu rosto belo, sereno e digno, ele sempre trazia dentro de si, viva e palpitante. Conservava no coração e no espírito a fisionomia doce, pura, de belos traços serenos da mãe perfeita. Mãe que encantou-lhe os dias formosos da infância longínqua, a época mais feliz de sua vida, como os dias refletidos e austeros de sua vida de cardeal.

Seu profundo e verdadeiro amor pela mãe ardeu a vida inteira, brilhou a vida toda como uma lâmpada votiva, um círio devoto na capela ardente de seu coração, no altar invisível de seu peito.

A ela pertencia ele e só a ela.

Introdução mais que indispensável. - Este capítulo foi inteiramente redigido por mim, na cidade e comarca de Itaporanga, no ano de 1942, quando ali exercia o cargo de promotor público, interino. O material histórico que lhe serve de base ou suporte foi todo ele recolhido e armazenado por FRANCISCO DA SILVA COSTA, jornalista pinhalense que gosta de levar seus estudos ao passado histórico de Pinhal, possuindo deste passado um conhecimento invejável, tendo disto dado sobejas provas, em várias ocasiões. Tem ele provado, com suas pesquisas incessantes, que a história de uma coletividade, tanto quanto a de uma individualidade isolada no tempo e no espaço, não se faz somente nos museus e bibliotecas mas flui, também viva e palpitante, dos relatos interessantes e pitorescos dos chamados "antigos moradores do lugar". Tais relatos, vigorosos e utilíssimos, devem ser cuidadosa ou fielmente registrados em crônicas e artigos e livros — sistema do *requiescant in libro* —, antes que a Parca inexorável os leve para o definitivo esquecimento do túmulo.

Isto assim dito passemos a narrar aspectos da

MENINICE DO CARDEAL

A entrada do menino SEBASTIÃO no Seminário Episcopal de São Paulo ocorreu em data de 1. de Setembro de 1894. Antes desse ano circulavam em Pinhal os seguintes jornais, índices do nível cultural da pequena mas brilhante comunidade: Em 1891 circula o "Correio d'Oeste", redatoriado por MIGUEL VIRGINIO. Em 3 de Julho de 1892 é fundada "A Cidade do Pinhal", órgão dirigido por AMANDO DE ALMEIDA VERGUEIRO e ANTÔNIO TOMAZ PACHECO LESSA. No mesmo ano reaparece "A Cidade do Pinhal", desta feita sob a direção de ABELARDO DE CERQUEIRA CÉSAR, circulando como jornal de oposição política.

A primeira Câmara Municipal de Pinhal, em ordem cronológica e sob o regime republicano que acabara de se instaurar no País, foi nomeada por FLORIANO PEIXOTO, em 1891, e eleita para o período de 1892 a 1895. Compunha a Edilidade local então os seguintes cidadãos: VICENTE GONÇALVES, DIAS FERREIRA, LEOCÁDIO DE FARIA, AMANDO VERGUEIRO, HONÓRIO SOARES, FRANCISCO ROSAS e ALBERTO FLORENCE.

Em 12 de Outubro de 1892 foi festiva e solenemente instalada a Comarca de Espírito Santo do Pinhal, criada por lei em 1891. Tal acontecimento foi ruidosamente comemorado nas ruas da cidade pelo povo.

Em 25 de Março de 1893 ocorreu a fundação do "Hospital Francisco Rosas", nosocômio que constitui justo orgulho da população local. FRANCISCO ROSAS é sempre citado como um dos vultos mais expressivos da história da civilização pinhalense.

Embora pequena Pinhal já era uma comunidade que se distinguia por uma notável pleiade de personalidades cativantes e de escol, formando aquilo que, posteriormente, ABELARDO VERGUEIRO CÉSAR ("Abelardinho") viria chamar de "humanismo cultural de Pinhal", que tem se enriquecido mais e mais através dos tempos.

O Grupo Escolar "Dr. Almeida Vergueiro", no qual dona ANA PIO exercia o cargo de porteira, foi criado e instalado quando o cardeal já estava no Seminário em São Paulo. A inauguração dessa modelar escola pública deu-se em 27 de Agosto de 1897, funcionando em dois prédios alugados; no sunto-uo prédio atual passou a funcionar desde 28 de novembro do mesmo ano de 1897.

O nosso cardeal, além de seguir os amorosos conselhos de sua mãe e obedecer aos desejos de seus insignes protetores e benfeitores, cujos nomes já declinamos em páginas anteriores deste livro, seguia, também, sem dúvida, os ditames de uma vontade mais alta: a vontade de Deus, a vontade do destino. Mão poderosa dirige os destinos humanos; somos impelidos por ventos desconhecidos. Existe uma força a nos dominar, uma força imperiosa que nos subjugue, que nos puxa e impulsiona para fins ignorados, para objetivos desconhecidos.

Já dissemos que o amor de SANTO AGOSTINHO por SANTA MÔNICA, sua mãe, apresenta algumas analogias com o amor do cardeal LEME por dona ANA PIO, sua mãe. Por nada deste mundo ele consentiria em afastar-se de sua mãe.

Afastar-se da mãe seria acarretar para ele a intensa "angústia de separação", referida pelos psicólogos filiados às idéias de FREUD ou à aventura psicanalítica.

O ardente amor filial de Dom LEME é prova palpitante, cabal da veracidade da teoria psicológica de Alfred ADLER (1870-1937), divergente do

pensamento de FREUD. Segundo o pensar adleriano, "a criança procura submeter-se à mãe". Tirar-lhe o amor da mãe, simplesmente ameaçá-la com isto é criar a "ansiedade de separação", aflição da criança ao sentir a perda do objeto do seu amor.

O nosso cardeal tanto vivia abrasado de amor por sua mãe como pelo Brasil. Eram estes dois amores que se igualavam em intensidade na capela ardente de seu grande coração.

Atormentava-o, com certeza, o pressentimento de perder sua mãe, por morte ou outra circunstância. Esta possibilidade, por vezes, assaltava-lhe o coração. O pensamento de que sua mãe podia faltar-lhe um dia invadia-o com força e o crestava por dentro tal uma chama dolorosa. Esta idéia enchia-o de terror. Mais cedo ou mais tarde a morte viria para arrebatar sua santa mãe, a terrível ceifeira a levaria para longe de si; ele não mais a veria ao seu redor, não mais poderia respirar a sua presença, não mais a poderia tocar, sentir, não ouviria mais os seus passos firmes e bons através da casa, nem suas brandas mãos o afagariam antes de dormir... Sem ela, sem sua doce e santa mãe, tudo se apagaria em torno dele, tudo se dissiparia para ele, ele perderia a sua tranquilidade, a sua serena calma...

Sem a presença de sua mãe tornar-se-ia difícil para ele — ele sabia disso muito bem — lutar para realizar-se, ou abrir caminho na dura e áspera batalha da existência; teria de padecer nostalgia, estar só, afligir-se na solidão.

Sim, perder a mãe é coisa muito triste para um filho sensível e inteligente.

Dona ANA PIO foi mãe privilegiada, mãe santa, escolhida por Deus. Ser mãe de um padre é grande honra, é extraordinário privilégio concedido pelo Eterno a poucas e raras mulheres. É como ser mãe de um novo Cristo.

Bem grande é a honra para uma simples mulher ser o claustro materno de um ser de eleição como é um sacerdote, um ministro da Igreja e, sobretudo, de um bispo, de um cardeal.

Dona ANA PIO — já o dissemos tantas vezes — foi mãe exemplar, modelar. Criou para Dom LEME a felicidade da infância, linda visão infantil, íntimas delícias dos primeiros anos. Quadros inesquecíveis para o venerável príncipe da Igreja. O cardeal conservou até o fim memória do bem-aventurado paraíso de sua infância, dedicando-lhe um culto acima ao dos poetas e românticos, líricos que creem que a "felicidade" e a "liberdade" só existem na infância.

Depois da morte de sua mãe passou a ouvi-la em si mesmo; dona ANA PIO, falecida, passou a viver dentro do filho, vida secreta, invisível aos olhos dos profanos. Bastava então ao filho descer um pouco em si mesmo para encontrar a imagem da mãe, imagem do destino. Sua mãe — a grande e eterna amiga de sua alma, seu perene guia nesta e na outra vida.

Daremos, agora, algumas notícias objetivas acerca desta admirável mãe e mulher.

Dona ANA PIO nasceu em Amparo, deste Estado, prendas domésticas, filha legítima de CÂNDIDO DA SILVA FRANCO e de DELFINA CINTRA DO AMARAL PINTO. Seu nascimento ocorreu em 22 de Julho de 1865. Faleceu em 2 de Fevereiro de 1919, em Olinda, Estado de Pernambuco, onde Dom LEME era arcebispo. Foi casada duas vezes: em primeiras núpcias, com o professor primário FRANCISCO FURQUIM LEME; em segundas núpcias, com ANTÔNIO S. NOGUEIRA.

Os despojos ou restos mortais de Dona ANA PIO, por ordem do cardeal, foram transportados para o Rio de Janeiro em 1939, acompanhando o cardeal legado, de volta do Terceiro Congresso Eucarístico Nacional, realizado no Recife àquele ano. Atualmente os despojos de Dona ANA PIO repousam no Carmelo da Santíssima Trindade (Todos os Santos). ANA PIO morreu aos 54 anos de idade.

Antes de expirar disse esta mãe chamada, mais tarde, de "mãe eucarística": "Vou para o céu. Minha maior glória é ter dado a Nosso Senhor um filho sacerdote."

O sacerdote, isto é, seu filho muito amado disse, pouco antes de morrer: "Mãe, minha mãe! A maior glória humana de teu filho sacerdote, bispo e cardeal, é ser teu filho!"

O cardeal Dom SEBASTIÃO LEME DA SILVEIRA CINTRA morreu no Rio de Janeiro, em aposento do Palácio São Joaquim, às 17 horas e 15 minutos do dia 17 de outubro de 1942.

Contava então 60 anos de idade.

APÊNDICE: A Certidão de Batismo do cardeal, extraída em Campinas e cujo original temos diante dos olhos, está assim redigida:

“Cúria Diocesana do Bispado de Campinas

Certifico que, revendo o livro 15 de assentamentos de batizados da Paróquia de Mogi Mirim, a folha 151 encontra-se o do teor seguinte:

“Sebastião — Aos dezenove de Março de mil oitocentos e oitenta e dois, nesta Matriz, baptizei e puz os Santos óleos à Sebastião, de dois meses, fô legmo. de Francisco Furquim Leme, e Anna Cândida da Silveira Leme. P.P. Paulino Cândido Furquim de Campos e Delfina da Silva Cintra. O Vigário João Eboli.”

Nada mais se continha no dito assentamento que fielmente copiei do original a que me reporto. Taxa Cr\$ 20,00.
Campinas, 4 de Março de 1943.

(a) Pe. Hilario Ferraz Coelho, Chanceler do Bispado.”

CAPÍTULO SEGUNDO

DE SEMINARISTA A CARDEAL

(1894 - 1930)

II. — DE SEMINARISTA A CARDEAL

Intróito mais que indispensável. - Este capítulo é de redação do autor; o material histórico que lhe serve de suporte foi conscienciosamente coligido por FRANCISCO DA SILVA COSTA, talentoso jornalista pinhalense que ama fazer demoradas pesquisas acerca do passado histórico de Pinhal, sua amada terra natal. É luminosamente óbvio que este pesquisador esclarecido e laborioso indagou, investigou, consultou publicações, leu muito, anotou; visitou pessoas, entrevistou, viajou, sempre com a intenção de encontrar e capturar a verdade, apenas e mada mais que a verdade a respeito da vida e da obra do Cardeal Dom LEME. Além das pesquisas feitas em arquivos, em coleções de jornais antigos, de revistas e livros publicados outrora acerca da história pinhalense, livros de atas e documentos FRANCISCO DA SILVA COSTA escutou longamente e registrou os depoimentos e relatos orais dos assim denominados "antigos moradores do lugar." Esta é a chamada tradição oral, ou, melhor ainda, a "história memorizada", de real valor para o conhecimento da verdade histórica.

Isto assim dito passemos à narrativa que nos propuzemos fazer neste capítulo de nosso modesto livro.

DO SEMINÁRIO AO CARDINALATO

Em páginas precedentes tentamos, quiçá baldadamente, reconstruir o cenário tanto psicológico como social dos primeiros doze anos da vida do cardeal LEME, vividos em Pinhal. É bem fácil identificar ou reconhecer naquele relato a sua parte imaginativa, aposta ao real. Isto, aliás, não é novidade nenhuma, porquanto ecos ou sinais de nossa fantasia emergem ou transparecem nitidamente em tudo que fazemos e pensamos.

D'outro lado, ninguém ignora a imensa dificuldade inerente às tentativas de reconstituições históricas exatas. Trata-se de algo praticamente irrealizável ou fora do alcance dos cérebros comuns, mediocres. É raro que u'a mente

possa apreender e transmitir, com veracidade e exatidão, um clima espiritual e social, isto é, o que os sociólogos e historiadores chamam de "Espírito do Tempo" ou "Espírito da Época" - "Zeitgeist," entre os alemães, - mesmo que tal apreensão deva ser feita por alguém que pertença ou que tenha vivido em tal tempo, em tal época.

Acerta da meninice do cardeal nada há registrado, não há nenhuma "ocrit" a respeito. Apenas os "antigos moradores" da cidade e os contemporâneos do cardeal podem falar em torno da infância deste.

Já vimos alhures que o cardeal contava doze anos de idade quando, em 10. de Setembro de 1894, foi matriculado no Seminário Episcopal de São Paulo. Afastou-se temporariamente, da companhia de sua mãe, pessoa da qual nada neste mundo conseguiria afastá-lo definitivamente, salvo a morte, é claro.

Tornou-se seminarista no mesmo ano em que fizera a primeira comunhão; esta havia sido feita em 3 de Junho de 1894. Nesse ano o reitor do Seminário Episcopal era o Monsenhor Dr. CAMILO PASSALAGUA. A diocese de São Paulo estava, nessa época, entregue à piedade e aos cuidados de Dom JOAQUIM ARCOVERDE DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI, o qual, posteriormente, veio a ser nomeado Cardeal. Era plano deste santo bispo selecionar, em sua operosa diocese, os seminaristas que mais se distinguissem ou que mais se impusessem pelos dotes de inteligência, piedade e resistência física ou saúde, e mandá-los, a seguir, a Roma, a fim de que pudessem aperfeiçoar seus estudos. O aluno SEBASTIÃO fez parte dessa brilhante falange de jovens seminaristas, cuidadosamente escolhidos por Dom JOAQUIM ARCOVERDE. Assim, após ter recebido a primeira tonsura em 28 de Agosto de 1895, partiu para a Cidade Santa, onde ingressou no famoso Colégio Pio Latino-Americano.

Melhor remembering este fato : em 4 de maio de 1895 recebeu a batismã. Em 28 de Agosto de 1895 recebeu a tonsura clerical no Palácio Episcopal de São Paulo. Em 3 de Outubro de 1896 é matriculado no Colégio Pio Latino-Americano de Roma.

Ainda em Roma, após ter concluído o curso de boas e ricas humanidades, em 4 de Novembro de 1897, matriculou-se na Pontifícia Universidade Gregoriana, defendendo de modo brilhante as teses com as quais receberia as laúreas de filosofia e teologia. O curso teológico ele o concluiria em 28 de

Outubro de 1904, ano em que recebeu a sacra ordem de presbítero. Antes, em 25 de Julho de 1900, fizera defesa de tese na Faculdade de Filosofia; em 16 de Julho de 1904 fizera de tese na Faculdade de Teologia.

Assim, graduado em Filosofia e Teologia, sagrado presbítero, regressa ao Brasil em Novembro de 1904.

Padre, presbítero, ordenado sacerdote: 28 de Outubro de 1904. Sua idade então era de vinte e dois anos.

1904. Ano memorável foi este, para o jovem e cultíssimo sacerdote da Igreja de Roma, porque, um mes após sua partida de Roma, em 15 de Dezembro, cantava a "missa nova" na Igreja Matriz de Pinhal.

Decorridos vários anos, após prolongada ausência ou afastamento do jovem SEBASTIÃO de sua cidade natal, voltava ele agora ordenado padre, duplamente doutor (em filosofia e em teologia), podendo rever, com lágrimas nos olhos, os lugares tão seus conhecidos e amados. Entre esses lugares estava, sem dúvida alguma o velho templo, a Igreja Matriz, onde, sob os generosos auspícios de sua mãe, descortinara a sua íntima, profunda e irresistível vocação mística. Ali, naquela Igreja, recebera a primeira comunhão e adquirira as elementares noções religiosas do catecismo, ministradas pelo Pe. ANTONIO PEREIRA REIMÃO, seu protetor e benfeitor. As aulas de catecismo naquela Igreja, na data de seu regresso a Pinhal, para cantar a "missa nova", estavam entregues ao tirocinio do Pe. VIRGILIO MORATO.

Anos depois, já elevado ao posto de Cardeal, vivíssima era a sua recordação em relação a esta visita à terra natal, feita em 15 de Dezembro de 1904, na qual ele foi alvo da mais pomposa e carinhosa recepção ou acolhida popular, conforme daremos notícia e descrição circunstanciada, em pormenores, em outra parte deste pequeno volume de sua biografia.

Desta fase em diante enceta o padre SEBASTIÃO os primeiros vãos de sua brilhantíssima carreira sacerdotal, carreira verdadeiramente impar, única na história eclesástica do Brasil. Jamais fora visto impeto ascensional mais rápido e vertiginoso; jamais se poderia conceber ou imaginar impulso mais vivo e poderoso para galgar dignidades com tanta lisura e tanto mérito.

Senão vejamos. Em 7 de Março de 1905 foi nomeado 2o. coadjutor da paróquia de Santa Cecília em São Paulo, cujo vigário então era Monsenhor BENEDITO PAULO ALVES DE LIMA; mais tarde bispo resignatário do Espírito Santo, depois bispo titular de Orisa.

Na coadjutoria de Santa Cecília, então dirigida pelo cônego e depois arcebispo Dom DUARTE LEOPOLDO E SILVA, o jovem padre SEBASTIÃO LEME encontrou campo propício para revelar as suas altas qualidades de espírito e coração, sua cultura invejável, seus privilegiados dons. Mostrou, igualmente, que era distinto orador sacro.

Dizem que ele dominava o púlpito, com sua eloquência. Seus sermões e práticas despertavam devoção e entusiasmo pela fé em seus paroquianos. Notáveis foram as suas trinta e uma orações proferidas nas solenidades marianas de maio de 1905 naquela paróquia. Cheias de tocante simplicidade e primor de forma, suas pregações falavam diretamente às almas de seus ouvintes ou auditores, que amanheciam na matriz para ouvi-lo. Era excelente orador na tribuna sagrada.

Os méritos e dotes que o padre SEBASTIÃO diariamente mostrava não passaram despercebidos aos olhos sagazes de Dom JOSÉ CAMARGO BARROS, bispo que nessa ocasião governava os destinos da gloriosa diocese de São Paulo. Não vacilou o ilustre bispo em imediatamente indicar o 20. coadjutor de Santa Cecília, padre SEBASTIÃO LEME, em data de 7 de Março de 1906, para ser lente ou reger as cadeiras primeiro de Filosofia e depois de Teologia dogmática no Seminário Episcopal de São Paulo, já agora reformado e ampliado. Contava então apenas vinte e quatro anos de idade.

DE SEMINARISTA A CARDEAL — 2

Eis que aqui comparecemos novamente a fim de dar continuidade a esta biografia de Dom SEBASTIÃO LEME - biografia que estamos construindo com imenso fervor e como uma linda aventura da personalidade - aventura palpitante e fecunda e que sinceramente esperamos se converta em sementeira, adubo, "humus" ou tonificante estímulo para outros estudos de igual natureza.

Interrompermos o curso das páginas precedentes exatamente no momento em que Dom JOSÉ CAMARGO BARROS, bispo da diocese de São Paulo, sentia o fascínio do talento que irradiava o jovem 20. coadjutor da paróquia de Santa Cecília, que outro não era senão o padre SEBASTIÃO LEME. Maravilhara-se o bispo, este é o termo, com os mistérios daquela inteligência privilegiada, passando, desde então, a acompanhar a brilhante trajetória do jo-

vem sacerdote.

Vimos, igualmente, que o bispo, querendo desde logo premiar os esforços daquele luminoso jovem, que tanto o interessava e seduzia, cuja carreira prometia ser rápida e fulgurante, indicou-o para ser lente de Filosofia e Teologia Dogmática do Seminário Episcopal da Capital, o que realmente ocorreu em data de 7 de Março de 1906. Por essa época o velho Seminário sofrera grandes reformas e ampliações em seu edifício, funcionando inteiramente desligado do "Colégio Diocesano". O reitor do Seminário era então o Pe. MAXIMIANO DA SILVA LEITE.

Desta forma, passava a lecionar filosofia e teologia o jovem padre de apenas vinte e quatro anos de idade e que, há poucos anos, ingressara no mesmo Seminário como simples aluno, em 10. de Setembro de 1894. Ali iniciara seus estudos religiosos, ali se tornou professor de altos estudos eclesiásticos. Isto não é bonito?

Com efeito, fora sábia a sua nomeação para professor de seminaristas, para iluminar as inteligências dos que estavam no aspirantado à nobilíssima carreira sacerdotal. Uma das almas mais bem formadas do clero brasileiro estava mesmo naturalmente indicada para ser a formadora de outras. Contudo, foi muito breve o tempo consagrado a esse magistério, porquanto o mestre inesquecível de filosofia e teologia foi logo atraído para outros ministérios no seio da Igreja. Estas ocupações sucessivas alteravam seguidamente a fisionomia de sua rica e bela vida eclesiástica.

Levara sempre o padre SEBASTIÃO vida exemplar, de estudos e de trabalhos. Revelava ou ostentava mais e mais seus belos atributos de espírito precocemente amadurecido e regamente abastecido de imensas e luminosas percepções culturais. Punha a serviço de Deus e da Igreja sua alta e virtuosa inteligência. Possuía ele duas fervorosas devoções, como foram-nas observadas já quando na coadjutoria de Santa Cecília: à Eucaristia e à Mãe do nosso Divino Salvador. A tal respeito escreveu-se mais tarde, com inteira propriedade e justeza:

"Duas principais devoções enchiam a sua alma de padre: a Eucaristia, devoção central; Maria Santíssima, devoção prolongamento, corolário da Eucaristia. Poder-se-ia resumir assim o seu programa de apostolado: o púlpito e o confessional, com o fim de levar as almas para JESUS e pelos

Não obstante ter deixado o magistério o padre SEBASTIÃO LEME continuava a prestar inestimáveis serviços à formação moral e intelectual do clero no Brasil; continuava a ser, verdadeiramente, como foi dito, uma "alma votada a ser guia e pastor de muitos guias e pastores de almas." Mais e mais sua sabedoria se realçava pelo esmalte de sua virtude. Reconhecendo isto Dom DUARTE LEOPOLDO E SILVA, arcebispo de São Paulo, sucessor de Dom JOSÉ DE CAMARGO BARROS, nomeou-o cônego da Catedral e em seguida auxiliar de Monsenhor Dr. FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES, o conhecido "Padre Chico".

Foi finalmente, por Dom DUARTE, nomeado Vigário Geral de São Paulo.

Resumiremos melhor estes fatos: Tendo falecido Dom JOSÉ DE CAMARGO BARROS, bispo da diocese de São Paulo, foi nomeado para sucedê-lo Dom DUARTE LEOPOLDO E SILVA, então bispo de Curitiba - PR. O novo bispo diocesano consumou as nomeações já indicadas. Dom JOSÉ DE CAMARGO BARROS desaparecera, repentinamente, no naufrágio do vapor nacional "Sirio", em 1906.

Nomeações e postos exercidos pelo padre SEBASTIÃO LEME: Em março de 1907 foi Diretor da Revista do Clero de São Paulo. Em Janeiro de 1908 foi Promotor do Arcebispado de São Paulo. Em Outubro de 1908 foi cônego catedrático da Sé de São Paulo. Em março de 1909 foi lente de filosofia na Faculdade de Filosofia de São Paulo. Em Janeiro de 1910 foi Vigário Geral de São Paulo. Mas retornemos ao ano de 1907.

Em 11 de Fevereiro de 1907 fez jus a uma cadeira do cabido catedralício e, depois de feito o seu juramento, recebia as insignias capitulares. Imprimindo-lhe feito prático, começou a redigir o "Boletim Eclesiástico", antigo "Boletim Diocesano", órgão da arquidiocese de São Paulo. Esta atividade não prejudicava os seus trabalhos de professor, os seus deveres de lente do Seminário, onde prelecionou quatro anos letivos consecutivos. Na citada publicação religiosa, oculto sob o pseudônimo de "Senex", dirigia com agudeza uma seção de teologia pastoral. Contava então apenas vinte e seis anos de idade, fato que surpreendia em face de sua enorme erudição e cultura. Embora assim muito jovem possuía acentuada madureza intelectual.

Nos artigos e cartas que então publicava no referido "Boletim", o jovem sacerdote e professor revelava tal profundidade, tal sentido prático que lembravam, como disse alguém, FRANSINOTI, o experiente e sisudo autor de "Il Paroco novello", páginas originalmente destinadas a promover a santificação da vida sacerdotal. Assim fortemente repassados de sentido experiencial e prático eram os avisos e conselhos dados pelo padre SEBASTIÃO LEME. Todos os jovens aspirantes ao sacerdócio recolhiam, avidamente, aquelas palavras, verdadeiras células de sabedoria e experiência, frutos também de uma curiosidade ágil e prismática, servida por extensíssima cultura.

Dom DUARTE LEOPOLDO para logo percebera ou descobrira que o Cônego SEBASTIÃO LEME, num tempo em que este era também Promotor eclesiástico do arcebispado, um colaborador muito valioso e indispensável para ajudá-lo na direção da arquidiocese paulista. Nomeou-o, então, em 5 de Fevereiro de 1910, pró-vigário geral, investido dos poderes ordinários de Vigário Geral de São Paulo.

Nesta alta dignidade permaneceu brevíssimo tempo, isto é, apenas um ano. Pois em 24 de Maio de 1911, Monsenhor LEME era gratamente surpreendido pela comunicação de que tinha sido elevado ao bispado. Foi chamado a Roma, com urgência, por Dom JOAQUIM ARCOVERDE. Na Cidade Eterna recebeu das mãos do Cardeal MERRY DEL VAL, então secretário do PAPA PIO X, a sagração episcopal, tornando-se bispo-titular de Orthosia. Isto ocorreu em data de 4 de Junho de 1912. Contava o novo bispo vinte e nove anos de idade, isto é, era o mais jovem bispo do mundo.

DE SEMINARISTA A CARDEAL — 3

Suspendemos o curso desta narrativa biográfica precisamente no momento em que uma "souplesse", uma inesperada comunicação agradavelmente surpreendia o grande espírito e o nobre coração de Monsenhor LEME: a notícia de que o PAPA PIO X havia se lembrado de seu nome a fim de guindá-lo ao elevado posto de bispo. Era o dia 24 de Maio de 1911. Do Cardeal Dom JOAQUIM ARCOVERDE recebera a ordem de viajar a Roma, sem detença. Foi realmente, sem delongas, o nosso ilustre biografado. E exatamente em 4 de Junho de 1911, contando apenas vinte e nove anos de idade, ocorria a sagração do bispo mais novo do mundo.

Pouco antes, porém, fatos importantes haviam ocorrido na vida de Monsenhor LEME. Este, "in exemplis:" Em 1910 dirigia ele a Confederação das Associações católicas, imprimindo-lhe alento novo e coordenação digna de nota, quase perfeita. Respondeu, por essa época, de modo muito vivaz, eloquente, às investidas dos anarquistas, dos ferrenhos anticlericais, dos amargos e irredutíveis da Igreja de Cristo no Brasil, encarnados, principalmente, nas figuras de Enrico FERRI e Georges CLEMENCEAU. Em 2 de Outubro de 1910 organizou uma vibrante manifestação popular em honra do episcopado brasileiro, que se achava então lididamente representado na capital paulista pelos numerosos bispos que ali tinham afluído e se reunido em conclave, sob a presidência de Dom JOAQUIM ARCOVERDE, para a realização das conferências interdiocesanas.

Estas e diversas outras positivas demonstrações de zelo religioso muito elevavam o nome e a reputação do ilustre monsenhor pró-vigário-geral SEBASTIÃO LEME. Sua dedicação e seu zelo se estendiam a todas as circunscrições eclesásticas da arquidiocese. As atas da Confederação das Associações Católicas da época atestam sobejamente os trabalhos desenvolvidos por ele.

Monsenhor LEME alçou-se ao bispado pouco mais de seis anos depois que recebera o presbiterato, ou ter-se tornado padre.

De regresso de Roma, após a sua sagração episcopal, chegou ao Rio de Janeiro em Setembro de 1911. A primeira pontifical do novel bispo realizou-se na Matriz da Consolação, em São Paulo, em Novembro de 1911.

De torna-viagem da Cidade Santa o novo bispo viera em companhia de Dom JOAQUIM ARCOVERDE, que o havia escolhido para exercer as funções de bispo-auxiliar. Dom LEME foi bispo até o ano de 1916. Neste elevado posto da carreira das dignidades portou-se com invulgar prudência, com incomum critério prático, estudando e conhecendo profundamente as necessidades da arquidiocese, analisando em profundidade as condições do clero que a servia, examinando com olho de lince o funcionamento orgânico das organizações paroquiais e arquidiocesanas. É praticamente irremediável a onímoda atividade de Dom LEME no exercício daquelas funções, em que se dedicava a reunir elementos para traçar um futuro e completo Plano de Ação apostólica em São Paulo.

Diremos ainda, para coroar nossa exposição, que Dom LEME estimulava, proficuamente, além do clero paroquial e regular, o laicato católico, que

tanto serviço prestou e vem prestando, todos os dias, à Igreja.

Um fato importante ocorreu na vida de Dom LEME no ano de 1916: em 25 de Abril desse ano foi eleito arcebispo de Olinda, Pernambuco. A Santa Sé houve por bem elegê-lo para o sôlo arquiépiscopal de Olinda e Recife, cargo que se achava vago com a morte de Dom LUIZ RAIMUNDO DA SILVA BRITO, seu anterior ocupante.

A tomada de posse do novel arcebispo realizou-se na cidade de Olinda-PE, em 17 de Agosto de 1916. Naquela cidade foi recebido com manifestações de júbilo, de entusiasmo geral e sincero, pois a maioria dos pernambucanos já conhecia bem a fama e virtude que precediam seu novo arcebispo.

Em Olinda, Dom LEME enfrentou e resolveu os mais árduos, difíceis e espinhosos problemas, tais como a reconstrução da vetusta Catedral e do Palácio Episcopal, aquela encontrada em ruínas e este ameaçando desabar-se. Vencidas estas dificuldades de ordem material, lançou-se imediatamente na realização de obras e empresas de cunho religioso, de caráter moral. Publicou, então, a sua admirável Carta Pastoral e criou novas dioceses no Estado, como as de Garanhuns, com 15 paróquias, e a de Nazaré, com 18 paróquias. Isto, esclareça-se bem, ocorreu no ano de 1918.

Nesse mesmo ano de 1918, em Outubro, recebeu as novas paróquias que criara e fundara os seus respectivos pastores.

Outros melhoramentos realizados em Olinda: o reerguimento financeiro da imprensa católica pernambucana; a organização da instrução religiosa popular, fundando a Congregação da Doutrina Cristã, o Curso Superior de Religião. Este último funcionava em Recife e destinava-se à mocidade das escolas superiores ou universitários. Propugnou e pôs em prática o ensino do catecismo não só às crianças mas também aos adultos; iniciou as Semanas Eucarísticas, sendo ele proprio o "bispo da Eucaristia", cognome que lhe deram naquele período. As aulas de catecismo, segundo ele as idealizara em Olinda, espalharam-se, mais tarde, por todo o País.

Ainda em Pernambuco fundou o notável arcebispo a Confederação Católica, em 15 de Agosto de 1918, sociedade religiosa cuja finalidade era a de "coligar os esforços de todas as associações católicas nas obras de ação social", favorecendo, sobretudo, a obra das vocações e a santificação da família. A defesa da família consistiria principalmente em legitimar casais ilicitamente unidos, ou extinção dos concubinatos.

Mas, como dissemos há momentos, foi em Olinda que o grande e nobre antístite concebe e escreve a célebre Carta Pastoral de 1916, documento da mais alta importância e a respeito da qual JACKSON FIGUEIREDO iria dizer que era "uma espécie de carta de alforria da inteligência brasileira", tal a sua profundidade de sentido, tal a sua vastidão conceitual e histórica. Esse documento de incomparável sedução levou o inquieto e citado JACKSON FIGUEIREDO a converter-se ao catolicismo, e constitui, sem dúvida alguma, a parte mais brilhante do espólio intelectual deixado pelo cardeal LEME.

Na silenciosa e beneditina elaboração dessa Pastoral Dom LEME deve ter derramado a unção maravilhosa de seu cérebro, de sua carne, de seu sangue; uma alma vibra e ressoa em suas palavras, cunhadas, cinzeladas para a eternidade, para todas as posteridades da Santa Madre Igreja.

São notáveis e arrojados os ensinamentos contidos nessa Carta Pastoral, vigorosamente brotada das vertentes poderosas de sua meditação. Novas idéias, audazes, pululam no tecido das expressões eloquentes; eram idéias marcadas com a ardente insistência das convicções muito firmes e sólidas; idéias de pelejador denodado da verdade.

A Pastoral fazia jus aos espíritos que fulgiram em Recife e Olinda, sobretudo os vultos retangulares de Dom VITAL e AZEREDO COUTINHO.

O corajoso arcebispo de Olinda e Recife não vacilou em fazer a crítica do catolicismo do seu tempo, vegetando naquela situação posteriormente descrita por ALFREDO MONTENEGRO: comportamento rotineiro da Igreja: "Um catolicismo com tendências inexoráveis de adesão à ordem social vigente, direta ou indiretamente sancionando as injustiças..."

Uma Igreja acomodada, passiva, inerte, sem ação. Contemplativa, imóvel, quase em estado comatoso. "Igreja vegetando na mediocridade, contentando-se com a rotina." - "A alta hierarquia religiosa limita-se a pronunciamentos de fundo moral ou a simples invectivas contra adversários e inimigos da fé: ateus, maçons, protestantes, espíritas. Mantém-se ao nível da sociedade subdesenvolvida em que atua, desconhecendo o catolicismo de fundo intelectual, de tendências reacionárias ou de intenções renovadoras."

Dom LEME - como o padre JULIO MARIA, em 1900 - se antecipava à sua época. Era um grande reformador da Igreja. Parecia já imbuído do espírito eminentemente progressista do Concílio Vaticano II.

"Socialmente, a ação da Igreja reduz-se a obras de beneficência ou ins-

titutos de educação, mantidos quase sempre por ordens religiosas." A educação ministrada pela Igreja destina-se a jovens pertencentes às classes mais abastadas.

Dom LEME reagiu vigorosamente ao "espírito acomodaticio e mediocre da Igreja." Na sua Carta Pastoral de 1916 declara, textualmente e sem ambages:

"Que maioria católica é essa, tão insensível, quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, indústria, comércio e todas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do Catolicismo? (...) É evidente, pois, que, apesar de sermos a maioria absoluta do Brasil, como Nação, não temos e vivemos vida católica.

Quer dizer: - somos uma maioria que não cumpre os seus deveres sociais, chegamos ao absurdo máximo de formarmos uma grande força nacional, mas uma força que não atua, e não influi, uma força inerte.

Somos, pois, uma maioria ineficiente.

Eis o grande mal."

Grande, notável documento, sem dúvida alguma, onde ainda dizia o grande reformador religioso que o redigira:

"Somos católicos de clausura; a nossa fé se restringe ao encerro do oratório ou à nave das igrejas. Quando fora da portada dos lugares santos tremulam os nossos pendões, é certo que neles não fremem entusiasmos de uma reivindicação jurada; braçadas de flores é que eles levam em suas dobras perfumadas; não são bandeiras de ação, são vexilos de procissão.

No "fervet opus" da vida contemporânea, somos uma exceção incompreensível.

Não agitamos, não movemos, não agimos.

Que propaganda fazemos? Que programa desdobramos? Que resistência opomos?

Marasmar, assim é grave; assim o dormir é fatal.
Os resultados aí estão.

Negá-los é cegueira: seria inépcia dissimulá-los.

Tenhamos a sinceridade cristã de o confessar: -
somos uma maioria que não atua, dizíamos há pouco;
agora acrescentemos: somos uma maioria asfixiada.

O Brasil que aparece, o Brasil Nação, esse não é nosso.
É da minoria!⁹

DE SEMINARISTA A CARDEAL — 4

Permitimo-nos lembrar ao benévolo leitor que nas considerações exaradas em páginas precedentes deste pequeno livro conferimos extraordinário realce à Carta Pastoral de Dom SEBASTIÃO LEME DA SILVEIRA CINTRA, publicada em 1916, sendo então o notável antístite arcebispo de Olinda e Recife, PE.

Salientámos, ainda, que o referido documento eclesiástico tornou-se justamente famoso, celebrou-se até hoje, em razão das notáveis idéias que continha, em virtude das extraordinárias inovações ou reformas que veiculava, tentando reformular tradicionais e rotineiras posições da Igreja face ao problema da justiça e da liberdade.

“A Igreja Católica no Brasil sempre foi uma instituição acomodada. Seus interesses e conveniências confundiam-se com os interesses e conveniências do poder temporal ao qual servia. Foi assim na monarquia, onde o altar e o trono constituíam verdadeira simbiose. Dai o escândalo que foi o gesto de DOM VITAL, ao reivindicar liberdade de decisão em matéria eclesiástica. Passado o episódio, conhecido como “Questão Religiosa”, voltou a Igreja à sua posição antiga.” MEDEIROS LIMA, prefácio às “Memórias Improvisadas” de Alceu Amoroso Lima, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1973, p. 19.

Na Monarquia como na República, a posição da Igreja foi de rotina, conservadorismo amorfo, inércia, passividade diante dos atos e decisões do poder político. Sua preocupação era a de salvar as almas, pregava o contemplativismo religioso. A ideologia que a dominava era a ordem, como disse JOÃO ALFREDO MONTENEGRO, em análise densa, aguda da situação da Igreja na Monarquia.

A Igreja não atacava os problemas sociais; conservava-se indiferente, superior à chamada “questão social”. A República concedeu à Igreja certa liberdade de movimentos mas ela não sabia o que fazer dessa liberdade. Com a República, instituída no País em 1889, a Igreja manteve a mesma linha tradicional, de indiferentismo pelo problema político e social. Igreja e Estado dão-se as mãos fraternalmente, a despeito do espírito laico deste último.

Contra tal mentalidade de acomodação é que algumas personalidades isoladas se levantaram, como é o caso do Pe. JULIO MARIA, ou JULIO CESAR DE MORAIS CARNEIRO, redentorista. “Ficaram célebres suas objurgatórias contra a decadência do catolicismo no fim do Império.” “Foi ele quem primeiro tentou mudar a mentalidade católica brasileira, na sua proverbial indiferença pela “questão social”, abrindo os novos rumos que só hoje, com o Concílio Vaticano II e particularmente com as encíclicas e documentos sociais de PIO XI a PAULO VI, e acima de tudo JOÃO XXIII, dissecaram novos rumos para a Igreja. E para o catolicismo em geral. Novos rumos que, de dia para dia, se acentuam com a aproximação do século XX para o século XXI.” ALCEU AMOROSO LIMA, op. cit., p. 231-232.

O Pe. JULIO MARIA escreveu, em 1900, o revolucionário opúsculo “Livro do Centenário”, em que profliga, duramente, a atitude comodista e passiva da Igreja; empregou, então, “palavras proféticas e definidoras dos rumos futuros da Igreja.” Disse ele: “O clero no Brasil não pode nem deve encastelar-se nos santuários, contemplando de longe o povo e pensando que fará obra de Deus só com as nossas devoções, (ou só com as nossas procissões e atos públicos), as nossas festas e os nossos panegíricos.” A missão da Igreja, além dessa, é bem outra. É “consociar os espíritos, pacificar as almas, harmonizar as vontades com os princípios de uma nova ordem social de coisas; a “questão social” é questão por excelência, porque afeta os interesses fundamentais do homem e da sociedade. Deve a Igreja mostrar aos pequenos, aos pobres, aos proletários que eles foram os primeiros chamados pelo Divino Mestre, cuja Igreja foi logo, desde seu início, a Igreja do povo, na qual os grandes, os poderosos, os ricos também podem entrar, mas se tem entranhas de misericórdia para a pobreza. A Igreja deve lutar para sujeitar o despotismo do capital às leis de equidade (de justiça social). O trabalho deve ser tratado com justiça. O trabalhador deve ser dignificado, a oficina cristianizada. Cumpre proclamar bem alto a eminente dignidade do operário na cidade de Deus,

que Jesus Cristo fundou na terra. A cidade de Deus é fundada para o povo, não para as castas, as aristocracias, as burguesias, as dinastias. A cidade de Deus é do povo e para o povo, segundo o cristianismo; a democracia é o banquete social do Evangelho. Em suma: a Igreja deve existir unida ao Povo. Cfr. ALCEU AMOROSO LIMA, op. cit. p. 231.

Dom SEBASTIÃO LEME, principalmente quando em Olinda e Recife, absorveu todas estas idéias e mais outras de cunho profundamente reformista, tornando-se, em realidade, UM GRANDE LIDER DO CATOLICISMO NO BRASIL.

Impressionante líder, que tanto comoveu o espírito e o coração de grandes brasileiros da época, como JACKSON DE FIGUEIREDO e outros muitos.

Dom LEME - disse-o ALCEU AMOROSO LIMA, seu íntimo amigo de muitos anos, amigo até à morte do cardeal - "Dom LEME é homem ao qual muito devo, com ele convivi intimamente; vivi perto de sua "sapientia cordis" pois era acima de tudo um grande coração". op. cit., p. 230.

Dom LEME foi sempre homem cordial, conciliador e tolerante. Insurgiu-se, veementemente, contra o "pauperismo" e o "mundanismo", contra a ignorância. Contudo, não desejava modelar padres cultos ou intelectuais, refinados, mas padres padres, padres verdadeiros, sinceros. Que lutassem, decididamente, contra os autores alemães mais tarde chamados de "Vulgarkatholizismus".

Dom LEME permaneceu em Pernambuco até 25 de Fevereiro de 1921, data em que foi eleito arcebispo-coadjutor no Rio de Janeiro. À antiga Capital da República chegou em 31 de julho de 1921. Tomada de posse do governo diocesano em 5 de Agosto de 1921.

Seja-nos permitido, porém, retornarmos, por um momento, ao ano de 1919.

1919. Ano triste, terrível para o coração e o espírito de Dom LEME, porque é o ano do falecimento de ANA PIO, sua adorada mãe.

Ao morrer Dona ANA PIO tinha apenas quarenta e seis anos de idade (ela nascera em 1865). Seu óbito ocorreu em Olinda, contando Dom LEME apenas trinta e sete anos de idade (ele nascera em 1882). Por conseguinte, sem o calor do amor materno viveu vinte e três anos, expirando no Rio de Janeiro em Outubro de 1942.

A perda da mãe - todos sabem-no - é perda irreparável, deixa o clássico

co "vácuo impreenchível". Mãe, criatura insubstituível.

Segundo disse FREUD, um ser está vivo enquanto está viva a sua mãe. Morta esta, morre praticamente o ser. Dai em diante vive como que no ar, arrasta-se sem objetivo pelo mundo. Nota-se logo, no órfão, que lhe falta algo de fundamental, de muito precioso. Ao perder a mãe perdeu sua "raison d'être", sua motivação existencial.

ANA PIO, ao expirar, mutilou o ser profundo do ilustre filho. Algo de muito essencial nele se perdeu para sempre. Golpe profundo vibrado na alma, no ser psicológico, no domínio moral.

Perder a mãe é literalmente morrer interiormente. O choque é de tal ordem, de tal violência para o filho que este sente ocultamente, muita vez sem disso ter consciência, que perdeu a razão de estar vivo, de estar no mundo. A morte da mãe contraria ou embarga para sempre a alegria do filho, o qual passa somente a existir desarvorado, secretamente ferido e a sangrar, mutilado, sem gosto para nada... É o pathos, drama na existência individual, porque nada pode substituir a Mãe, seio, nutriz, matriz da vida, sede da existência...

A alegria, o chamado "joie de vivre", a felicidade - "concepção social", como disse GILBERTO AMADO - torna-se para o órfão de mãe, mais do que nunca, fora do seu alcance. O contentamento, puro e verdadeiro, deserta-lhe da vida ou nunca mais chega-lhe ao coração, como chegava outrora, em companhia da mãe. Intimamente é constante o sofrimento do sem-mãe; a morte de quem lhe deu a vida e o criou é o arrancamento de suas raízes primordiais ou subterrâneas, é a ferida nos tecidos profundos, nas fibras mais interiores de seu ser.

O nosso cardeal sempre trouxe dentro do coração a imagem de sua mãe. ANA PIO era u'a mulher de alma doce e mãe perfeita. Mãe e filho sempre viveram espiritualmente abraçados um ao outro, uma alma fundida na outra, amorosamente.

O cardeal levava pela vida a fora a doce escravidão que o amor materno impõe. "Jugo suave"; amorável tirania. Ao morrer, ao desaparecer, ao perder a realidade física, a presença objetiva, necessária para a existência do amor, a mãe inigualável encheu de dor o coração do filho.

Dessa morte ou dessa "ausência" em diante viver tornou-se para ele dor contínua... Dor que muito sangrava, mesmo que poucos a pudessem perceber, porque guardada muito no íntimo de sua alma.

Já vimos anteriormente que ANA PIO falecera em 2 de Fevereiro de 1919, sendo que mais tarde, por iniciativa do cardeal seu filho, seus restos mortais foram trasladados para o Rio de Janeiro, em 1939. Presentemente os despojos da ilustre mãe e senhora repousam no Carmelo da Santíssima Trindade, em Todos os Santos, Rio de Janeiro.

DE SEMINARISTA A CARDEAL — 5

Recordamos que na sequência das dissertações desta brochura fizemos menção ao fato de que em data de 17 de Agosto de 1916 Dom SEBASTIÃO LEME tomara posse do posto de arcebispo de Olinda, para o qual houvera sido escolhido ou eleito em 25 de Abril do mesmo ano. Lembramos mais que, na mesma sequência que este capítulo vai explorar, um acontecimento assás doloroso e pungente abalara por dentro o sensibilibíssimo arcebispo: o falecimento de sua mãe, Dona ANA PIO, ocorrido em Pernambuco em 2 de Fevereiro de 1919.

A morte de sua santa mãe foi para ele golpe cruelíssimo: dilacerara-lhe sem piedade o coração. Sua mãe era matrona que lembrava muito as antigas damas ou patricias romanas. As pessoas do nosso tempo aperfeiçoaram a levandade de desfazer a beleza do ideal antigo ou clássico da vida nobre, austera. Quase ninguém mais ousa louvar tal tipo de existência nem nele crer, profundamente e com real simpatia humana.

Em Pernambuco dom LEME esteve até 25 de Fevereiro de 1921, data em que foi eleito arcebispo-coadjutor do Rio de Janeiro. Mas, não antecipemos os fatos, eis que há outros acontecimentos a serem mencionados. Relatemo-los, pois, sobriamente, ao nosso feito.

Dom LEME, é bem de ver, permaneceu à frente do arcebispado de Olinda-Recife durante todo o período de duração da Primeira Grande Guerra (1914 - 1918). Angustioso período histórico para toda a humanidade e no qual o preclaro filho de Dona ANA PIO soube fazer fulgir a força de seu espírito, a grandeza de seu coração e a sua capacidade de ação.

Arrostava todas as dificuldades e obstáculos com seu invariável espírito de caridade, que as luzes de sua grande inteligência esclarecia e bem orientava. Estudava sem cessar, tal como se fosse um "sophoi" helênico, dotado de natureza filosófica, um pensador no sentido belo da palavra em grego; moderna-

mente, um "oxfordman", um "sorbonnier", um homem que apenas diz daquilo que sabe (não um sofômano, ou homem que julga saber o que ignora). A cultura cada vez maior, a instrução, a magnífica erudição eram para ele um "plus", um acréscimo ou aquisição extremamente valiosa que o ajudava a guindar-se às mais altas posições e nelas manter-se com reconhecido brilho.

Foi nessa época, de conturbação mundial e guerreira, de conflagração entre as nações, que escreveu a um dileto amigo uma carta assás expressiva dos dotes de seu coração, reveladora da bondosa mania que ele tinha de conservar amizades fraternas por todo o curso da existência.

E uma carta singela mas que merece divulgação, sobretudo por se tratar de um documento raro e que põe a nu a sua comovedora indole compassiva, tão inclinado às doces e íntimas expansões do coração. Foi a referida carta autógrafa escrita quando governava os destinos da arquidiocese de Olinda e enviada ao Sr. major JACOB WORMS JUNIOR, antigo prefeito de Pinhal, amigo inseparável e assíduo companheiro de infância de Dom LEME. Além de amigo e companheiro dos idos tempos da meninice de Jacósinho, como o major era chamado na intimidade, era seu compadre, pois veio a batizar o sr. OLAVO TAVARES WORMS, filho do major e antigo coletor estadual em Pinhal.

Mencione-se, ainda, que a referida carta, abaixo fielmente transcrita, é uma rara preciosidade cujo texto original acha-se religiosamente guardado em mãos do Sr. OLAVO TAVARES WORMS, o qual a conserva ciumosamente como preciosa reliquia de família. A carta é aqui e agora dada à inconfidência da publicidade, devido à gentileza e ao cavalheirismo deste distinto pinhalense. OLAVO WORMS, há longo tempo já residindo fora de Pinhal.

A carta está assim redigida, "ipsis litteris":

Recife, 25 - XI - 1917.

Prezado Amigo e Compadre

No pinhalense vi o meu retrato e a notícia de um discurso que aqui fiz. Isso é obra sua. Muito obrigado.

Veja o que é amor da terrinha. Por causa desse discurso recebi telegramas, cartas e artigos elogiosos do Brasil inteiro. Imagine que o

Ministro da Guerra mandou um General visitar-me e trazer-me parabens.

Pois, meu amigo, o elogio do "Pinhalense" foi o que mais me chegou ao coração. Naquelas palavras eu senti que era menino e pareceu-me estar brincando nas portas do João Teodoro.

Pareceu-me estar vendo o pessoal todo do nosso tempo. Enfim, cheguei a chorar. É assim mesmo, não há coração bem feito que se esqueça da "santa terrinha", como dizem os Portuguezes. Agradeça em meu nome ao Laurindo.

Como vai o Olavo? Quando for tempo do Colégio, não se esqueça de me avisar. Tenha muito cuidado com ele. Olhe que a meninada de hoje não é como a do nosso tempo. Ai! meu Jacob! Como fiquei triste em deixar cair no papel essa frase de elogio para o nosso tempo! Isso foi sempre mania dos velhos. Quer dizer que eu já estou ficando velho.

Valha-nos a lembrança de que a amizade não envelhece. Meus respeitos a Exma. Comadre. Uma afetuosa e grande benção para o Olavo.

E, recebendo as lembranças de Mamã, que, graças a Deus, vai muito bem de saúde, receba apertado abraço deste seu

Velho Amigo

† Sebastião

Arcebispo de Olinda

ESCLARECIMENTOS: O texto epistolar acima transcrito deve ser elucidado com as seguintes notas anexas:

a) Diz o missivista: "No Pinhalense vi o meu retrato..." Referia-se ao jornal "O Pinhalense", editado em Pinhal no período. Em 1906 o jornalista LAURINDO DE AZEVEDO MARQUES adquirira a "A Gazeta de Pinhal", cujo cabeçalho fora substituído, em 7 de Julho de 1907, pelo título de "O Pinhalense", órgão redatoriado por ANTONIO PACHECO LESSA e dirigido por seu proprietário. Anteriormente o jornal (com o nome de "A Gazeta de Pinhal"), pertencera a JOSÉ LOURENÇO DE SÁ, que o fundara em 16 de Abril de 1903.

b) respeitou-se na transcrição da carta, a ortografia de Dom LEME.

c) Tratou o destinatário de "Compadre", porque, como se disse há momentos, era padrinho de batismo do seu filho, Sr. OLAVO TAVARES

WORMS.

d) "Pareceu-me estar brincando nas portas do João Teodoro". Este JOÃO TEODORO era um antigo comerciante de Pinhal, na frente de seu estabelecimento o cardeal e outros meninos se reuniam para brincar...

e) "Agradeça em meu nome ao Laurindo." Isto é, a LAURINDO DE AZEVEDO MARQUES, diretor-proprietário de "O Pinhalense", como já foi dito.

f) "Como vai o Olavo?" Isto é, OLAVO TAVARES WORMS, afilhado do ilustre missivista, filho do destinatário da carta, o Compadre Jacózinho.

g) "Ai! meu Jacob!" Alude ao Sr. Major JACOB WORMS JÚNIOR, pertencente à "meninada" do seu tempo.

h) "Isso foi sempre mania dos velhos. Já estou ficando velho." Dom LEME nasceu em 20 de janeiro de 1882. Tinha, pois, quando escreveu a carta, pouco menos de 35 anos de idade.

i) "Meus respeitos a Exma. Comadre." Isto é, a Digníssima Esposa do Major JACOB WORMS JÚNIOR, Exma. Sra. Dona URSULINA TAVARES WORMS.

j) "Receba as lembranças de Mamã, que, graças a Deus, vai indo muito bem de saúde." A mãe do arcebispo, dois anos depois, haveria de falecer. Ela nascera em 1865 e morreu em 2 de Fevereiro de 1919. Contava, ao morrer, 54 anos de idade.

k) O discurso aludido no começo da carta refere-se à entrada do Brasil na Guerra de 1914 - 1918. O texto, integral, desse discurso é o seguinte; respeitada a ortografia do original:

"Senhores: não há coração de brasileiro que não sinta um fremito de entusiasmo diante desse espetáculo magnífico de um povo inteiro que se despeja pelas ruas a aclamar o pavilhão nacional.

Compreendo a significação de vossos aplausos. Quereis que, em cântico nacional a sair do peito de todos os brasileiros, suba para o azul a reparação solene do ultraje tentado à nossa bandeira.

Cada vapor nacional que desaparece nos mares é um pedaço da Pátria que se vai. Ora, o Brasil não podia consentir que o despedaçassem aos poucos. Dai o aceitarmos a guerra, que de fato se nos fazia.

Cheios de fé em Deus, aguardemos a justiça da vitória. Não somos uma grande potencia militar; mas somos uma nação honrada e livre, que

para sua defesa, tem trincheiras invencíveis no coração do povo.

Unidos, pois, às autoridades da Republica, saibamos cumprir o nosso dever. Na hora atual, o primeiro é o de manter a ordem, conservar a calma e respeitar os estrangeiros, que são nossos hospedes.

Não façamos aquilo que nós outros tanto reprovamos, e para que não digam de nós o mal que da Alemanha disse o mundo inteiro.

Respeitemos, portanto, os alemães aqui residentes. Acatemos, neles, a infelicidade do prisioneiro, sob a tutela do nosso pavilhão. Não é com exaltações incontidas que se salva a honra nacional. Repellido a injúria, sejamos calmos. Ai está a força. Na força, está a vitória.

Mocidade! Continuai a vossa passeata cívica, tranquilos e serenos. Dai vivas ao Brasil. Cobri de aplausos essa bandeira, que amanhã, se preciso for, cobriremos de lances de heroísmo. Viva o Brasil!"

(Discurso pronunciado em 4 de Novembro de 1917).

DE SEMINARISTA A CARDEAL — 6

Em parte precedente deste capitulo da "história sincera" do cardeal LEME reproduzimos, "ipsis verbis", o breve mas cintilante discurso por ele proferido em Pernambuco em data de 4 de Novembro de 1917, data assás efervescente e que assinalava a entrada do Brasil na Primeira Grande Guerra (1914 - 1918).

A leitura daquela bela alocução deixa transparecer, inteiro, o humanismo cristão do nosso ilustre biografado. La fora os "boches" selvagens devastavam muitas regiões do mundo com vermelhos morticínios de inocentes e pacatos cidadãos; os alemães, bárbaros modernos, agiam com bravura bestial e sanguinária, tripudiando sobre o sagrado direito dos povos. O conceito de direito internacional se despedaçava, esfalçava-se, numa execranda guerra. Entretanto, no discurso de Dom LEME, feito ao ardoroso povo do Recife e ao nobre povo brasileiro em geral, pedia-se que se usasse de humanidade para com os germânicos aqui radicados, fazia-se apelo aos belos e nobres sentimentos da alma, aos generosos sentimentos do coração. O grande orador procurava arrefecer as exaltações populares, belicosas e pindáricas, a despeito de a guerra mundial ser excessivamente brutal, morrendo todos os dias no "campo da honra" milhares de homens, que assim eram destruídos honrosa-

mente para maior glória da humanidade.

O ponto de vista do arcebispo de Olinda e Recife não podia ser outro senão o católico, o da Igreja. Ponto de vista racional, sensato, equilibrado, alheio aos ignóbeis interesses da "realpolitik", dos anseios de governo e hegemonia mundial sustentados pelo "Kaiser", por GUILHERME II da Alemanha.

O sentido perfeito do pensamento de Dom LEME, relativo ao rompimento das relações diplomáticas e comerciais entre o Brasil e o Império da Alemanha, acha-se vasado num Manifesto por ele publicado alguns dias após o seu memorável discurso do Recife. Documento de grande importância para a história de nossa Pátria, dado à estampa em 8 de Novembro de 1917, com idéias e sentimentos que lembravam os de ROMAIN ROLLAND:

MANIFESTO DE D. SEBASTIÃO LEME DA SILVEIRA CINTRA, ARCEBISPO DE OLINDA

AO CLERO E AO POVO DE PERNAMBUCO

Bispo e brasileiro faço um apelo solene aos sentimentos patrióticos e cristãos do povo pernambucano:

I. - Não é possível que, na hora atual, haja um só brasileiro que fique indiferente aos momentosos problemas que preocupam os chefes da nação.

Bem haja o nosso governo que soube cumprir o dever!

Cumpramos o nosso. Cristãos, oremos pelo Brasil.

Brasileiros, secundando a ação do governo, dêmos todo apoio e estímulo às linhas de Tiro, empenhados em que por toda parte surjam e se avolumem essas fileiras disciplinadas que no dever militar exercitam as forças novas do país.

Com o incentivo dos grandes entusiasmos, evitemos para o nosso Pernambuco a ingloria de uma abstenção gelada nos preparativos da defesa nacional.

Dos vossos lábios não fuja uma só palavra a denunciar apatias indignas de um coração patriota.

Nem uma sílaba que importe em menosprezo das

nossas forças de mar e terra, nem um gesto que denote pouca confiança nos destinos do Brasil.

Nada de sobresaltos infundados, nada de críticas infortunadas. Irmanados na bandeira e na cruz, cerremos fileiras em torno das autoridades legais da Republica.

Aos membros do clero e aos fieis catholicos mais do que a outros cabe o dever de um patriotismo sem jaça: oração fervorosa instante, apoio incondicional às autoridades do pais, confiança em nossos militares, criterio, sobretudo muita prudencia em não espalhar boatos que possam alarmar o povo, ocasionando desordens ou perturbando a vida normal da população e, muito menos, comentar noticias tendenciosas que possam deprimir as nossas capacidades de defesa.

II. - Nas dificuldades e angustias do momento, não é a menor prova de patriotismo o conservarmo-nos em attitudede de calma e respeito deante dos estrangeiros que vivem entre nós.

Ao pais em guerra conosco dêmos este exemplo magifico de respeito às pessoas e aos haveres de seus súditos.

Lembremo-nos de que não estamos em guerra com os alemães aqui residentes.

Contra a Alemanha armada e não contra eles inimigos, é a nossa guerra. Desabafos incoitados seriam na hora atual o maior desserviço à causa do Brasil.

Em nome, pois, de Nosso Senhor e em nome do Brasil, do qual não queremos se diga mal, eu peço e recomendo ao clero, aos católicos e a todos os bons patriotas que, sempre que possam, influam no sentido de não se atentarem assaltos às casas e às pessoas dos súditos alemães.

III. - Quanto aos religiosos nascidos no pais em guerra conosco, nada absolutamente eu temo que possam fazer de menos leal para com a nossa Patria.

Respeite-se neles o carater sacerdotal. Somos um povo cristão. Apesar de serem homens pacatos, sacerdotes res-

peitáveis e inofensivos, já em nome deles me entendi com as autoridades competentes para que, a qualquer hora e do modo que for julgado melhor, sejam fiscalizados os seus conventos.

Bom é que se saiba que tais conventos não são alemães; são "conventos brasileiros", presentemente administrados por alemães, como podiam ser e são, outras vezes, administrados por brasileiros, francezes ou de outras nacionalidades.

Em todo caso, respeitando desconfianças possiveis, já os religiosos alemães deixaram a direção das paróquias que estavam a seu cargo.

Confiante no espirito patriótico e ordeiro do povo pernambucano, o Arcebispo espera que ninguém deixará de cumprir os deveres excepcionais do atual momento histórico.

Cheios de fé e com dobradas orações, peçamos a Deus abenção o Brasil.

Recife, 8 de Novembro de 1917.

+ SEBASTIÃO, Arcebispo de Olinda.

Nota. - Respeitou-se a ortografia original com que o "Manifesto" foi dado à publicidade.

DE SEMINARISTA A CARDEAL — 7

Sem dúvida alguma, a serena e elevada attitude ou posição assumida por Dom LEME nos graves e históricos acontecimentos de Novembro de 1917, em que o Governo de nossa Nação, traduzindo os anseios do povo brasileiro, injusta e deslealmente ofendido em seus brios de Pais democrático e livre, com o afundamento de navios com nossa bandeira, rompeu as relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha imperialista, demonstra bem que o nosso biografado era um homem dotado de grande presença moral no Pais,

homem de real originalidade, força, lucidez, encanto pessoal.

Dom LEME mostrou, muitas vezes, que era um dos grandes do século, um homem de grande e real envergadura moral e intelectual. Não enunciava truismos; tudo o que dizia era profundo, bastante significativo e refletido. Era um autêntico genio religioso, com acentuadas tendências para a política prática; um idealista movido por intenções práticas, executivas. Seu genio, sua concepção religiosa aparecia em todos os seus atos, estava relacionada com suas projeções exteriores.

Um genio religioso genuíno - isto é, "um genio que não deseja ficar na immediatidade de sua natureza", como disse KIERKEGAARD - , volta-se para si próprio e, "ipso facto", para Deus. É dessa forma que encontra a liberdade.

Já muito antes de ser arcebispo de Olinda-Recife o padre SEBASTIÃO LEME era um modelo de fé - fé viva, ardente, sempre jovem; fé é energia e ousadia de crer, somente ele sendo capaz de desarmar os espinhosos sofismas do ateísmo, da descrença.

Mas continuemos a focalizar a figura de Dom LEME, pondo-a em relação com o seu meio histórico, nesta espécie de desfile dos acontecimentos mais importantes de sua vida.

Existem no Museu e Biblioteca "Dr. Abelardo Cesar" de Pinhal interessantes coleções de jornais antigos, que circularam no município; na coleção referente ao "Pinhalense", fundada por LAURINDO DE AZEVEDO MARQUES, encontra-se a edição de n. 1.076, correspondente ao dia 29 de Novembro de 1917, cujo artigo da redação contém preciosas informações. O editorial é o seguinte:

DOM SEBASTIÃO LEME

É conhecida de todos os pinhalenses a elevada e nobilíssima atitude que aquele nosso ilustre conterraneo tem mantido no atual momento histórico da nossa Patria, revelando-se mais uma vez à altura do justo renome de que goza e com que muito se ufana esta terra, da qual o eminente prelado é filho.

A propósito do seu ultimo gesto, oferecendo ao Governo, para dele se servir, instalando ali um quartel, o palacio Arqueiepiscopal de Olinda, encontramos na "A Tribuna" de Santos, as

linhas seguintes: "O eminente prelado D. Sebastião Leme, arcebispo de Olinda, que tão elogiosas referencias soube despertar na imprensa patricia, mercê de sua nobre attitude em face do estado de guerra em que se acha o Brasil, dirigiu ao general Joaquim Inacio, o seguinte telegrama: "Sabendo da intenção de instalar o Quartel no alto de Olinda, ofereço gratuitamente o edificio do Palacio de Verão, agradecendo desde já a honra da preferencia. Remoçado o vetusto Paço Arqueiepiscopal, exultará no dia em que receber os nossos soldados. Procedendo assim, cumprio o meu dever patriotico e religioso porque o amor à Patria é lei sagrada da Igreja, não merecendo as benções de Deus aquele que foge dos sacrificios por nossa amada Patria". (a) Sebastião Leme."

A este telegrama o general Joaquim Inacio respondeu da seguinte forma: "Não me surpreendeu o gesto patriotico e nobilissimo do meu eminente amigo, ilustrado e virtuoso chefe da igreja pernambucana, oferecendo para a instalação do quartel na lendaria Olinda, o palacio de Verão. É mais um ato que o impõe à estima, veneração e respeito de quantos têm a ventura de conhecer tão brilhante ornamento do clero brasileiro. Acabo de transmitir ao Ministro da Guerra o telegrama com que me honrou. Afetuoso abraço."

Os conterraneos de sua Excia. Revma. acompanhando-o em todos os seus atos, não podiam deixar de manifestar o seu aplauso a esse ultimo e assim é que desta cidade foi passado a D. Sebastião Leme, o seguinte telegrama abaixo:

"D. Sebastião Leme - Palacio Arqueiepiscopal - Olinda - Pernambuco. Em nome da Camara Municipal e população de Espirito Santo do Pinhal, vossa terra natal, felicitio V. Excia. Revma. Pelo patriotico gesto, oferecendo vosso palacio para aquartelar um contingente da força do nosso glorioso exercito e pela brilhante attitude assumida no atual momento. Afetuosas saudações. (a) Jacob Worms Junior, Prefeito Municipal."

(Ext. de "O Pinhalense", ed. n. 1.076, de 29 de Novembro de 1917).

Escoaram-se alguns anos. Em Pernambuco o nosso ilustre genio religioso, singelamente biografado nesta monografia, permaneceu até 1921, ano em que, em 25 de Fevereiro, foi eleito arcebispo-coadjutor no Rio de Janeiro. Chegou ao Rio em 31 de Julho de 1921. Tomou posse do governo diocesano em 5 de Agosto de 1921.

A existência do arcebispo de Olinda era cheia de possibilidades venturosas ou de exitos e triunfos: ele soube aproveitar essas oportunidades do destino e foi subindo os degraus de sua nobilissima carreira. Seus defeitos, fatores negativos, o "minus", o "menos" eles os superava todos com suas imensas qualidades e virtudes.

Seu genio, percebia-se, a tudo levava de vencida. Muito o ajudava a vencer, também, o fato de que cultivava o esforço, o bem amado esforço de muito estudar, muito refletir e meditar. E, acima de tudo, muito orar. Orar sempre, seguindo a recomendação de SÃO PAULO, Primeira Carta aos cristãos de Tessalônica, V, 17.

Aquele arcebispo de aparência singela, branda mas de atitudes corajosas, intrépidas sempre causara a melhor das impressões ao povo pernambucano. O povo o admirava, o estimava porque era realmente um homem de merecimentos imorredouros. Jamais seguiu as disposições do imediato, que torna fácil a existência; sempre preferiu o caminho mais difícil, árduo, estreito.

Deixou em Pernambuco a lembrança de sua fecunda atividade apostólica, a recordação do seu enorme zelo, uma farta e generosa sementeira de benefícios e opimos frutos na seara da fé. O notável genio religioso do arcebispo projetava-se cada vez mais; fazia-se presente seu brilho, seu renome, sua glória que já se ia esboçando para se tornar imortal.

As palavras, as ações do arcebispo revelavam integralmente e com justiça a força e a lucidez do seu genio. Seu genio era um "Em si" (An Sich), tão belo e poderoso, com profundidade e capacidade para abalar tudo quanto jazesse estratificado, inerte. "O genio pode tudo", como disse KIERKEGAARD É onipotente em seus limites. É mais forte do que todos os mortais. Está colocado acima do comum dos homens. É sobretudo grande por sua fé, quer colha triunfos, quer só obtenha derrotas. O genio é, "sensu eminentiori", uma força do destino.

No sólio do Rio de Janeiro, em 1921, achava-se Dom JOAQUIM ARCOVERDE. Melhor dito, esteve no Rio o Cardeal ARCOVERDE durante

os cinco anos em que Dom LEME esteve em Olinda. E nesse período não cessara o Cardeal do Rio em solicitar junto à Santa Sé para que designasse Dom LEME como seu auxiliar. Tão reiterados, tão insistentes foram os pedidos feitos pelo Eminentíssimo prelado que, em 1921, o Vaticano houve por bem em satisfazê-los. E foi assim que Dom LEME, já inteiramente consagrado como uma das figuras mais representativas do clero do Brasil, é designado para o Rio de Janeiro, na qualidade de arcebispo-coadjutor, com plena jurisdição e direito à sucessão.

Na então Capital da República expandiu-se poderosamente o genio religioso de Dom LEME, seu zelo apostólico brilhou intensamente. Era sempre citado com admiração o insigne arcebispo-auxiliar e de Pharsalia. Ali sua atividade tomou-se, mais do que nunca, onimoda, séria, grave, projetando-se em todas as direções, imantada pelo nobre ideal gravado em seu brazão d'armas: "Cor unum et anima una" - ou seja, a unificação das almas.

Trabalhos de grande envergadura foram então realizados por Dom LEME. De 1921 a 1930 podem-se mencionar a realização do Segundo Congresso Arquidiocesano, tido como empolgante (solenemente efetuado em 1922, por ocasião do Centenário da Independência do Brasil); a realização das missões tornadas periódicas, a obra das vocações sacerdotais, a instituição dos retiros populares, a fundação de escolas populares, lançamento da Confederação Católica do Rio de Janeiro, a promoção de conferências eclesásticas, a realização da Semana Missionária sobre a catequese dos nossos indios, a instituição da benção das espadas, a criação do dia das filhas de Maria, das festas em homenagem a Cristo-Rei, do "dia social" dos párocos, das Congregações Marianas, da páscoa de intelectuais e militares, etc. Muitas dessas obras e dessas criações existem ainda até o dia de hoje, zelosamente conservadas pela Igreja.

DE SEMINARISTA A CARDEAL — 8

É assás agradável discorrer acerca da estimada personalidade do eminentíssimo Cardeal Dom SEBASTIÃO LEME DA SILVEIRA CINTRA. Sua Eminência logo se distinguiu, ainda nos distantes anos do Seminário Diocesano em São Paulo, pelo seu poder intelectual e por suas virtudes. Sua vida intelectualizou-se rapidamente, amadureceu precocemente; ele velozmente desen-

volveu as forças que trazia consigo. Formou-se, elaborou-se a si próprio com grande firmeza.

Já dissemos: Dom LEME foi o construtor de sua própria posteridade, ele elaborou-se lentamente, todos os dias de sua vida, criou-se a si mesmo por seus contínuos atos de bondade e de benemerência.

Proveu que a vida é esforço, é trabalho, é luta, é combate. "O bem adquirido sem esforço não tem nenhum valor." Em outros termos: "Um bem que não se tem merecido nem conquistado, será mesmo um bem? E aquele que o obtivesse sem esforço poderia ao menos apreciar o seu valor?"

Deus criou os mundos, os universos, dispendo-os como "teatros destinados para lutas e trabalhos", como palcos de sofrimentos e canseiras, esforços e fadigas.

O nosso cardeal, a despeito de ter nascido nas precárias e adversas condições da pobreza, venceu esses e outros obstáculos e chegou à primeira classe por seus esforços enérgicos e perseverantes. Sua fé em Deus, sua confiança na Providência eram completas, ardentes, absolutas. Amparado a este inestimável e poderoso bordão é que conseguia caminhar de coração firme na existência, visando sempre alcançar o alto, atingir a perfeição. Sua vida lembrava as palavras sábias e belas de um grande pensador do século passado:

"É belo, é consolador e doce poder caminhar na vida com a frente levantada para os céus, sabendo que, mesmo nas tempestades, no seio das mais cruéis provas, no fundo dos cárceres, como à beira dos abismos, uma Providência, uma lei divina paira sobre nós, rege os nossos atos, e que, de nossas lutas, de nossas torturas, de nossas lágrimas, faz sair a nossa própria glória e a nossa felicidade. É aí, nesses pensamentos, que está toda a força do homem de bem!" LÉON DENIS.

Dom LEME dia, após dia aumentava a sua riqueza moral e o seu saber. Irradiava por toda a parte o brilho do seu talento, os fulgores do seu gênio, a beleza de sua grande alma. Era homem de coração reto, de razão esclarecida e madura. Dava a todos, bondosamente, consolações inefáveis e preciosos ensinamentos.

Possuía um alto pensamento, um pensamento que o bem cativava. Jamais acabrunhou alguém com a mais leve zombaria.

Criava ao seu redor uma atmosfera límpida e pura, uma aura de simpatia, um halo de luz. Possuía antenas delicadas para captar e sentir as emoções

delicadas da vida superior, da vida espiritual. Não era teatro de ruínas desejos, palco de pensamentos impuros e grosseiros; não praticava atos culpáveis, nem vivenciava dias ociosos, horas impregnadas de esterilidade.

Era impossível não estimar um homem de espírito tão justo e bom, um homem tão puro, de vida tão reta e de coração tão sincero, tão leal nos afetos.

Dom LEME passava a vida a realizar trabalhos dignos de admiração, sobressaindo entre eles o de ajudar e consolar os aflitos, os que sofriam. Merecia, por conseguinte, o côro de louvores vivazes, de elogios ardentes que despertava.

Muito cedo aprendeu a paciência, a resignação, os deveres austeros. Seu caráter sério e refletido era uma oposição viva, uma oposição mais que diametral aos espíritos levianos, aos apreciadores das coisas pueris e vãs.

Já entrado em anos, no brilhante entardecer de sua existência, tornou-se amadurecido e experiente, ou seja, adquiriu a sabedoria da vida. Realizou o que escreveu um espiritualista profundo do XIX século: "Somente ao fim de muitos anos de reflexão e de observação é que se adquire o conhecimento da vida, é que se aprende a julgar os homens, a discernir o seu caráter, a resguardar-se dos embustes de que está semeado o mundo." LÉON DENIS.

É preciso, realmente, viver muito, refletir muito, observar tudo sem cessar, para poder bem compreender este mundo cheio de um grosseiro e constante pulular de fatos vis, de lutas e imposturas abjetas.

O cardeal LEME era homem de estudo, de muito estudo. Estudava com razão esclarecida e paciência infatigável as matérias ou disciplinas divinas e profanas. Muitas vezes, e até mesmo sempre, seus apurados estudos levavam-no a rejeitar situações tidas como intocáveis, a ferir idéias preconcebidas, a derrubar posições tidas como inabordáveis. Católicos cuja fé, é de supor, seja sincera e verdadeira hão de reconhecer o grande valor combativo do nosso grande cardeal, lutando bravamente, tenazmente, contra um catolicismo ossificado, tradicionalista. Com efeito, é preciso uma grande vitalidade e um verdadeiro heroísmo para atacar e abalar situações laboriosamente firmadas, lentamente consolidadas, estabelecidas através de muitos e muitos anos. O inovador é sempre perseguido, hostilizado; sempre haverá "reações do espírito de rotina, erguendo-se contra os inovadores", formulando-lhes condenações sem exame, fazendo-lhes afirmações sem prova, asseverações meramente verbais, gratuitas ("gratis data", dadas de graça, como se diz em boa e sã teologia).

O consolo é que, "cedo ou tarde, a verdade triunfa das infalibilidades conjuradas."

Já na famosa Pastoral de 1916, que Dom LEME deu à estampa quando exercia o cargo de arcebispo de Olinda-Recife, propugnava idéias novas, defendia concepções arrojadas, que vinham quebrar o marasmo das rotinas estabelecidas na Igreja, que golpeavam vigorosamente as posições tradicionais do catolicismo brasileiro. Contra ele nessa ocasião, ergueram-se algumas vozes hostis. "A novidade vem inquietar porque destrói teorias já afeiçoadas, velhos sistemas edificados com muita dificuldade; derriba situações obtidas e perturba comodidades, por necessitar de pesquisas e de observações para as quais já não há mais gosto." LÉON DENIS.

O vigor moral e a coragem intelectual do nosso cardeal transparecem, visivelmente, nos trechos ou tópicos abaixo transcritos da sua célebre e assiduamente invocada Pastoral de 1916, que, como há momentos dissemos, foi vigorosa "reação ao espírito acomodatório e mediocre da Igreja."

"Que 'maioria católica' é essa, tão insensível, quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, indústria, comércio e todas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do Catolicismo? (...) É evidente, pois, que, apesar de sermos a maioria absoluta do Brasil, como Nação, não temos e vivemos vida católica.

Quer dizer: - somos uma maioria que não cumpre os seus deveres sociais, chegamos ao absurdo máximo de formarmos uma grande força nacional, mas uma força que não atua, e não influi, uma força inerte.

Somos, pois, uma maioria ineficiente.

Eis o grande mal."

Ainda sem sair desse grande, extraordinário documento de fé e coragem, Dom LEME observa:

"Somos católicos de clausura; a nossa fé se restringe ao encerro do oratório ou à nave das igrejas. Quando fora da portada dos lugares santos tremulam os nossos pendões, é certo que neles não fremem entusiasmos de uma reivindicação jurada; braços de

flores é que eles levam em suas dobras perfumadas; não são bandeiras de ação, são vexilos de procissão.

No "fervet opus" da vida contemporânea, somos uma exceção incompreensível.

Não agitamos, não movemos, não agimos.

Que propaganda fazemos? Que programa desdobramos?

Que resistência opomos?

Marasmar, assim, é grave; assim o dormir é fatal.

Os resultados aí estão.

Negá-los é cegueira: seria inépcia dissimulá-los.

Tenhamos a sinceridade cristã de o confessar: - somos uma maioria que não atua, dizíamos há pouco; agora acrescentemos: somos uma maioria asfixiada.

O Brasil que aparece, o Brasil Nação, esse não é o nosso. É da minoria.

Efetivamente, assim era a Igreja no tempo de Dom LEME em Recife: "Igreja silenciosa, sem voz ativa nos acontecimentos"; "instituição acomodada", a "vegetar na mediocridade, contentado-se com a rotina", dando abrigo a um "catolicismo de exterioridades, complacente e festeiro." "A Igreja concentrava-se no tradicionalismo mais fechado", e os tradicionalistas abominam as revoluções, e também abandonava a si mesmos os chamados "zeros": "zeros econômicos", "zeros espirituais", "zeros morais", os desumanizados ou subumanizados, os necessitados, os pobres, numa palavra, o "povo de Deus".

DE SEMINARISTA A CARDEAL — 9

Continuamos a encaminhar a narrativa ou a sequência de acontecimentos que mais marcaram a existência terrena de Dom SEBASTIÃO LEME; nesse esforço, neste como nos demais escritos deste volume, foi o de realizarmos, deliberadamente, uma exposição não propriamente brilhante, vivaz - para isto carecemos, de tudo, de poder ou capacidade - mas, pelo menos, correntia, fácil, prudente e sem confusões. Por outro lado, se alguém achar que pode fazer dissertação melhor que o faça. E jamais será desprezível qualquer contri-

buição feita para aclarar pontos obscuros ou ainda não ventilados da rica e curiosa biografia do cardeal LEME.

Pudemos ver, em páginas anteriores desta monografia, que Dom LEME era portador de uma irrecusável e fulgurante genialidade religiosa. Sustentou sempre ingente batalha contra o tradicionalismo emperrador, vesgo, astigmatista, conservador. Sua vida, inteira, foi uma afirmação de fé na evolução das coisas e das idéias. Foi, também, uma vida cumprida como um tratado de aliança com o Bem, com Deus.

Foi um santo homem de ação, um cristão "muscular", prático. Não acreditava, por certo, na convicção que corre mundo e segundo a qual "as coisas arranjam-se por si mesmas". Era sempre preciso agir sobre a realidade.

Sua personalidade acha-se bem definida no lema ou na inscrição latina gravada em seu BRAZÃO D'ARMAS: "Cor unum et anima una" - vale dizer, é o ideal da unificação das almas.

Sumaria ou sobriamente descrito é este BRAZÃO: "Escudo de forma oval, dividido em quatro partes iguais. No primeiro quartel, em campo de prata, o Sagrado Coração de Jesus, com a chaga aberta, vermelho, em chamas, enfaixado da corôa de espinhos, encimado de uma cruz. No segundo quartel, as armas dos LEMES. Em campo de ouro, cinco merletas pretas em aspa. No terceiro, as armas dos SILVEIRAS, em campo de prata, três faixas vermelhas. No quarto, as armas dos ARAUJOS, em campo de prata, uma aspa azul, carregada de cinco besantes de ouro". Lema: "Cor unum et anima una".

Ficou dito, igualmente, no capítulo precedente desta pequena obra, que, graças aos insistentes pedidos à Santa Sé feitos por Dom JOAQUIM ARCOVERDE, em 1921 foi Dom LEME elevado à posição de arcebispo-coadjutor (ou arcebispo-auxiliar) na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Tomou posse desse cargo em 5 de Agosto de 1921.

ANO DE 1924 — UMA CARTA

Era Dom LEME arcebispo-coadjutor no Rio quando escreveu uma preciosa carta ao saudoso padre e depois inesquecível monsenhor JOSÉ MENDES o qual, na ocasião, havia tomado posse da paróquia de Pinhal. Trata-se de singela e breve carta congratulatória, porém permanece, acima de tudo e antes de mais nada, como um raro documento da fina sensibilidade de quem a escreveu.

O eminente pontífice não se vexa em referir, com grande humildade, à sua pessoa. É para reparar, também, o mimo ou carinho com que ele matiza e repassa as expressões dirigidas a Pinhal e ao seu povo. Pinhal e sua gente ele as amou com ternura até o seu último dia de vida neste execrando mundo.

Eis a carta, em seu texto integral:

"Rio, 17 de Julho de 1924.

Revdmo. Sr. Pe. José Mendes

Com meus agradecimentos por sua bondosa carta, queira V. Revdma. receber os meus afetuosos parabens pelo entusiasmo insólito com que aí foi recebida a sua pessoa.

Já pode V. Revdma. ver que o povo de minha terra é profundamente religioso e bom!

Por mim, não lhe devo ocultar que muito espero de sua dedicação à causa do Senhor na direção dessa paróquia.

Nesse intuito sobem ao trôno do Divino Orago dessa matriz as mais ardentes preces.

Apezar de não ir ao Pinhal já ha mais de treze anos, tenho sempre voltado para aí o meu coração e, si lhe fôra seguir os impulsos, aí estaria com fervorosa assiduidade. Quer dizer que nas azas da saudade e da oração o meu espirito vai frequentemente à "santa terrinha". Deus a faça prosperar na fé e no bem, dando a V. Revdma. as graças precisas para delas fazer a mais bela paróquia dessa diocese!

Já o meu prezado Sr. D. Alberto me tinha comunicado a nomeação do novo vigário, mas a carta de V. Revdma. foi delicadeza que muito me penhorou.

Fiquei certo de que o zelo e a ação de V. Revdma. serão acompanhados das bênçãos e do afetuosos interesse deste pobre bispo que muito se ufana de ser Pinhalense.

Quando subir a esse altar, a cujos pés recebi a primeira comunhão e onde cantei a missa nova, não se esqueça de fazer uma breve oração por mim e pelos trabalhos em que vivo empenhado

em benefício da Igreja e do Brasil.

Deus o abençoe e a seu povo!

† Sebastião, Arcebispo C.

OBSERVAÇÕES: Esta histórica e importante missiva merece algumas notas para seu melhor esclarecimento:

a) respeitou-se, na transcrição, a ortografia usada pelo remetente.

b) O padre Mendes (depois monsenhor Mendes), vigário de Pinhal, exerceu seu cargo durante dezoito anos, isto é, de 1924 a 1942. Faleceu, precisamente, em 21 de Maio de 1942, isto é, cinco meses antes da morte, no Rio do Cardeal LEME. Dom LEME expirou em 17 de Outubro de 1942.

A missa do primeiro aniversário do falecimento do Monsenhor JOSÉ MENDES foi celebrada às 7,30 horas na Igreja Matriz de Pinhal, em 21 de maio de 1943, pelos Revdmos. Pe. JULIO SALVIETTO e Frade D. SEBASTIÃO ENANN. Após a missa realizou-se romaria ao túmulo do pranteado sacerdote, onde oradores locais se fizeram ouvir, traçando o "éloge" do falecido.

c) "Já o meu prezado Sr. D. Alberto me tinha comunicado a nomeação do novo vigário..." Referia-se o ilustre missivista a Dom ALBERTO GONÇALVES, inolvidável bispo da diocese de Ribeirão Preto, à qual pertencia a paróquia de Pinhal.

REAIS PROVAS DE ESTIMA

Fundado em 9 de Fevereiro de 1926, funcionou em Pinhal um Instituto de ensino com o nome de "Instituto D. Sebastião Leme." Tal instituição fora organizada e dirigida pelo culto Pe. J. CABRAL.

Outra prova de estima a Dom LEME, a ele feita por seu povo, foi dar seu nome a uma linda praça pública da cidade. O nome de Dom LEME sempre aparecia nos programas de festas religiosas e quermesses em benefício das obras da Matriz. Figurava, constantemente, como patrono ou grande benemérito ou elemento de honra das ditas festividades, muito concorridas, aliás.

Para uma dessas quermesses - a realizada em 1925 - Dom LEME en-

viou uma caneta-tinteiro de ouro, engastada em rico estojo, linda prenda que por alto preço foi arrematada (adquirida) por Dona MARIA JOSÉ ALCANTARA GARCIA, "Zezê Alcântara", como era conhecida pelas distintas famílias da localidade.

Para a quermesse de 1928 Dom LEME ofereceu uma formosa imagem do Cristo Redentor, a qual foi também por alto custo aramata (adquirida) pela Sra. Dona MARIA JOSÉ VERGUEIRO CEZAR, doando-a, posteriormente, em 5 de Novembro de 1942, à Biblioteca Municipal "Dr. Vergueiro Cesar".

A imprensa pinhalense tem, através dos anos, dado vivas provas de simpatia ao nosso biografado, felicitando-o carinhosamente pela passagem de seu aniversário, antes da infausta data de seu falecimento. Após este doloroso evento, nunca deixou de enaltecer sua memória, fazendo-o em longos noticiários ilustrados com fotografias do grande extinto, elogiado sempre em inteligentes considerações de cunho biográfico. Dom LEME, quando ainda vivo, jamais deixou de agradecer essas e outras reais demonstrações de afeto, simpatia e interesse por sua pessoa.

Em 1927, ao regressar são e salvo da Europa, ou seja da Suíça, aonde fora para tratar ou curar-se de enfermidade em órgão vital, submetendo-se então a uma delicada intervenção cirúrgica, rezaram-se em Pinhal inúmeras missas em sua intenção ou visando, especialmente, o seu pronto restabelecimento. Além desses officios sagrados, muitos "terços" foram rezados nas capelas e oratórios da cidade, também com vistas à recuperação da saúde pelo ilustre convalescente. Faziam-se, em sua intenção, "promessas" e "votos" em preces ardentes. Afastado o perigo de Dom LEME perder a vida, o regozijo foi geral na cidade. Muitos e muitos telegramas foram-lhe enviados, felicitando-o por ter recobrado a saúde. Dentre eles mencionamos este:

"Dom Sebastião Leme - Palácio arquiépiscopal - Rio de Janeiro
Comissão pró-Asilo de Mendicidade vossa terra natal envia boas vindas fazendo votos felicidades pt C. Finatti, presidente, J. Mangili, 1o. secretário.

(Os nomes completos e por extenso dos signatários deste telegrama são os dos srs. CARLOS FINATTI e JOÃO MANGILLI ambos beneméritos pinhalenses, o primeiro já falecido).

Esclareça-se, ainda, que, quando da chegada de Dom LEME da Europa,

foram esperá-lo diversas e distintas pessoas de Pinhal, entre elas as Exmas. Sras. Dona MARIA CAMARGO BORELI e Dona ANA VILAS BOAS, e o Sr. ALARICO BORELI. Em tal ocasião, comovido certamente com aquela delicada prova de estima, Dom LEME ofertou à Exma. Sra. Dona MARIA CAMARGO BORELI uma preciosa relíquia - relíquia tão cara ao coração de Dom LEME porque o acompanhava desde a morte de sua querida mãe, Dona ANA PIO. Essa relíquia era nada menos que o "terço" que servia para as orações diárias de Dom LEME. Essa relíquia, ou "mimo", Dona Cotinha Boreli (como, na intimidade, era conhecida a Exma. Sra. Dona MARIA CAMARGO BORELI) mais tarde a doou ao Museu Histórico Municipal "Vergueiro Cesar" de Pinhal. Esclareça-se, por fim, que Dona Cotinha Boreli, bem como seu saudoso marido, Sr. JOSÉ BORELI, foram antigos e muito queridos professores pinhalenses, dando aulas ou ministrando ensinamentos, ou ensinando a ler, escrever e contar à maioria dos pinhalenses ilustres e de boa família.

DE SEMINARISTA A CARDEAL - 10

Devemos nos recordar que nas derradeiras considerações deste modesto tomo biográfico salientámos, colocámos o acento tônico sobre pontos ou fatos que marcaram bem a vida do nosso cardeal, dando-lhe vivas e reais provas do quanto o povo de Pinhal, sua terra natal, o admirava e amava.

Com efeito, Pinhal e sua nobre gente acompanhava, "pari-passu", a brilhantíssima carreira de seu grande filho. A glória de Dom LEME mais e mais se acentuava, mais e mais ia surgindo, em sua inteira e brilhante visibilidade, impondo-se no País e fora dele. Sua figura projetava-se além fronteiras. Em Roma sabiam de sua inteligência, de seu talento invulgar, plena e brilhantemente capaz de defender da sofística mais hábil e engenhosa a pureza integral das teses católicas. Em suma, era detentor da verdadeira sabedoria - a sabedoria do alto e não da terra. A sabedoria terrena é baixa, animal, diabólica; é perversa e provoca perturbação; mas a sabedoria do alto é primeiramente pura, depois pacífica, moderada, misericordiosa, produz bons frutos, é leal, não julga parcialmente nem com fingimento. Epístola do Apóstolo SÃO TIAGO, III, 15:17.

Em todo o transcorrer de sua existência sente-se, palpavelmente, a influência ou inspiração de ANA PIO, sua santa mãe, seu "anjo tutelar". "Amar

é a vida do anjo" - disse BALZAC. O amor dos anjos se nutre da formosura das almas, dizemos nós. O amor é o pão dos anjos.

Afirma-se, sempre e sempre, nas páginas deste volume, escrito de maneira chã, que o nosso cardeal é um puro produto do amor de sua mãe. Foi graças sobretudo ao amor de sua mãe que o padre SEBASTIÃO LEME foi conquistando gradual e real importância no seio do clero do Brasil.

Pinhal e seu leal povo, como dissemos há momentos, festejava sinceramente os sucessivos êxitos e triunfos de seu excelente filho. Nunca deixaram os seus conterrâneos de celebrar as etapas que ia vencendo na vida o seu filho mais ilustre.

Longos anos viveu, sonhou e sofreu em Pinhal o poeta José Gonçalves SAMPAIO JÚNIOR, nascido em Portugal e vindo ainda moço para esta cidade. Aqui produziu a maior parte de sua obra poética, tão misteriosa e apaixonada. Aqui casou-se com dona VIOLETA FERNANDES SAMPAIO, e poetou com graça florentina, com perícia sem par, como um verdadeiro e encantador tecelão de sonhos e maravilhas líricas. Foi também prosador e jornalista, fundando em 1919 "A Notícia", jornal que dirigiu durante muitos anos.

SAMPAIO JÚNIOR é autor de belos e canoros versos dedicados a dom LEME. Os bons e belos versos jamais enfadaram nem pecam pela inoportunidade, podendo, portanto, serem aqui transcritos com geral e verdadeiro agrado dos leitores. Poetou desta forma o comovido artista de "Vulções":

"DOM SEBASTIÃO LEME

Pinhal, torrão esplendido e sagrado,
Onde nasceu, feliz, Dom Sebastião;
Fôra o seu filho mais querido e amado
Pela grandeza de seu coração.

Pela vida passou sempre sorrindo
Para os bons, para os maus e para tudo;
No Amor e na Bondade fôra infindo,
E era de sua Pátria um grande escudo.

Quem neste mundo é bom, é justo e santo
Passa rapidamente sobre a Terra
Como um fugaz e peregrino encanto,
E eternamente em Deus então se encerra.

Repousa em paz, ó grande Cardeal,
Filho querido e amado de Pinhal!
Irradiaste perdão, piedade e luz,
Com os mesmos encantos de Jesus.

Numa bela e perene adoração
De maravilhas mil,
Tiveste do Brasil o coração,
E o coração no Brasil.

Mas não antecipemos. Esta notável e melódica poesia foi comovidamente escrita por ocasião do falecimento do nosso extraordinário cardeal, ocorrido em 17 de Outubro de 1942, no Rio de Janeiro, debaixo do choro leal de toda a Nação Brasileira.

Dom LEME exerceu até Junho de 1930 o elevado posto de arcebispo auxiliar ou arcebispo-coadjutor do Rio de Janeiro, na qual era cardeal Dom JOAQUIM ARCOVERDE.

Em 18 de Abril de 1930 o Cardeal ARCOVERDE vem a falecer, sucedendo-lhe no sôlo episcopal, como era de direito, Dom SEBASTIÃO LEME. Dom LEME era sucessor natural do ilustre falecido, atingindo, dessa forma, a mais alta culminância de sua gloriosa carreira.

O eminentíssimo purpurado patricio, investido em altíssima dignidade da Igreja, pôde então realizar os mais árduos e proveitosos trabalhos em prol da Igreja e da Pátria Brasileira, completando a obra magnífica que houvera iniciado como arcebispo-auxiliar.

Dom LEME tomou-se cardeal da Santa Igreja em 30 de Julho de 1930. Em Roma recebeu a púrpura cardinalícia das mãos do Papa PIO XI.

Têm-se relacionado, exaustivamente, os trabalhos e as obras executadas por Dom LEME durante a sua gestão como Cardeal do Brasil, de 1930 a 1942, ano de sua morte. Figuram, entre elas, a criação da Coligação Católica

Brasileira, a reabertura do Seminário de São José ou do Rio Comprido, que funcionava em Paqueta, a Obra da Adoração Perpétua, o Monumento a Cristo Redentor no alto do Corcovado.

O generoso povo pinhalense associou-se de coração ao nobre projeto de Dom LEME, de erguer no Corcovado, no Rio, um monumento ao Cristo Redentor. O levantamento dessa colossal estátua converteu-se magnificamente em realidade, como se sabe. Em Pinhal foram organizadas comissões especiais, compostas de distintas damas da sociedade local, destinadas a arrecadar fundos ou numerário ou donativos para a construção da colossal estátua de granito a ser erigida no alto da montanha carioca.

Muitas outras iniciativas de grande valor foram realizadas pelo Cardeal LEME, que se projetava como legítimo orgulho de todo o Brasil, firmando-se como alta figura internacional.

O nosso cardeal não era um cerebral a vagar pelos campos infinitos do pensamento cristão, um doutrinista gracial e árido, mas um exemplar vivo de cristianismo social, militante e prático. Possuía um senso profundo das realidades, possuía visada prática e realista de todos os problemas da Igreja. Desdobrava-se magnificamente, como um homem empreendedor e ativo. Seu pensamento era avançado, não se alheava da realidade com meditações e análises de filósofo da Igreja, de teórico do catolicismo. Se fosse meramente teórico ou especulativo, sua vida não deixaria de ser nobre e bela, contudo não teria objetivo, como o curso das estrelas ou a rotação da terra. Sua existência não deixaria de ter grandeza, mas seria parada ou monótona como o mar.

Dom LEME faleceu em 17 de Outubro de 1942, precisamente às 17 horas e 15 minutos, no seu aposento do Palácio São Joaquim, no Rio de Janeiro. Foi cardeal da Santa Igreja durante doze anos e tres meses. Morreu aos sessenta anos de idade, 23 anos depois da morte de sua mãe.

As cinzas do grande extinto acham-se sepultadas na Igreja de Santana, no Rio de Janeiro.

A alma do Brasil católico deve visitar esse silencioso mausoléu, inclinar-se ou ajoelhar-se orando a Deus, com amor, pedindo paz ao espírito do grande pastor de alma desaparecido.

Glória eterna, no Céu, ao eleito predileto do Senhor!

RELAÇÃO ou QUADRO SINÓPTICO das datas mais importantes da vida e da carreira do cardeal Dom SEBASTIÃO LEME:

NASCIMENTO: Nasceu em Espírito Santo do Pinhal, SP, em 20 de Janeiro de 1882.

BATISMO: Foi batizado em Mogi Mirim, SP, em 19 de Março de 1882.

PRIMEIRA COMUNHÃO: Igreja Matriz de Espírito Santo do Pinhal, em 3 de Junho de 1894. Contava então doze anos de idade.

MATRÍCULA NO SEMINÁRIO DE SÃO PAULO: Ingressou no Seminário Episcopal em 1.º de Setembro de 1894.

RECEPÇÃO DA BATINA: Recebeu a batina em 4 de Maio de 1895, tendo então quinze anos de idade.

TONSURA CLERICAL: Recebeu a tonsura no Palácio Episcopal de São Paulo em 28 de Agosto de 1895.

MATRÍCULA NO PONTIFÍCIO COLÉGIO PIO LATINO AMERICANO DE ROMA: 3 de Outubro de 1896. Sua idade era então de 16 anos.
MATRÍCULA NA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE GREGORIANA: 4 de Novembro de 1897.

DEFESA DE TESE NA FACULDADE DE FILOSOFIA: 25 de Julho de 1900. Sua idade era então de dezoito anos.

DEFESA DE TESE NA FACULDADE DE TEOLOGIA: 16 de Julho de 1904, com a idade de vinte e dois anos.

ORDENAÇÃO SACERDOTAL: Recebeu as ordens de sacerdote em 28 de Outubro de 1904. Tornou-se pois padre com vinte e dois anos de idade. Para tanto estudara, de modo ininterrupto, dez anos.

PRIMEIRA NOMEAÇÃO: Em 7 de Março de 1905 foi nomeado primeiro coadjutor da mimosa paróquia de Santa Cecília, em São Paulo.

LENTE DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DOGMÁTICA NO SEMINÁRIO DE SÃO PAULO: 7 de Março de 1906.

DIRETOR DA REVISTA DO CLERO DE SÃO PAULO: março de 1907

PROMOTOR DO ARCEBISPADO DE SÃO PAULO: Janeiro de 1908.

CÓNEGO CATEDRÁTICO DA SÉ DE SÃO PAULO: Outubro de 1908.

VIGÁRIO GERAL DE SÃO PAULO: Tinha vinte e oito anos de idade quando foi eleito vigário geral de São Paulo, em Janeiro de 1910.

ELEITO BISPO: Em 24 de Maio de 1911, com vinte e nove anos de idade, elegeu-se bispo.

SAGRAÇÃO EPISCOPAL: Realizada em Roma, em 4 de Junho de 1911. Era o bispo mais jovem do mundo.

PRIMEIRA PONTIFICAL: Foi realizada na Matriz da Consolação, em São Paulo, em Novembro de 1911.

CHEGADA AO RIO DE JANEIRO: O novo bispo chegou ao Rio em 4 de Setembro de 1911.

ARCEBISPADO DE OLINDA: Nomeado arcebispo de Olinda e Recife em 25 de Abril de 1916. Sua idade era então de trinta e quatro anos.

TOMADA DE POSSE EM OLINDA: 17 de Agosto de 1917.

ELEITO ARCEBISPO-COAJUDTOR DO RIO DE JANEIRO: Tornou-se arcebispo-auxiliar, no Rio, em 25 de Fevereiro de 1921.

CHEGADA AO RIO: 31 de Julho de 1921.

TOMADA DE POSSE DO GOVERNO DIOCESANO: 5 de Agosto de 1921.

ELEITO CARDEAL DA SANTA IGREJA: Recebeu em Roma, das mãos do Papa PIO XI, a púrpura cardinalícia. Data: 30 de Julho de 1930. O novel Cardeal tinha então quarenta e oito anos de idade.

VISITAS OFICIAIS A PINHAL: Dom LEME fez duas visitas como hóspede oficial em Pinhal:

1a.) em 15 de Dezembro de 1904 logo após ter-se ordenado padre;
2a.) em 1.º a 4 de Fevereiro de 1931, logo após ter-se feito Cardeal da Igreja.

FALECIMENTO: Seu óbito registrou-se no Rio de Janeiro, então Capital Federal do Brasil, em o Palácio São Joaquim, sede da Arquidiocese, às 17 horas e 15 minutos do dia 17 de outubro de 1942. O cardeal contava sessenta anos de idade. Fora cardeal durante 12 anos.

Sua santa mãe, que lhe modelara o caráter, mais do que os estudos e as experiências ou vivências, falecera em Olinda, em 2 de Fevereiro de 1919.

DE SEMINARISTA A CARDEAL - 11

Já sabemos, pela leitura atenta de páginas Informativas contidas neste livro, que durante nove anos, de 1921 a 1930, Dom LEME fora arcebispo-auxiliar de Dom JOAQUIM ARCOVERDE, cardeal do Rio de Janeiro, e que,

durante doze anos, de 1930 a 1942, fora cardeal-arcebispo do Rio, em sucessão ao Cardeal ARCOVERDE, por morte deste.

Na qualidade de arcebispo-coadjutor, Dom LEME, entre outras, realizou as seguintes e importantes obras apostólicas: remodelou seminários e incentivou as vocações sacerdotais, criou as missões periódicas e os retiros populares, promoveu as festas jubilares do cardeal Dom JOAQUIM ARCOVERDE, promoveu o Congresso Eucarístico Nacional, organizou a Confederação Católica Brasileira, fez conferências eclesásticas, realizou trabalhos pelas crianças famintas da Rússia, realizou o jubileu relativo à Aparição do Coração de Jesus a Santa Margarida Maria Alacoque, realizou a semana missionária, a benção das espadas, instituiu o "Dia das Filhas de Maria", lembrou a perseguição religiosa no México, criou as festividades de Cristo-Rei, criou o "dia social" dos párocos, as Congregações Marianas, as visitas pastorais, a páscoa dos intelectuais e militares, elaborou a oração dos intelectuais brasileiros, deu enorme brilho e concorrência à realização da Páscoa no Rio de Janeiro, etc.

Na qualidade de cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro realizou, entre muitos outros, os seguintes e brilhantes trabalhos apostólicos: criou a Coligação Católica Brasileira, reabriu seminários, tornou-se conhecido como sendo "O Cardeal da Eucaristia" por sua obra da Adoração Perpétua, realização do Ano Eucarístico, instituiu os chamados "Padres Adoradores" e também os chamados "Adoradores Noturnos" do Santíssimo Sacramento, desenvolveu a Fraternidade Eucarística, instituiu a Guarda de Honra do Santíssimo Sacramento no Brasil inteiro, tornou Nossa Senhora Aparecida a Padroeira do Brasil, promoveu grandes homenagens a Nossa Senhora Aparecida ("o coração brasileiro aos pés de Nossa Senhora Aparecida"), realizou o Congresso Mariano, criou o Monumento do Cristo Redentor do Corcovado no Rio de Janeiro, a festa do "Cristo Impera", desenvolveu sua grande obra, a Ação Católica, realizou grandes festividades em louvor ao Venerável Padre Anchieta, criou retiros fechados para fiéis, criou bolsas para a educação de seminaristas pobres, criou novas paróquias, sagrou novos bispos, realizou o Concílio Plenário Brasileiro, realizou o Terceiro Congresso Eucarístico Nacional, fundou o Instituto de Estudos Superiores, depois transformado em Universidade Católica Brasileira, etc.

O amor que Dom SEBASTIÃO LEME devotava à terra natal era fervoroso, constante, cada vez maior, mais intenso. Oficialmente visitou-a

duas vezes: quando de sua ordenação sacerdotal, em 15 de Dezembro de 1904 e logo após ter sido nomeado cardeal, em 1.º de Fevereiro de 1931.

Após a visita de 1904 permaneceu em Pinhal, junto de sua extremada mãe, cerca de três meses. Em Março de 1905 partiu para São Paulo, a fim de exercer o cargo de coadjutor da paróquia de Santa Cecília.

Em 1910 veio a Nova Louzã, município de Pinhal, a fim de tomar parte nas tradicionais festas de São Pedro, promovidas pela ilustre FAMILIA LEITE Proprietária da referida propriedade agrícola. Nessa mesma ocasião celebrou o casamento de Dona BIBI MOTA com o Prof. EURICO DE MELO. A visita em questão fora feita para atender convite do sr. LUIS DA SILVEIRA CINTRA, administrador da citada fazenda de café. Houve procissão e missa rezada na capela da fazenda.

Em 1919 também esteve em Pinhal, por ocasião da enfermidade de sua santa e preciosa mãe.

Além destas vezes em que visitou Pinhal, não mais veio à sua terra natal, jamais, porém, cessando de tê-la no pensamento, de conservá-la bem junto a seu nobre e generoso coração.

Na realização de qualquer festividade religiosa da cidade de Pinhal, o nome de Dom LEME sempre aparecia como patrono de honra da festa. Aos promotores dessas festividades e quermesses Dom LEME nunca se esquecia de enviar prendas, donativos e cartas de agradecimento.

Os jornais locais sempre mantiveram o costume de registrar a data natalícia de Dom LEME. Seu nome era sempre lembrado pela imprensa pinhalense, mormente nas passagens principais ou culminantes de sua carreira eclesástica. Eram, às vezes, amplas reportagens e noticiários, ilustrados com "clichés" e fotografias suas e de sua mãe. O cardeal jamais deixou de agradecer essas referências e homenagens, enviando cartas e cartões escritos de próprio punho. Em seu quarto, no Palácio São Joaquim, no Rio de Janeiro, por ocasião do seu falecimento, foram encontrados vários exemplares de jornais editados em Pinhal, os quais ele sempre recebia e lia com o maior agrado, comentando tudo com os íntimos e com o maior prazer.

O cardeal era de uma delicadeza sem par com todos os pinhalenses. A todos que o cumprimentavam pela passagem de seu aniversário, ele nunca deixava de responder, amavelmente, com delicados cartões de agradecimento. Muitas pessoas em Pinhal guardavam, zelosamente, como verdadeiras relíquias

cartões dessa natureza; entre elas, podemos destacar as pessoas da FAMILIA JACOB WORMS JR., JOÃO DA SILVEIRA CINTRA, BERNARDO DE MARTINO, Professora MARIA AUGUSTA DA SILVEIRA MOURA...

Qualquer pinhalense, de qualquer condição social ou de fortuna, cor ou crença, era recebido no Palácio São Joaquim sem nenhuma formalidade ou etiqueta do protocolo. As portas do Palácio arquiiepiscopal estavam sempre abertas para os seus conterrâneos. Estudantes pinhalenses, estudando no Rio, eram materialmente auxiliados por ele; pessoas pobres, não raramente, na saída, ao se despedirem, recebiam envelopes discretamente, contendo pequenas somas ou quantias em dinheiro. Assim, reservadamente, com precaução infinita, com imenso pudor de ofender, auxiliava com módicas importâncias em dinheiro os pinhalenses necessitados que o procuravam ou visitavam em Palácio. Percebia-se que ele tinha imenso prazer em obrar dessa forma, nunca se queixando nem reclamando ou murmurando nada contra os visitantes. Apenas lamentava não poder ajudar mais...

Era, com frequência, procurado por jornalistas do País e do estrangeiro e também, algumas vezes, por jornalistas de Pinhal. A todos recebia com grande cortezia e amabilidade, especialmente os pinhalenses, aos quais concedia longas entrevistas, não deixando de fazer perguntas e mais perguntas acerca de tudo o que se passava com as coisas e as pessoas em Pinhal. O sr. JOSÉ BENEDITO DA MOTA, por exemplo, então diretor-proprietário do jornal "A GAZETA", de Pinhal, fez-lhe uma visita pouco antes do seu falecimento, em Outubro de 1942. O brilhante homem de imprensa publicou a respeito dessa visita extensa reportagem em seu jornal, na qual revela que o cardeal LEME não cessava de experimentar intensa saudade de Pinhal e dos pinhalenses, sentia muita vontade ou intenso desejo de voltar muitas e muitas vezes à sua "santa terrinha", como ele mesmo, singelamente, tão encantadoramente, se exprimia.

Esta ocasião é excelente para se relatar um fato verídico, ao mesmo tempo muito curioso e significativo. Em 1927, quando na Suíça, em tratamento de saúde, Dom LEME encontrou-se com um casal, não pinhalense mas de pessoas que já tinham residido por algum tempo em Pinhal; estando o dito casal sem recursos naquelas longes terras, não podendo viajar ou voltar ao Brasil, o nosso cardeal muito condeceu-se daquela penosa situação, providenciando a compra de passagens para aquelas pessoas regressarem à sua terra.

Acontecimento raro, sem dúvida, e que apenas soem acontecer na vida de pessoas privilegiadas, eleitas do Senhor...

Dissemos, há momentos, que Dom LEME ajudava a muitos, "sponte sua", com modestos recursos materiais, dando importâncias em dinheiro mesmo a quem não lho pedia. Quer isto dizer que ele era rico, dispunha de fortuna pessoal, que distribuía com os menos favorecidos?

Em absoluto, de forma alguma. Isto não ocorria, e quem assim pensar pensará erroneamente, fará mera suposição sem nenhum apoio nos fatos.

Dom LEME era um homem pobre, a despeito de viver no interior de um palácio. Ele, na verdade, nada tinha de seu naquela suntuosa moradia de Príncipe da Igreja, moradia luxuosa e devida à sua alta condição dentro do Clero Brasileiro. Pessoalmente considerado, era homem muito humilde e de poucos recursos materiais.

Bem medíocre era o valor que dava aos bens materiais, praticamente vivendo desprovido deles. Vivia singelamente, com prudência e santidade, desapegado dos bens terrenos; sua existência transcorria, inteira, no espírito de caridade e amor ao próximo, tal como pregou seu mestre Jesus.

Como dissemos linhas acima, VIVIA POBREMENTE DENTRO DE UM ESPLENDIDO PALÁCIO!...

Está claro que tal forma de viver e conviver, só fazia aproximá-lo mais e mais de Deus...

A velhice, que lentamente chegava, não lhe diminuía a força da alma, o fervor do coração, o amor do espírito pelos párias, pelos oprimidos, pelos que sofrem penas e aflições neste mundo de terríveis pecados contra Deus e contra a humanidade.

Ele, de certo, presentia que o dinheiro gasto com o seu bem-estar seria um roubo feito aos mais necessitados. Por isso não poupava nem guardava dinheiro, dando-o, generosamente, mesmo que não lho pedissem, aos que dele precisavam...

Dom LEME era um justo em toda a extensão do vocábulo. Um verdadeiro cristão, a seguir só o caminho reto, o caminho do bem. Era tal ou exatamente como o Espírito de Samuel Philippe: "Ninguém se lembraria de tê-lo visto cometer uma ação má nem de ter feito voluntariamente qualquer coisa errada. De um devotamento sem limites para com os seus amigos, todos estavam sempre certos de o encontrar às ordens quando dele precisassem, mesmo

em prejuízo dos seus interesses particulares. Trabalhos, fadigas, sacrifícios, nada lhe custavam para ser útil e ele os fazia naturalmente, sem ostentação, admirando-se de lhe atribuírem algum mérito por isso." E finalmente: "Jamais quis mal aos que o tivessem prejudicado e procurava obsequiá-los com tanto préstimo como se lhe tivessem feito o bem."

Sim, bem longe estava ele da arrogância e da soberba, malgrado fosse um extraordinário antífiste, glória legítima da Religião e da Pátria. Carregava com simplicidade, seu fardo de dores, amarguras e angústias, inerente a todo mortal neste hediondo mundo, jamais almejando saborear qualquer tipo de vida brilhante, de vida de venturas.

O grande e glorioso purpurado brasileiro - repetimos isto - vivia em condições tão humildes como as de um puro ou genuíno franciscano, e a maior das felicidades desta terra de exílio nada seria para ele.

Era um cardeal quase tão pobre como um trapista... Jamais se vangloriava dos trabalhos e tarefas de superioridade incontestável que executava. Sua única riqueza era espiritual, seu tesouro era íntimo, eram suas grandes qualidades de espírito e coração. Provou, pelo testamento que deixou, nada possuir, não ter bens materiais. Tudo o que possuía estava no quarto que ocupava no Palácio São Joaquim: uma cama de solteiro muito tosca e um quadro contendo a estampa de São Sebastião, presente ou dádiva de sua mãe, quando esteve em estudos no Seminário de Pirapora. Deixou mais algumas peças de uso diário, as quais acham-se cuidadosamente recolhidas na sala "Cardeal Leme", no Museu Histórico e Etnográfico "Abelardo Vergueiro Cesar" de Pinhal.

Por ocasião do seu falecimento é que realmente se veio a saber o quanto Dom LEME era pobre, no sentido material ou físico da expressão. Foi, como dissemos sem exagero, um legítimo franciscano moderno, um trapista...

CAPÍTULO TERCEIRO

O PADRE SEBASTIÃO LEME VISITA A TERRA NATAL

(primeira visita oficial)
(1904)

O PADRE SEBASTIÃO LEME VISITA A TERRA NATAL

Dom SEBASTIÃO LEME visitou algumas vezes sua terra natal, a mimosa cidade de Espírito Santo do Pinhal, a qual ele jamais esqueceu e que amava com um afeto quase carnal, com uma obstinação maravilhosa e ardente. Entretanto, duas dessas visitas quis ele fazê-las oficialmente, realizando-se então, na pequena mas linda cidade, as mais pomposas festas para honrá-lo, para homenagear-lhe a presença brilhante. A primeira delas efetuou-se logo após a sua ordenação sacerdotal, ou, mais precisamente, a 15 de Dezembro de 1905. Por ocasião dessa memorável visita cantou, na Igreja Matriz local, a mesma matriz em que fizera a primeira comunhão e recebera lições de catecismo, a sua primeira missa, ou seja, a "missa nova".

Essa visita do padre SEBASTIÃO, o jovem e inteligente filho da humilde e singela ANA PIO, porteira do Grupo Escolar da cidade, foi um notável acontecimento, um evento cheio de emoção, brilho, assinalado na folhinha ou calendário local com sinceras festas e homenagens partidas do coração e do espírito do povo pinhalense.

Tentaremos descrever, aqui, de modo breve e linear, esse acontecimento de máxima importância na vida da cidade e do cardeal reservando para outro capítulo deste livro o relato pormenorizado da segunda visita de Dom LEME a Pinhal, a qual se verificou nos quatro primeiros dias do mês de Fevereiro de 1931. Todavia, desde já podemos adiantar que ambas essas visitas foram celebradas com imenso júbilo popular e excepcionais festividades públicas. Inesquecíveis foram as pompas e o brilho das cerimônias que se tributaram ao filho de ANA PIO, tão modesto em sua grandeza humana. A beleza de tais festas e cerimônias foi registrada para sempre na memória da localidade, continua como relatos vivos e palpitantes nos arquivos e na história de Pinhal.

A respeito de tal visita a terra natal existem depoimentos ricos de interesse e de real substância histórica. Para a redação deste capítulo foram em tempo ouvidos o Sr. Major MANOEL JOAQUIM GONÇALVES, BERNARDO FRANCISCO DE MARTINO e AVELINO MOUTINHO, todos já falecidos.

A cidade aumentara sua população, naturalmente havia progredido, a partir de 1o. de Setembro de 1894, data de ingresso do menino SEBASTIÃO, filho de Dona ANA PIO, no Seminário Episcopal de São Paulo, contando,

nesse ano, doze anos de idade.

Desde 1902 circula no município o jornal "A Regeneração", dirigido por ARTUR RIO VEZ. Desde 16 de Abril de 1903 os pinhalenses alfabetizados lêem "A Gazeta do Pinhal", cujo diretor é o vibrante jornalista JOSÉ LOURENÇO DE SÁ (este era o segundo órgão de imprensa pinhalense editado com esse cabeçalho). Circula, também, na cidade, "A República", órgão dirigido pelo cel. JOSÉ RIBEIRO DA MOTA. Tais jornais são aqui citados, porquanto constituem preciosas fontes informativas dos relatos históricos que ora estamos fazendo acerca da visita do padre SEBASTIÃO LEME a Pinhal, em 15 de Dezembro de 1905.

Por este ano Pinhal já possuía o grande Grupo Escolar denominado "Dr. Almeida Vergueiro", o completo Hospital "Francisco Rosas", serviço de Luz Elétrica (desde 12 de Março de 1893), notável empreendimento que se deveu à visão superior e ação esclarecida de VICENTE GONÇALVES DA SILVA, o inesquecível e prestigioso "Vicentinho Ramos", como era chamado pelo povo da cidade, então presidente da Câmara Municipal.

Pinhal era também dotado de abastecimento de água, cujo serviço foi inaugurado em 1.º de Janeiro de 1902 e que se deve à iniciativa do Presidente da Câmara Municipal de então, Dr. JOSÉ SILVESTRE MACHADO, com execução do engenheiro JOSÉ DUARTE.

Não há dúvida que existe severa dificuldade em se colher dados, subsídios, informações, motivos, conceitos, traços psicológicos e culturais que ajudem o historiador a pintar o quadro da sociedade pinhalense naquele recuado tempo da visita aqui referida, isto é, no período de 1891 a 1910, quando o País sofria os abalos da mudança de suas instituições políticas, com a queda da Monarquia e advento da República. Todos sabem que não é fácil retroceder no tempo e fazer um relato correto, exato, valioso a respeito do estado de coisas que já se passaram há muito, mostrando a situação de uma coletividade numa recuada época da história. Traçar um "Retrato de Pinhal", de 1890 a 1910, com observações, conceitos, fatos comprobatórios, é empresa difícil de ser executada com perfeição. Quais as idéias e sentimentos vigentes na última década do século XIX e da primeira do século XX já é assunto mais fácil de ser desenvolvido.

Velhos moradores do lugar, alguns existem, sabedores desses fatos; contudo, tais "memórias" geralmente permanecem sem registro, os sabedores

morrem, e tudo parece ficar esquecido para sempre, definitivamente perdido para a história. Dai podermos ver o imenso valor exercido pela imprensa, a qual deve anotar e registrar fiel e conscienciosamente todos os fatos que se desenrolam na sociedade, todos os acontecimentos de que se irá aproveitar o historiador do futuro.

Mais tarde a história será feita, quase que com exclusividade, folheando-se os maços ou coleções de jornais antigos, arquivos das prefeituras municipais, etc. Tal parece ser o caso das visitas de Dom LEME a Pinhal, sua adoração da terra natal.

Para relatar a primeira visita do Padre SEBASTIÃO muito devemos aos registros da imprensa ojeva e à memória fiel de alguns assistentes dos acontecimentos. Os depoimentos dos vivos, se não são gravados ou registrados, acabam por se perder... Desgraçadamente.

Rejubilou-se o povo de Pinhal com a visita do novel e luminoso sacerdote porque o padre é, de fato, representante ou emissário de Deus na terra.

Ao fitarem aquele padre tão jovem todos sentiam-se comovidos, os olhos se lhes marejavam de lágrimas ao se lembrarem do pinhalensezinho vivo e inteligente que não fazia muito tempo fora para a capital, para São Paulo, estudar no seminário. Todos viam, no "écran" da memória, o menino, filho de ANA PIO, com doze anos de idade, ser encaminhado aos estudos para se tornar padre, pastor da Igreja. E eis que, agora, todos podiam ver aquele padre tão moço e tão bonito, a rezar a sua primeira missa na matriz da cidade. Com efeito aquilo era uma beleza de se ver...

O padre SEBASTIÃO a todos encantava e cativava. Era muito moço, estudara durante dez anos no Seminário, de 1894 a 1904. Tinha apenas vinte e dois anos de idade.

Era um jovem simpático, modesto, singelo, falando sem palavras presunçosas e pedantes. "As palavras engenhosas não têm qualquer valor". Ele com certeza sabia disso, pois abstinha-se de revelar seus dotes de inteligência. Possuía intensa vida interior, porém não parecia sentir orgulho de sua grande inteligência. A inteligência, nas outras criaturas, tende à soberba, à terrível "superbia" luciferina. Contudo só os homens como Dom LEME sabem que a inteligência fulge um instante e se eclipsa na escuridão... A inteligência - como a beleza, a eloquência - é transitória, fugaz; brilha, faísca, ilumina um instante e desaparece a seguir. Que resta dela na regressão, na involução senil?

As feições do belo e jovem sacerdote eram nobres, serenas, inteligentemente expressivas. Em seu rosto resplandecia a plenitude de uma rica vida interior; sua grande riqueza interior prendia e cativava os mais inteligentes, os mais sensíveis e maduros de seus observadores. Ele possuía o "dom de agradar". Vivia, por certo, num "mundo luminoso".

Todos se acercavam do moço-padre a fim de saudá-lo e cumprimentá-lo. Todos queriam estar perto daquele jovem que havia esposado a vida da Igreja, tão cheia de responsabilidade, sacrifício e disciplina.

O menino SEBASTIÃO enfim conseguira chegar a Deus, seguindo o belo processo ditado pelo despertar de uma firme e forte vocação ao sacerdócio. Ordenando-se padre, sua vida, daí em diante, haveria de ser integralmente consagrada ao culto do espiritual, à devoção a Deus. Seria "la primauté du spirituelle". Vida totalmente entregue à pureza, não à felicidade. Vida devotada ao puro serviço divino, à nobreza e dignidade do sacerdócio católico

O PADRE SEBASTIÃO LEME VISITA A TERRA NATAL — 2

Proseguimos na execução da tarefa que nos propuzemos, a de recontar em pormenores a primeira visita oficial a Pinhal daquele modesto padre pinhalense que seria glorioso Cardeal da Santa Igreja e cujo nome era SEBASTIÃO LEME DA SILVEIRA CINTRA, filho único e diletto daquela santa e virtuosíssima senhora que se chamou ANA PIO DA SILVEIRA CINTRA.

Mostramos, em descrições ou narrativas anteriores, que é hoje muito árdua e difícil reconstituir-se o período histórico ou o estado da sociedade pinhalense por ocasião da visita oficial aqui referida e que se realizou em 15 de Dezembro de 1905. Esta dificuldade, contudo, em nada prejudica o curso desta "história sincera" de Dom LEME, história ou biografia realmente feita a "manière" de SEIGNOBOS, se não na prática pelo menos em intenção.

O padre SEBASTIÃO fez questão de cantar a "missa nova" (a sua primeira missa) em Pinhal porque não esquecia a sua terra natal, não lhe saía do pensamento a sua "santa terrinha", como ele mesmo se expressava ou textualmente dizia em cartas ou em palestras com amigos do peito. Este profundo e sincero afeto pela terra onde nascera conservou-se vivo, aceso, ardente em seu coração em toda a dimensão de sua existência.

Anos depois, exatamente doze anos após sua ordenação sacerdotal, em

carta datada de 25 de Novembro de 1917 e que endereçaria ao Sr. major JACOB WORMS JÚNIOR, o "Jacózinho" como era carinhosamente tratado na intimidade, seu amigo e companheiro de brinco infantil, escreveria: "Veja o que é amor da terrinha. O elogio do "Pinhalense" foi o que mais me chegou ao coração. Naquelas palavras eu senti que era menino e pareceu-me estar brincando nas portas do João Teodoro". E nem seria tudo: "Pareceu-me estar vendo o pessoal todo do nosso tempo. Enfim, cheguei a chorar. É assim mesmo, não há coração bem feito que se esqueça da "santa terrinha", como dizem os Portuguezes".

Eis aí está, quase integralmente debuxada, a personalidade do homem, que chegava a chorar de saudade da terra que muito, muito amava.

Sim, em espírito e coração, sempre estava em Pinhal, palpitando junto ao espírito e ao coração de seu nobre e generoso povo, aquele a princípio obscuro e depois ilustre filho da terra.

O padre singelo e culto, recém-ordenado em São Paulo, com a imagem querida e venerada da mãe no coração, foi em visita ao torrão que lhe serviu de berço, no findar do ano de 1904.

Todos correram ansiosos de ver aquele padre tão moço, tão belo, de cabelos castanhos escuros, de mãos e feições espirituais, de rosto cheio de pura espiritualidade.

Era um padre que se confessava docemente saudosos da infância distante. As recordações infantis avultavam tanto em seu espírito que ameaçavam ocupá-lo completamente. Reminiscências antigas, pormenores passados, cenas minuciosas do pretérito vinham-lhe à mente com sua tonalidade, sua cor, seus relevos, sua movimentação. Coisas já vividas refluem-lhe minuciosamente ao espírito. Quadros que já existiram tumultuam e fulgem em sua memória. Seres humanos, animais, paisagens, pormenores significativos, lembranças de toda a ordem precipitam-se-lhe na alma. As imagens e figuras do passado infantil retomam-lhe com uma intensidade imensa. É a ramaria das recordações, alimentada pelo mais suave dos amores.

Todo o passado do menino SEBASTIÃO voltava à mente do padre SEBASTIÃO.

O povo pinhalense, desde então, desde aquela primeira visita, passou a amar, quase a adorar o humilde e tão brilhante sacerdote da Igreja. Daí em diante acompanhou-o sem cessar, durante toda a sua cintilante carreira ecle-

siástica, sem perder um só lance emocionante.

O padre SEBASTIÃO deixou evidenciado desde o primeiro instante o que seria sempre em todo o curso de sua vida: um homem boníssimo, de suave companhia, de agradável convivência. Era calmo, não tinha pressa senão para fazer o bem, para expulsar os pensamentos impuros, para deixar atrás de si os pensamentos sem generosidade.

Vivia inundado de luz, só trilhava os caminhos luminosos, longe das vias tenebrosas da existência, somente percorridas pelos obreiros do mal.

Homem excelente, vencedor do mal, pela perfeição da sua sabedoria.

Era cheio de zelo, constância, fidelidade; era sensato, meditativo, perseverante; era esclarecido, puro em obras, só agindo de modo refletido, sereno. Mais e mais crescia sua boa fama.

Todos corriam para ver e ouvir o jovem padre encantador, de palavra doce, grave, fazendo discurso verdadeiro e nobre; sacerdote infinitamente humano, muito sábio e sério mas, ao mesmo tempo, tão próximo de todos, mesmo dos mais simples e humildes.

O padre SEBASTIÃO, como depois o Cardeal, era senhor dos pensamentos, sabia guiar bem sua mente; irradiava o odor da virtude; era mestre excelentíssimo de virtude, suas palavras eram ricas de senso e proveitosas; todo ele brilhava como uma estrela de serenidade no meio das multidões obtusas, cegas, aflitas.

Todos certamente advinhavam que da boca daquele padre jamais sairia, nem agora nem nunca, uma palavra pesada, grosseira, azêda ou colérica, cheia de sofrimento. Ele jamais proferiria uma injúria, uma ofensa, uma calúnia. Caluniar é uma forma velada de matar oralmente, pela boca; é, veramente, "homicídio moral".

Todos nele advinhavam o homem manso, pacífico, de espírito igual e tranquilo, a bondade em pessoa, controlado, homem, enfim, que a ninguém faz mal.

O povo de Pinhal não se cansava de admirar aquele padre afável, risinho, cordato - moço de costumes imaculados, que cativava pela perfeição de sua conduta.

O padre SEBASTIÃO era homem do reto caminho, era cheio das riquezas do verdadeiro saber. Impunha-se pela virtude, pela seriedade, pela modestia, pela humildade.

A todos olhava com atenção profunda porém serena, isenta de paixão. Eram olhos de padre, olhos reflexivos, "olhos de quem sabe".

Caminhava bela e nobremente por entre as filas de gente - era um vulto revestido de nobre e plácido esplendor a andar no meio do povo.

O triunfo cintilava na linha axial interna do seu destino. Deus guiava-lhe os passos, à sombra do amor de sua mãe.

Dominava-o a ansia da pureza, uma espécie de nostalgia da santidade. O nódulo e a essência de sua vida - ele o sabia bem - eram servir a Deus e servir à Igreja.

Madrugara naquele padre a "vis" religiosa, mística. O pendor para Deus, para o misticismo. Como o atraía o estudo! Como o atraía a piedade!

A sua entrada para o Seminário foi um ato decisivo em sua vida - um ato poético, criativo, diríamos melhor e com mais exatidão; porque "poesia" deriva do grego "poiesis", que significa "criação".

Ser sacerdote católico - eis o sonho do menino SEBASTIÃO, eis a sua força, sua missão. Quem sabe mesmo ele tivesse chegado a entressonhar na infância seu glorioso destino dentro da Igreja!...

É certo que veio ele a encontrar seu destino real no Sacerdócio, no seu trabalho dentro da Igreja. Com efeito, ele fez de sua vida uma consagração, seu trabalho tornou-se adoração.

Manteve até o fim o sofrimento do sacrifício sem o desejar abandonar em momento algum. Sua vida de homem religioso foi, tornamos a dizer, inteiramente cheia de seriedade.

Mostrou que a graça de Deus faz com que as forças ou potências tenebrosas do Inferno sejam destituídas de qualquer poder sobre nós. A Fé e a graça sobrenatural fizeram dele herói, homem integral, de existência completa, verdadeira, cheia de experiência, "homem aplaudido no tablado da história".

O PADRE SEBASTIÃO LEME VISITA A TERRA NATAL - 3

Vimos, precedentemente, que o sadio e inteligente menino chamado SEBASTIÃO, filho de ANA PIO e do Prof. FURQUIM, fora matriculado no Seminário Episcopal de São Paulo, em primeiro de Setembro de 1894. Contava ele então catorze anos de idade. No Seminário chegara a lecionar Filosofia e Teologia Dogmática, isto é, primeiro estudara e depois lecionara altas e difi-

climas matérias do curso para formação de sacerdotes.

O padre SEBASTIÃO LEME era um professor de presença fina e simpática. Um professor afetivo, cheio de bondade, que não se insulava, olímpicamente, num frio planeta intelectual, não se perdia em remotas ilhas do conhecimento, não vagava nas nuvens do saber, distante e debruçado à beira de abismos intelectuais na esperança de ver-lhes o fundo. Ao lecionar não se deixava levar por teorias, por um labor glorioso mas ineficaz; lecionando não esquecia os segredos de sua existência, de sua missão, e seu verbo de mestre era também ação - ação inexausta, fecunda, evangelizadora.

Entre seus alunos brilhava como nunca. Fulgia nos céus que o pensamento e as doutrinas sãs lhe abriam; repousava o espírito em dogmas luminosos e belos. Seu temperamento não o deixava inativo um só dia, comprazia-se ele em atirar-se ao trabalho, em lançar-se à porfia, quase com a impulsividade ou o denodo de um paladino medieval.

A diferença de idade entre aquele mestre e seus alunos era pequena. O mestre mal entrara na casa dos dezenove anos de idade. As Faculdades onde lecionara eram sérias, o ambiente que elas ofereciam era de trabalho, de estímulo.

Nas Faculdades respirara o ar da alta cultura, e nelas achava-se no seu terreno e no ambiente da sua humanidade. Em tal cenário sentia-se feliz, porque era "um formador de almas, um mestre da vida".

Naquele jovem e cultíssimo professor todos viam estuar a autenticidade humana. De sua gravidade, de sua suave austeridade desprendia-se um doce encanto. Como era humana a sua maneira de viver!

Retomemos, porém, o fio central deste capítulo, que é o de narrar, com os mais amplos pormenores possíveis, a primeira visita oficial do padre SEBASTIÃO LEME a Pinhal, ocorrida exatamente em 15 de Dezembro de 1904, isto é, dois meses após ter-se dado sua ordenação sacerdotal.

O ilustre visitante, recebido como hóspede oficial do município, tinha então vinte e dois anos de idade. Era um sacerdote sorridente, de óculos sem aros, muito afável, cortês, mais gordo que magro, com tendência à obesidade, moreno, cabelos castanhos escuros.

Confessou então, de público, mais uma vez, que sentia imensas saudades de seu pequeno torrão natal. O que mais desejava, disse ele, era rever a doce paisagem natal.

Em Pinhal ele vivera a infância com plenitude. Foi uma infância docemente vivida à sombra do vulto e sob os amorosos cuidados de sua santa mãe.

Estudava fora, mas sempre saudosos dos dias idos e vividos, jamais deixava de recordar os momentos de alegria da infância feliz, passada entre os melhores companheiros e amigos do mundo. Tudo isto o novel sacerdote recordava em palavras repassadas de tocante sinceridade.

O amor que demonstrava por sua mãe era profundo. A dissertação acerca dessa mãe admirável - "mãe eucarística" -, feita em páginas precedentes deste livro, atinguu nos lábios do filho a sua forma mais fina.

Seu viver infantil foi doce embaixo do céu pinhalense - céu que à noite marchetava-se de astros e gemas cintilantes, qual "um roseiral de fogo".

Pinhal, cidade de céu profusamente estrelado, cidade de horizontes belíssimos, de brilhantes entardeceres. Nada mais belo que o espetáculo oferecido por suas estrelas a brilharem no colo decotado da noite, a fulgirem na alta quietude da noite, das noites lindamente ensaboadas de luar.

Sim, o padre SEBASTIÃO recordava... Já iam longe "as angústias de menino pobre, ansioso de honrar (de corresponder) às esperanças maternas". Ansioso de concretizar as fagueiras esperanças dos que o estimavam, o queriam bem.

Refluíam-lhe em bando, à memória, reminiscências amenas, sensações inesquecíveis, lembranças encantadoras, tristes algumas outras, por que não... Não se cansava de ressuscitar na saudade a pequena mas agradável cidadezinha de sua meninice.

As pessoas e os acontecimentos da infância são para todos nós de memória inesquecível. Não seria o sensível padre SEBASTIÃO que iria fugir a esta regra ou infalível norma psicológica comum: "As imagens e figuras que viveram com o menino voltam (sobretudo no fim da idade madura), com uma intensidade imensa". GILBERTO AMADO, "História da minha infância"

Isto, que ocorreu com o nosso príncipe dos prosadores, ocorre com qualquer pessoa normalmente constituída. Ocorreu com o padre SEBASTIÃO A imagem de Pinhal conservou-se na paisagem interior daquele sensível e inteligente padre com um encanto irresistível. A cidade onde vivera a infânciainha, dentro dele, a importância de um quadro muito interessante, que seduz, prende, cativa o olhar.

Durante toda a existência daquele sacerdote a lembrança de seus tempos de menino seria uma nota que sempre haveria de toar em seu coração e em seu espírito.

Como já salientámos alhures, profundo era o amor de Dom LEME à terra natal, a Pinhal. Ele amava a terra onde nascera com um afeto orgânico. Já demos, em páginas anteriores, eloquentes provas da temura dele por Pinhal. Daremos, agora, mais uma, assim singelamente relatada: No Rio de Janeiro, em 1936, ano de seu glorioso jubileu episcopal, festivamente comemorado por todo o mundo católico brasileiro, um fato comovedor ocorreu. Numa das mais tocantes e carinhosas homenagens recebidas por Sua Eminência naquela ocasião - a recepção do clero carioca -, depois de ser saudado por vários oradores, que lhe exaltaram as qualidades e virtudes de pastor zelosíssimo da Igreja, Dom SEBASTIÃO LEME, erguendo-se para agradecer diz que "nestes dias revê o passado e adianta que está vivendo os dias mais comovedores de sua existência. Entre os presentes está um venerando velhinho, antigo vigário de Espírito Santo do Pinhal, cidade paulista e sua terra natal. Foi esse sacerdote quem lhe ensinou a ajudar a missa, quem o guiou, nos primeiros passos para o sacerdócio, ao lado de sua mãe".

Aí está. Nem mesmo no meio do rumor ilustre das festas promovidas em seu louvor e homenagem por seus insígnies amigos e admiradores, nem mesmo no dia de sua grande glória, no festivo aniversário de sua sagração episcopal, esquece ele a modesta e longínqua cidade do interior de São Paulo, o pequeno e formoso chão onde os seus olhos se abriram e fecharam os dos seus antepassados.

O nosso biografado realmente queria estar sempre inteirado e a par de tudo quanto acontecia em Pinhal. Fazia questão fechada de assinar todos os jornais que se publicavam na cidade, a cujos diretores ou proprietários sempre enviava cheques com o pagamento das assinaturas. Era um grande incentivador da imprensa local, e sempre pedia aos diretores dos jornais que nunca se esquecessem de mandar-lhos.

O povo de Pinhal fez muitas romarias à Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte. Dom LEME sempre patrocinava esses belos e eloquentes movimentos ou demonstrações de fé, ou auxiliava-as com facilidades na obtenção de meios de locomoção, enviava telegramas aos promotores das mesmas desejando-lhes bom êxito, abençoava as romarias, enviava repre-

sentantes seus para ajudá-las, etc. "Em uma dessas romarias ele próprio em pessoa veio esperá-la em Aparecida do Norte, viajando do Rio".

Finalmente, a todos os pinhalenses que o felicitavam pela passagem do seu aniversário natalício, o cardeal nunca deixava de responder, pessoalmente e um a um, enviando cartas e cartões dos mais expressivos, todos gentis e cor- tezmente escritos do próprio punho.

Delicados documentos desta natureza encontram-se ou contam-se às dezenas entre os antigos moradores de Pinhal.

O PADRE SEBASTIÃO LEME VISITA A TERRA NATAL — 4

Dez anos, nada menos que dez anos, sem interrupção, o esperto menino SEBASTIÃO, filho único de Dona ANA PIO e do Prof. FURQUIM, estudara no Seminário Episcopal de São Paulo. Naquele importante estabelecimento de ensino eclesiástico a predestinada criança ingressara em 10. de Setembro de 1894, contando apenas catorze anos de idade, e agora, em 1904, contando vinte e dois anos, conseguira ordenar-se padre da Santa Igreja.

Sua ordenação sacerdotal é de 28 de Outubro de 1904 e no mesmo ano, em 15 de Dezembro, vem em visita oficial à sua terra natal, a fim de ali, em sua Igreja Matriz, rezar a primeira missa, isto é, cantar a "missa nova".

Visita de gratidão, visita de amor. De muito, de profundo e perfeito amor.

O jovem sacerdote amava extremosamente a terra onde seus olhos se abriram para a alegria da luz e seus lábios se moveram para a harmonia da palavra.

O povo de Pinhal, em massa, acorreu ao templo principal da cidade, a fim de assistir àquela esplêndida e memorável cerimônia religiosa.

Que felicidade para Dona ANA PIO, ter um filho padre!...

Deus certamente a premiara com essa ventura, galardoando-a por ser santa mulher e mãe e esposa sempre levando vida sem mancha.

Onde estão agora as ditosas criaturas, as privilegiadas pessoas que assistiram na Matriz local àquela solene ritual litúrgico? Morreram, é certo, quase todas; finaram-se, sem deixar registro expresso do acontecimento, bem como já não existem mais os seres que presenciaram a meninice do nosso biografado. Assim, a pouco e pouco, por falta de tino nosso, dissipa-se a "história me-

morizada" da cidade.

Bem perto do novel padre SEBASTIÃO estava dona ANA PIO, sua mãe, que brilhava de contentamento, irradiando a mais pura alegria celestial. A influência desta mãe exemplar foi muito importante e marcou toda a existência do nosso cardeal.

O padre SEBASTIÃO, a despeito de ser tão moço, era já modelo de virtudes. Fora um dos melhores alunos do Seminário, um dos mais distintos e estudiosos. Da santa religião - a única e verdadeira que é o cristianismo - ele já conhecia tudo; era um conhecimento completo de "a" a "z", de "fond-en-comble", até a máxima excelssitude.

Estava predestinado a só praticar obras boas - boas obras no sentido católico (ou universal) da expressão.

Ali estava ele, no meio do seu povo, do povo de sua terra, que ele tanto amava. Um padre simples, sorridente, abandonado às mãos de Deus.

Ali estava, para cumprir a vontade do Pai, incentivado pela sua mãe. ANA PIO não cessava de incentivá-lo ao Bem, de estimulá-lo para alcançar as nobilíssimas finalidades de sua vida. Agia de tal forma a tomar-se parecida a SANTA MÔNICA a modelar seu filho AGOSTINHO.

O moço sacerdote seguia os caminhos da Fé. "Só um caminho nos pode levar a Deus, só uma escada nos pode conduzir a tanta altura: a Fé".

A Fé, eis o bálsamo único e verdadeiro para as dores e amarguras da existência. A fé é a medicina que verdadeiramente cura. É a doce medicina da vida.

Ali estava o padre SEBASTIÃO, a izar o lábaro da fé. A empunhar o pavilhão da crença. A erguer o estandarte da verdade. A carregar a bandeira da salvação da alma. Mas ele só pregava a fé e não a superstição, a beatice, porque a individualidade mais honesta entre todas era a dele próprio.

Acercavam-se todos daquele doce padre. Seu semblante refletia inteligência, bondade e pureza. Sua expressão era luminosa e benigna. Em sua bondosa face podia-se ler a retidão, a ternura inteligente. Era uma personalidade singular, atraente e que possuía uma encantadora marca pessoal. Enfim, a todos cativava com sua irradiante simpatia.

Como não deveria ser amado um príncipe liberal que caminhasse entre os simples, que, mais do que isso, se esforçasse por se parecer tão simples quanto qualquer um deles!...

O padre SEBASTIÃO e seus admiradores fervorosos viviam nos primeiros anos da década de 1910. Viviam no entardecer de uma época e começo de uma outra. Já podiam dizer adeus à "belle époque", adeus ao século XIX, época calma, isenta de impertinente inquietação, ou "século estúpido", como também foi chamado, no qual não havia ciência e sim cientismo, com suas falsas idéias a respeito do "progresso", período da história humana em que "as coisas seguiam seu curso regular em um mundo onde o Bem tem sua recomendação".

As idéias e os sentimentos do findar do século - que se prolongou pelo menos quinze anos dentro do século seguinte, ou século XX - já foi por muitos autores estudado e analisado com real profundidade.

Entre nós, no Brasil, a República mal amanhecera, mal havia sido proclamada, mudando radicalmente as instituições políticas. Era a época de vitórias dos ideais positivistas.

"O positivismo no Brasil gerou a República". O positivismo tinha a política como uma atividade científica. Era revolucionário, enquanto que a Igreja representava, nesse momento, o espírito da contra-revolução. A Igreja tradicional era anti-liberal, anti-republicana.

Para a Igreja daquele momento o liberalismo lembrava a Revolução Francesa e seus detestados princípios anticlericais, condenados pelo catolicismo.

A Igreja, em suma, era conservadora, monarquista. Contudo, era de se reconhecer que a "monarquia esgotara todas as suas possibilidades de sobrevivência."

"Concentrava-se a Igreja no tradicionalismo mais fechado". Era antiliberal, conservadora e reacionária. A política, para ela, devia ser dominada pelo pensamento filosófico de JOSEPH DE MAISTRE e de BONALD, "defensores da monarquia de direito divino". Em outras palavras: "A sorte, a sobrevivência e o prestígio dos regimes dependem do poder sobrenatural, representado pela Igreja Católica, à qual devem servir. Era uma visão teológica e teocêntrica do mundo". MEDEIROS LIMA.

Os tradicionalistas têm uma concepção estática da História, daí sentem aversão por qualquer reforma, por qualquer revolução, pelas transformações que destas decorrem. A Igreja hierarquizada cultiva o passado e é o reino da estabilidade e da ordem. A Igreja combate o liberalismo e a democracia,

põe a autoridade acima da liberdade, confundindo esta com a anarquia, a subversão, a desordem. O combate ou hostilidade ao liberalismo e ao sufrágio universal decorre da "condenação ao individualismo protestante e aos princípios do homem abstrato" de ROUSSEAU.

A tese verdadeira não é a de que a Igreja deva reinar soberana sobre o poder temporal mas a do "primado do espiritual", isto é: "QUE O ESTADO TUDO POSSA, SEJA ONIPOTENTE, MAS SOB A DIREÇÃO ESPIRITUAL DA IGREJA." Jackson de Figueiredo.

Não é o Estado submetido à religião mas orientado por ela. A Igreja e o Estado devem seguir linhas de respeito mútuo, de cooperação e de liberdade de movimentos. Alceu Amoroso Lima. Este era o pensamento sustentado muitos anos depois por Dom LEME, o qual escreveu: "Longe de mim a heresia de dizer que a Religião nada tem a ver com a Política. Seria um erro palmar, mil vezes condenado e mil vezes condenável. Mas, o que eu disse, e repito, é que não devemos identificar ou confundir a religião e a política partidária. São campos diferentes de ação. Assim é que se algum dia os católicos se reunirem em partido político, as suas campanhas "meramente políticas" não serão feitas em nome da Igreja, em lugar sagrado, nas associações de piedade, etc., e sim nas organizações para esse fim específico se fizerem entre os católicos." ALCEU AMOROSO LIMA.

"Quando, em 1934, o país é chamado a recompor os seus quadros institucionais através de eleições, é esse ainda o critério que preside a orientação da Igreja. A Liga Eleitoral Católica, fundada com o objetivo de influir na feitura da nova Constituição, prefere manter-se numa posição discreta, embora inflexível em questões de doutrina. Limita-se na prática a recomendar aos católicos a votarem naqueles candidatos, independentes de filiação partidária, que tenham aceito o seu programa mínimo, fugindo, assim, a qualquer tipo de comprometimento com as correntes políticas em jogo."

O princípio basilar é: "Há valores espirituais que estão acima de toda a política."

O PADRE SEBASTIÃO LEME VISITA A TERRA NATAL — 5

O padre SEBASTIÃO visitou oficialmente Pinhal em 25 de Dezembro de 1904, isto é, treze anos após a proclamação da República no Brasil.

Demos fortemente a entender em páginas precedentes deste ensaio biográfico que são precisos talento, habilidade e cultura ou erudição brilhante para se traçar, com exatidão, um quadro ou painel da sociedade pinhalense daquela recuada época.

Antes do advento da República, em 1891, a cidade era governada por políticos conservadores e liberais, à moda inglesa. A política partidária era formada de dois fortes partidos: o Conservador (saquarema) e o Liberal. Na Inglaterra seriam os "Whigs" e os "Tories". Observe-se, "en passant", que tais designações há muito tempo deixaram de existir em todo o mundo, a política passando a ser de "direita", de "esquerda" e do "centro".

A maioria da população, na Monarquia como na República, era devotadamente católica, logo arraigadamente tradicionalista e monarquista. O ideal republicano mal começara a engatinhar. Republicanos sinceros, exaltados ou apaixonados existiam poucos no município; contudo, eram exceções muito brilhantes, notáveis, extraordinários. Os ideais do liberalismo, da República eram defendidos com ardor por personalidades ilustres, como, in exemplis, a do Dr. JOSÉ DE ALMEIDA VERGUEIRO, do Cel. EDUARDO TEIXEIRA, do Cel. ERNESTO DE FARIA, de ARTUR VERGUEIRO e AMANDO VERGUEIRO.

Aproximando-se o ano da proclamação da República, os membros do Partido Liberal de Pinhal cindiram-se em dois fortes grupos ou facções: os fiéis à Monarquia e os adeptos da República. Os republicanos pinhalenses eram chefiados pelo eminente líder FRANCISCO GLICÉRIO, chefe do Partido Republicano Federal, o qual chegou a visitar o Pinhal para uma conferência importante de caráter político. Hospedou-se, para isso, na residência de J. I. DE ALMEIDA VERGUEIRO, pai do Dr. JOSÉ DE ALMEIDA VERGUEIRO e de AMANDO VERGUEIRO, além de compadre e amigo íntimo do BARÃO DE MOTA PAIS.

Dr. JOSÉ DE ALMEIDA VERGUEIRO chegou a ser eleito Deputado Estadual. Este brilhante procer político local faleceu repentinamente por ocasião da renhida eleição local de 30 de Outubro de 1889. Óbito que ocorreu por síncope cardíaca, em plena luta eleitoral quase furiosa, como nos demonstram as campanhas do jornal "A Regeneração", dirigido por ARTUR RIO VEZ.

De 1893 a 1903 a oposição política local foi comandada pelo Dr. ABE-

LARDO DE CERQUEIRA CESAR, eleito Deputado pelo 7o. Distrito Eleitoral, abrangendo catorze municípios, desde Itapira até São Simão.

Para mostrar o progresso material ou o adiantamento de Pinhal neste período basta frisar que a casa onde FRANCISCO GLICÉRIO fizera a sua conferência política era uma das poucas casas construídas de tijolos da cidade.

Já vimos anteriormente que a República no Brasil foi um fruto da "filosofia positiva" de AUGUSTO COMTE. Os políticos nacionais estavam encarregados do "Curso de Filosofia Positiva", do "Sistema de Política Positiva" do criador da Religião da Humanidade, do adorador de CLOTILDE DE VAUX. O positivismo comteano era doutrina que formava entre nós "escola sectária que tanta influência exerceu no Brasil no fim da segunda metade do século XIX".

Os positivistas brasileiros seguiam, é claro, à letra a orientação do mestre e filósofo de Montpellier. Seus aforismos tornaram-se famosos na "propaganda do apostolado da Igreja da Rua Benjamin Constant". Eram todos também cheios de um "liberalismo bacharelesco e palrador", bem à moda nacional, com os olhos voltados ao puro individualismo liberal britânico, às "sutilezas da escola liberal inglesa".

Criou-se, no País, uma Igreja Positivista, dogmática, rígida. Como disse GILBERTO AMADO: "AUGUSTO COMTE era ensinado como um ministro protestante ensina a Bíblia e tudo que dissera tinha valor de dogma. A pregação não era filosófica, era religiosa e política".

O século dezenove foi materializante e cientificante.

Em 23 de Agosto de 1902 - portanto dois anos antes da chegada do Padre SEBASTIÃO LEME em Pinhal - eclodira no município uma revolta monarquista. É que a proclamação da República fora feita de maneira imprevida, inesperada, o povo a custo afeiçoando-se ao Estado republicano recém-inaugurado no País.

Implantavam-se, ainda, no coração do povo fortes sentimentos monárquicos, de fidelidade a Dom PEDRO II. Políticos influentes e prestigiosos chefes monarquistas planejaram um movimento revolucionário de âmbito nacional, visando a restauração da Monarquia no Brasil. Movimento que, como se sabe, abortou no nascedouro, fracassou no ovo.

Em Pinhal, a revolta de Agosto foi inteiramente fomentada por alguns

sebastianistas ou "saudosistas", como os Drs. ADELARDO e OTELO SOARES CAIUBY, JORGE MACEDO, CLAUDINO DE ULHOA CINTRA, ORLANDO NOVAIS, DANIEL BERNARDI, Dr. HADDOCK LOBO FILHO, ALBERTO FLORENCE, SAMUEL DE ALMEIDA, os TENÓRIOS, JOÃO LOPES, ALIPIO COUTO, "et cetera".

Em 23 de Agosto de 1902 os revoltosos proclamaram a Monarquia em Pinhal. O meritíssimo Juiz de Direito da Comarca era o Dr. OTAVIO AFONSO DE MELO, o qual foi detido em sua residência. Outras figuras da sedição foram JOSÉ RIBEIRO DA MOTA, BARÃO DE MOTA PAIS, Dr. CAROLINO FERREIRA DA SILVA, os quais foram presos e conduzidos à capital do Estado.

O Governo do Estado, irritado com os acontecimentos de Pinhal, organizou expedição militar para enfrentar a situação, à frente da qual vinha o Primeiro Delegado Auxiliar de São Paulo, Dr. JOSÉ ROBERTO LEITE PENTEADO, tendo como assessor o Dr. PAULO MACHADO FLORENCE, então Delegado de Polícia de Campinas. A ação pacificadora do Dr. ABE-LARDO DE CERQUEIRA CESAR pôs fim à subversiva revolta, acalmando-se os ânimos.

A visita do Padre SEBASTIÃO LEME a Pinhal foi escassamente registrada. Trata-se de uma história quase esquecida; por muito tempo apenas existiu na "história memorizada", isto é, na memória das pessoas que de corpo presente assistiram-na.

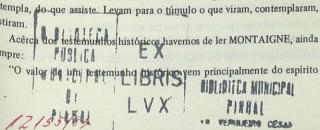
História portanto de Memória Destruída, de Espelho Partido, pois quantos daqueles felizes e privilegiados assistentes ainda estão vivos? Quase nenhum, evidentemente.

O acontecimento histórico é matéria de registro escrito e é matéria de memória, de retenção mnemônica. Mortos os assistentes e não registrados os fatos, temos então a Paisagem sem Barcos, os Armários Vazios. De "história verdadeiramente", nenhuma (ou quase nenhuma).

O imenso exército das vidas comuns nada registra do que vê, do que contempla, do que assiste. Levam para o túmulo o que viram, contemplaram, assistiram.

Acérrimos dos testemunhos históricos havemos de ler MONTAIGNE, ainda e sempre:

"O valor de muitos testemunhos históricos vem principalmente do espírito



simples e grosseiro da pessoa que o apresenta. "As pessoas dotadas de finura (isto é, sofisticadas) observam melhor e com mais cuidado as coisas, mas comentam o que vêem e, a fim de valorizar sua interpretação, e persuadir, não podem deixar de alterar um pouco a verdade. Nunca relatam pura e simplesmente o que viram, e para dar crédito à sua maneira de apreciar, deformam e ampliam os fatos. A informação objetiva nós a temos das pessoas muito escrupulosas ou muito simples, que não tenham imaginação para inventar e justificar suas invenções e igualmente que não sejam sectárias" MON-
TAIGNE, "Ensaaios", Livro I, Trad. de Sérgio Milliet, Ed. Globo, Porto Alegre, 1961, p. 260.

De precaver-se, ainda, com as naturais inexactidões dos depoimentos dos velhos ou anciãos. Muito comumente os anciãos confundem a ficção com a realidade, a verdade com a fantasia, suprimindo os desgastes da memória com os fantásticos da imaginação.

O PADRE SEBASTIÃO LEME VISITA A TERRA NATAL — 6

Cumprira-se finalmente o ardente, o fervoroso voto feito no mais íntimo do coração de Dona ANA PIO DA SILVEIRA CINTRA, santa mãe do nosso bem amado cardeal, de que seu filho seria padre, seria sacerdote da Santa Igreja. Ele o foi realmente. Sua sagração sacerdotal ocorreu em data de 28 de Outubro de 1904, após dez anos de continuos e porfiados estudos e estando com vinte e dois anos de idade.

Em 25 de Dezembro do mesmo ano o brilhante e novel Padre SEBASTIÃO LEME vem a Pinhal, terra onde nascera, premido pela saudade e também para rezar a sua primeira missa. Visitou sua cidade natal de modo esplendoroso, triunfal, como seu hospede oficial, participando como vulto central de eventos memoravelmente históricos, indelevelmente fixados na historiografia pinhalense.

A Mãe e o Irrevogável - a mãe e a concretização do mais belo sonho de seu coração, coração tão puro e inundado de amor como o de MARIA, objeto de culto e adoração por parte de seu tão amado filho.

Pinhal, cidade sã sob todos os aspectos, recebera carinhosamente seu dileto e augusto filho. De braços abertos recebera o filho que estava predestinado a ser cardeal, grande luminar da Igreja de Cristo.

Pinhal era para o moço padre um vergel florido, o seu Verde Pais de Merinos. Andar por ele era ter Presença e Nostalgia, era encher o pulsátil coração com o terno sentimento da saudade. O jovem e luminoso sacerdote amava aquela cidade de calma quietude, cidadezinha ainda, não tocada pela presença febril do porvindouro tempo tecnológico... Os que ali iam, viviam ou se refugiavam eram pessoas que fugiam do mundo hostil, repleto de aspezeiras selvagens. Pinhal continua sendo cidade amorável, sítio encantador onde há moças lindas, mulheres suaves que amam com doçura e com doçura entregam o coração... Oh! Como é feliz um coração que ama aquelas ribas tão afortunadas!...

O jovem padre SEBASTIÃO desembarcara na cidade e todos correram para vê-lo, ouvi-lo... Todos sentiam grande prazer em contemplar o belo e cintilante sacerdote, em tocá-lo, em escutar e apreciar o que ele com sua voz amena dizia, em seguir-lhe o menor movimento, em acompanhá-lo de um lado para o outro, em estar sempre junto dele, gozar a sua presença, a sua companhia, respirar o mesmo ar que ele respirava... Todos os que amam são famintos de presença objetiva, querem tocar, aspirar, ver, ouvir, sentir, apalpar o ente amado...

Todos percebiam que o jovem padre pinhalense, ali presente diante deles, já era um vivo exemplo a ser imitado, já se constituía num admirável modelo dos homens pios e verdadeiros. Um paradigma dos cristãos autênticos.

O doce pinhalensezinho, que ali todos viam existir dentro do padre tão jovem, era incapaz de ferir qualquer criatura viva. Jamais se entregaria a um movimento de cólera, de cobiça, de inveja, de orgulho, os quais, segundo os melhores autores espirituais, são os quatro elementos ou as quatro propriedades do Inferno.

O moço padre, que ali sorria e conversava afavelmente com todos, com toda a sua cortês e gentil figura, amava toda a humanidade com caridade profunda, inextinguível. Era um amor cósmico, universal, que abrangia todas as criaturas vivas do universo. Com toda esta compaixão jamais maltrataria qualquer ser vivo...

Tão feliz estava ele em sua cidade natal, como se ali viesse em curta visita ao Céu!... Ei-lo a subir as escadarias do templo principal da cidade, como se subisse os degraus do Paraíso!...

Rezou na Igreja Matriz, imponente e bela, a sua primeira missa. Ali cantou a "missa nova", aquele que recebera as ordens de padre depois de que "passou no estudo, na oração e na vigília os dias e as noites".

Carradas de razão tinha COELHO NETO quando disse que o que separa não é a distância, é o esquecimento. Dom SEBASTIÃO LEME jamais esqueceu o seu belo e pequeno rincão natal, mesmo quando distante dele. O cardeal, em toda a curta dimensão de sua existência, em todos os sessenta anos de sua vida terrena, jamais deixou de amar extremamente o seu lindo torrão natal. Segundo o mesmo e primoroso príncipe da prosa brasileira, que há momentos citamos, quando se ama verdadeiramente o afastamento torna o amor mais profundo, porque as afeições superficiais tendem a desaparecer e as fortes a concentrar-se.

Na separação o que é superficial se eclipsa, enquanto que a afeição verdadeira se aprofunda. É, visivelmente, sem necessidade de demonstração, o caso do nosso cardeal, que, embora a maior parte do tempo, longe ou distante de Pinhal, amava-o mais e mais, num ardente crescendo de amor e ternura.

Pinhal foi realmente a cidade que Dom SEBASTIÃO LEME decerto gostaria de viver muitas eternidades para amá-la. E com toda a certeza um dos frutos mais proibidos para ele seria esquecê-la, tirá-la da lembrança, arrancá-la da memória, mergulhá-la nas trevas da indiferença.

Seu amor pela garrida e linda terra dos pinheirais não era imaginário e irreal, como a reta euclidiana, mas sincero, espontâneo, profundo e verdadeiro. Como aliás já muitas vezes dissemos neste pequeno livro, como já frisamos e timbramos em frisar novamente, com a devida e cortês permissão do leitor.

Frisemos, igualmente, antes de dar por findo este capítulo de nossa narração, que Dom LEME foi o primeiro pinhalense na história da cidade a receber a honrosa investidura sacerdotal. Foi, numa palavra, o primeiro padre nascido na localidade.

Dom LEME por duas vezes em sua vida visitou oficialmente a sua terra natal: a primeira em 15 de Dezembro de 1904 e a segunda em os quatro primeiros dias de Fevereiro de 1931. De ambas as vezes em que ali esteve como hóspede oficial e honroso do município foi recebido de modo absolutamente condigno, foi bemvido como um Messias, a população toda vibrando de júbilo e alegria e a cidade toda engalanada para as belas festividades e cerimônias de recepção ao grande e brilhante hóspede.

Foram belíssimas as cerimônias litúrgicas tributadas ao quase sagrado hóspede, ainda no verdor dos anos, ainda mal saído da quadra da vida em que só há petulantes rebeliões, ardentes e nervosas inquietações de alma, tempo crítico de sonho, irreverência, ilusão, fumegar de desejos, fustigar de anelos vagos, imprecisos.

O PADRE SEBASTIÃO VISITA A TERRA NATAL — 7

Evento exatamente histórico, cabalmente memorável, inesquecível foi o que teve em o Padre SEBASTIÃO LEME como protagonista central, principal, vindo lúcidamente a Pinhal em visita oficial, em visita de amor e de fé, de ternura e de gratidão.

A cidade de Pinhal engalanou-se toda, festivamente, para receber o filho querido, que dali saíra menino de catorze anos e que agora retornava um belo e luminoso sacerdote da Santa Igreja, de vinte e dois anos de idade.

A visita daquele nosso mais ilustre e brilhante conterrâneo verificou-se precisamente no dia 15 de dezembro de 1904, dois meses depois de sua ordenação sacerdotal em São Paulo. Para receber essas ordens de padre estudara dez anos, ininterruptamente, de Setembro de 1894 a Outubro de 1904.

Conforme fora adrede e amplamente divulgado, a chegada do Padre SEBASTIÃO a Pinhal deveria ocorrer à tarde do referido dia 25 de Dezembro, o que realmente aconteceu. O ilustre visitante, conforme também se sabia, era, além de padre, doutor em teologia e cânones, recém-laureado pelo Pontifício Colégio Pio Latino Americano de Roma e pela Pontifícia Universidade Gregoriana; além disso, havia defendido teses nas Faculdades de Filosofia e Teologia de São Paulo. Para a sua pouca idade impossível conceber-se cultura ou erudição mais extensa, mais vasta e brilhante que a do Padre SEBASTIÃO...

Enorme era a multidão que esperava o brilhantíssimo visitante. A massa popular comprimida-se na estação ferroviária local da Companhia Mogiana. O "esperado" chegou no horário marcado, em carro especial ligado ao trem de carreira da tarde.

A cidade toda, como dissemos há momentos, apresentava um aspecto especialmente festivo; achava-se quase que inteiramente enfeitada de arcos de bambús e bandeirinhas de papel de seda, principalmente a rua Emerenciana Leite (rua na qual, recorde-se de passagem, outrora existira o "Bazar Pinhalense").

se", cujo proprietário fora o Sr. Major MANOEL JOAQUIM GONÇALVES e casa comercial onde o menino SEBASTIÃO LEME trabalhara como pequeno empregado ou servente).

O padre SEBASTIÃO (poderia ser de outra forma?) desembarcou em Pinhal debaixo de vivas e aclamações populares, estouros de foguetes e ruídos fortes e festivos de bandas de música. Verdaderamente indescritível o entusiasmo do povo, ali representado por todas as suas classes, as suas camadas sociais.

O padre SEBASTIÃO veio acompanhado do monsenhor BENEDITO DE SOUZA, mais tarde bispo resignatário do Espírito Santo, santo homem da Igreja que primeiro servindo de pai e depois servindo de filho haveria de sempre seguir Dom LEME em sua belíssima jornada de apóstolo. Consigo vinham também as escolhidas e destacadas pessoas de Pinhal que, formando comissão de recepção, tinham ido esperá-lo em Campinas. No mesmo trem viajava, igualmente, a banda ou corporação musical de Nova Louzã.

A distinta comissão aqui referida era composta das seguintes pessoas de prol ou de projeção social em Pinhal: Srs. JACOB WORMS JÚNIOR (o "Jacózinho", dileto companheiro de infância do visitante), BERNARDO MARTINO e RANDOLFO AGOSTINHO RIBEIRO, dirigidos pelo Pe. VERGILIO MORATO, então vigário da paróquia.

Em Campinas, o padre SEBASTIÃO, a comitiva que o fora esperar na gare da estação ferroviária, bem como diversas outras pessoas de destaque, almoçaram num restaurante de classe, ágame ao qual esteve presente também o Pe. PEDRO DOS SANTOS, então vigário da paróquia campineira.

Pinhal pertencia e ainda pertence ao bispado ou diocese de Ribeirão Preto.

Em Pinhal, entre a massa de povo que se acotovelava na estação de desembarque e nas suas proximidades, viam-se numerosas e distintas famílias da sociedade pinhalense. Falou, nessa solene ocasião, em nome da cidade, o Dr. FELISARDO DE CAMPOS MULLER, advogado e Promotor Público da Comarca de Pinhal. Em breves porém eloquentes palavras saudou o insigne visitante, apresentou-lhe emboras e boas-vindas, em seu nome e em nome do povo e da sociedade locais. Felicitou o ilustre hospede do município, enalteceu-lhe os dotes de coração, inteligência e espírito.

O padre SEBASTIÃO LEME, que era o primeiro pinhalense a receber a

dignificante e honrosa investidura sacerdotal, o primeiro a ser duplamente laureado por notáveis centros de estudos estrangeiros, deveria causar e realmente causou à boa e brava gente pinhalense a melhor das impressões. Provocou, sem dúvida, não uma curiosidade pasmada, incrédula, que causaria um visitante marciano. Não estranheza, incrédula admiração ou espanto, que suscitaria um visitante do outro mundo. Sua luminosa presença a todos encantou e cativou, porque era a personificação da bondade, a humildade em pessoa, a gentileza encarnada. Todos que viam aquele sacerdote passavam a acreditar que, de fato, as boas maneiras vêm do coração.

Com efeito, desde cedo, o padre SEBASTIÃO mostrava-se ser um jovem a pisar o dintel de sua rápida e nobilíssima carreira eclesiástica. Subiria rapidamente todos os degraus de sua carreira, sempre com o seu sorriso bom, natural, espontâneo, genuíno. Desde o dia, ou melhor a tarde, em que visitou Pinhal, em Dezembro de 1904, sua doce figura jamais deixou de ser evocada na cidade, sempre com as mais sinceras e blandiciosas referências. Tornou-se, desde então, o bem amado filho de Pinhal, paradigma de homem justo e sábio, personalidade perfeita e harmoniosa, profundamente querida de todos, sem exceção de um só.

Findas as saudações e as boas-vindas seguiram todos, o padre SEBASTIÃO e a multidão, as pessoas que assistiram o desembarque e as pessoas da comitiva do ilustre conterrâneo, no rumo da Igreja Matriz local. O principal e imponente templo da cidade, situado à Praça da Independência, apresentava sua porta ornamentada, ou melhor, erguia-se à sua portada de entrada um arco com as iniciais do padre visitante.

Alf' chegados, o padre SEBASTIÃO fez sua oração. Logo após, sempre seguido pela compacta multidão, encaminhou seus passos para a residência de Dona ANA PIO DA SILVEIRA CINTRA, sua santa mãe. Devido ao fato de o povo ainda permanecer comprimido na frente da casa residencial de sua mãe, sempre ansioso de testemunhar ao distinto visitante toda a sua simpatia e admiração, monsenhor BENEDITO DE SOUZA apareceu em uma das janelas da casa e dirigiu a palavra àquela massa de manifestantes, agradecendo em nome do visitante fatigado e terminando por exaltar as nobres qualidades e virtudes de quem era dotado o padre SEBASTIÃO.

As festividades tributadas ao padre SEBASTIÃO, por essa ocasião em Pinhal, perduraram por dois dias, isto é, 14 e 15 de Dezembro.

O discurso de monsenhor BENEDITO DE SOUZA, embora breve, foi encerrado sob uma verdadeira chuva de palmas e aplausos. Mas o povo ali reunido não se dispersou senão depois que a todos fosse servido um agradável copo d'água.

Desta maneira festiva decorreu a tarde de 14 de Dezembro. No dia seguinte, porém, as solenidades foram simplesmente empolgantes, fadadas, sem a menor dúvida, a serem muitas e muitas vezes relembradas por todos os pósteros pinhalenses.

NOTA - Oferecimento público dum copo d'água. Foi dito acima que na tarde de 14 de Dezembro de 1904 serviu-se ao povo um copo d'água. O momento é oportuno para lembrarmos que é crença muito bela e muito firme, no religioso Oriente, que oferecer água a alguém que nos visita é um ato de grandeza e virtude, é uma espécie de oferta feita a Deus. Mitigar a sede do hóspede ou visitante é ato de hospitalidade superior ao de alimentar ou saciar a fome.

O PADRE SEBASTIÃO LEME VISITA A TERRA NATAL — 8

Em 14 de Dezembro de 1904 todo o povo pinhalense vibrou de regozijo, exultou de alegria com a chegada à cidade, pelo trem da tarde, do jovem padre SEBASTIÃO LEME, filho único e idolatrado de Dona ANA PIO DA SILVEIRA CINTRA, viúva do Prof. FRANCISCO FURQUIM LEME, precocemente desaparecido do mundo dos vivos.

A mãe do moço padre era tão extremosa que seria cognominada de "mãe eucarística", de "anjo tutelar" de seu filho, o qual plenamente correspondia o recebimento de tão grande amor e dedicação maternos. O menino SEBASTIÃO tornara-se órfão de pai aos dezesseis meses de idade, tendo sido criado pela mãe amorosa num ambiente de segurança e carinho. No lar respirara uma atmosfera perfeitamente cristã, não sofrendo nenhuma privação emocional séria durante a infância. O privilegiado infante recebeu o puro amor de que precisava para desenvolver-se normalmente. Foi educado com

cuidados carinhosos, com terna solicitude. Jamais experimentou frieza e isolamento quando criança; foi, pelo contrário, totalmente aceito e amado em toda a sua meninice.

Em 1.º de Setembro de 1894, com quinze anos de idade, foi matriculado no Seminário Episcopal de São Paulo. Recebeu a batina em 4 de Maio de 1895. No mesmo ano, em 28 de Agosto, recebeu a tonsura clerical. Ordenou-se padre em 28 de Outubro de 1904.

Sua primeira visita oficial a Pinhal realizou-se em os dias 14 e 15 de Dezembro de 1904.

Os eventos do dia de chegada do jovem padre em Pinhal já foram relatados em descrição anterior deste capítulo. Os acontecimentos do dia seguinte 15 de Dezembro, foram marcados por excepcional brilho e pompa.

Logo de manhã, na Igreja Matriz, levou-se a efeito a celebração da "missa nova", ou seja, a primeira missa do novel padre SEBASTIÃO, missa que ele cantou. A voz do jovem sacerdote ecoou pelas naves do templo, com timbre de felicidade, em cerimônia belíssima. Na frente do jovem oficiante da missa deveria brilhar um halo de luz divina.

Terminado o santo ofício, realizou-se a cerimônia do beija-mão. Distribuiu-se a todos os presentes expressiva recordação da ordenação sacerdotal do jovem oficiante da missa. Na inesquecível cerimônia aqui descrita usou da palavra monsenhor BENEDITO DE SOUZA, companheiro do padre SEBASTIÃO desde quando este estivera estudando em Roma, honrando para sempre o púlpito daquele magestoso templo católico com as belezas e maravilhas de sua oratória sacra.

Mas um fato memorável, absolutamente comovente ocorrera antes da celebração da missa aqui referida; antes da missa ser oficiada a todos os fiéis reunidos no templo foi dada a contemplação de uma cena comovedora e indelével. Reinava grande silêncio sob as arcadas da bela casa de Deus, do sereno templo de Deus. Os assistentes a tudo assistiam genuflexos, mudos; misteriosa expectativa havia em todos os corações daquela boa gente. Ao encaminhar-se para o altar-mor eis que o padre SEBASTIÃO encontrou sua piedosa mãe; pôs-se então de joelhos o jovem sacerdote, beijando com imenso respeito as mãos puríssimas de sua mãe, orvalhando as mãos daquela que lhe dera o ser com lágrimas de profundo e perfeito amor - amor quase angélico e todo feito de dedicação infinita. Contudo, invadida também de sublime ternura

maternal, Dona ANA PIO, com o coração a arquejar de emoção, ajoelhou-se por sua vez às plantas do jovem filho padre, osculando-lhe cálida e respeitosamente as mãos mansas e apaziguadoras de sacerdote. Esta cena jamais sairia da lembrança, da memória dos que a haviam presenciado: mãe e filho a ajoelharem-se um aos pés do outro, um após o outro, presos numa mesma e amorosa rendição de amor, ambos chorando de alegria e ternura.

A seguir, sempre estreitamente juntos, praticamente abraçados, mãe e filho foram prostrar-se em silenciosa adoração diante do altar da Virgem Santíssima, onde oraram fervorosamente, onde elevaram preces de amor e gratidão à Santa Mãe de Deus, vivendo uma inolvidável cena de beleza antiga.

Estas solenidades, realizadas no recinto da Igreja Matriz, preencheram todo o período da manhã do dia 15 de Dezembro. À tarde do mesmo dia foi levado a efeito um banquete em homenagem ao nobre visitante, organizado por sua cristianíssima e felicíssima mãe. Com este ato sua mãe decerto pretendia mostrar a todos toda a extensão do regozijo que dela se apossava por ter um filho padre. Em tal banquete ou festa de amor, - festa de alvíssaras para a alma de u'a mãe e de todo um povo -, compareceu o mais fino e representativo escol da sociedade local.

Durante o banquete usaram da palavra o Dr. FELISARDO MULLER, promotor de justiça da comarca, saudando o homenageado, e, agradecendo, o mensenhôr SOUZA, da comitiva do padre SEBASTIÃO.

Desta forma, bela e emocionante, transcorreu a primeira visita oficial de Dom LEME à sua querida terra natal.

Três meses após esta visita, em 12 de Março de 1905, parte para São Paulo, a fim de tomar posse da coadjutoria da mimosa paróquia de Santa Cecília, cargo para o qual fora eleito e nomeado pelo bispo Dom JOSÉ DE CAMARGO BARROS.

Depois desta nomeação ninguém duvidava mais, todos o sabiam com certeza em Pinhal: começara o jovem padre SEBASTIÃO a sua rápida e ascensional carreira eclesiástica, uma das mais rápidas e brilhantes do Clero brasileiro em todos os tempos. Com efeito, sua carreira jamais fora detida, fora progredindo sempre, sempre, em subida contínua, para justo orgulho de todos que o amavam e bemqueriam, para nobre ufania de todos os seus conterrâneos e amigos.

Dona ANA PIO, sua mãe, poderia receber com orgulho os parabéns e as

congratulações pela brilhante vitória de seu filho - "vitória mais dela que do próprio e genial filho".

As portas do futuro glorioso entreabriam-se para seu nobre e luminoso filho. Seu sonho de mãe era pura realidade, concretizara-se completamente; realizara-se seu belo sonho de mãe católica, o de ver seu filho ordenado padre. Que maravilha para ela isto deveria ser!

Seu filho era padre!... Mas o que ela decerto não conseguira ainda perceber era que seu filho seria Cardeal. Cardeal!...

De 10. coadjutor da encantadora paróquia de Santa Cecília em São Paulo, nomeado em 7 de Março de 1905, ao elevado posto de cardeal, em 30 de Julho de 1930, medeou exatamente o espaço de vinte e cinco anos.

O cardinalato de Dom LEME foi grandemente glorioso e durou doze anos, isto é, foi de Julho de 1930 a 17 de Outubro de 1942, data infasta que assinala o seu falecimento no Rio de Janeiro.

Sua santa e preciosa mãe o acompanhou de perto em todos os lances e fases de sua carreira, naturalmente até o dia 2 de Fevereiro de 1919, data terivelmente dolorosa para Dom LEME, data em que expirou em Pernambuco, com 54 anos de idade.

O inspirado vate pinhalense DE SILVA COSTA (Waldemar, o popular "China") bem traduziu, com finos acentos e sonoras estrofes, esse supremo amor de mãe expresso por Dona ANA PIO, mãe admirável do nosso bem amado cardeal. Os versos do poeta são estes, que tomamos a liberdade de dedicar àquela imorredoura modeladora de almas:

MÃE E SANTA

Partiste, foste embora e lá, distante,
Depois dos longos anos da partida,
Fulguras como estrela em nossa vida
E és lembrada sempre, a todo instante.

Sim, Mãe, aquela chama flamejante
Da tua imagem meiga, tão querida,
Em nossos corações é refletida
E cada vez se torna mais brilhante!

Sempre a irradiar candor, bondade tanta,
Toda a harmonia que uma casa encerra,
Anjo do lar já foste aqui na terra!

E, então, quem foi Rainha neste mundo,
Sempre espargindo o seu amor profundo,
Há de, no céu, reinar qual uma santa.

Digno de transcrição é o tópicio de ouro, abaixo transcrito, extraído do Sermão do monsenhor BENEDITO DE SOUZA:

"São Sebastião - como militar cumpriu as ordens recebidas na terra, mas em assuntos espirituais, só atendia às ordens de Deus. Os homens devem estar sempre preparados para morrerem bem. Mas isso nem sempre se dá, porque vão adiando, não trepidando em enganar a si próprios e sofismar com a própria Divindade. Mas, de repente morrem e estão cheios de pecados e não se arrependem. Ai será tarde, muito tarde!"

O PADRE SEBASTIÃO LEME VISITA A TERRA NATAL — 9

Deixamos suficientemente frisado em páginas precedentes desta tentativa de biografia do cardeal Dom SEBASTIÃO LEME que a santa mãe deste, a modesta e virtuosíssima ANA PIO DA SILVEIRA CINTRA, com o fito de melhor homenagear a sagração sacerdotal de seu brilhante filho, oferecera-lhe um esplêndido banquete, o qual efetivamente se realizou em confortável vivenda nesta cidade, com a presença de pessoas influentes e representativas da sociedade local.

Salientámos, igualmente, que a realização desse concorrido ágape ocorreu na casa residencial da própria promotora do banquete; contudo, tal informação é inexata, segundo depoimento oral prestado pelo falecido e prestante BERNARDO DE MARTINO, antigo morador e comerciante da cidade. O informe exato esclarece que o citado banquete foi levado a efeito em bela casa residencial da Praça Cândido Rodrigues, n. 358, na qual, por longos anos, residio o insigne Prefeito Municipal de Pinhal, Dr. FRANCISCO ALVARES FLORENCE. A aludida casa, naquele prisco período, pertencia ao BARÃO

JOSÉ RIBEIRO DA MOTA PAIS, notável homem público local que a ce-deu para a efetivação da festa, em razão de a moradia de Dona ANA PIO ser pobre e deficiente imprópria para aquela finalidade. Tem-se, ainda, como historicamente certo, que o referido BARÃO tudo fizera para que a homenagem ao Padre SEBASTIÃO se coroa-se de completo e efetivo êxito, inclusive pondo empregados seus à disposição de Dona ANA PIO.

O depoimento verbal do sr. BERNARDO DE MARTINO deu-nos conta, ainda, apelando para sua privilegiada memória, que mais ou menos uns trezentos convidados ou comensais estiveram presentes ao banquete. No entanto, mais de mil pessoas comeram de suas iguarias. Banquete verdadeiramente miraculoso, com comida para ser servida a mais de um milhar de convivas. A festa foi realizada de portas abertas ao copioso público. Toda a gente participou dela. O sr. Major JACOB WORMS JÚNIOR (o "Jacózinho") incumbira-se da distribuição de manjares na mesa onde se sentavam os maiores da cidade; era ele também o indicador dos lugares na dita mesa do banquete. O menu era composto de peru, leitão, cabritos, frangos, tudo em grande quantidade. Também havia, abundantemente, vinhos de várias marcas e vinhos finos como champanha. Uma banda de música tocava na porta da casa.

Convites especiais foram confeccionados para a solenidade e festa aqui mencionada. Convite singelo e muito expressivo, vasado nos seguintes dizeres:

"Excelentíssimo Senhor.

Neste dia venturoso para mim, em que o meu querido Filho Pe. Sebastião cantou a sua Primeira Missa, tenho o prazer de convidar a V. Excia. para um modesto jantar, em minha residência hoje, às cinco horas da tarde. Desde já confessa-se grata a Serva humilde e Obrgda."

Ana da Silveira Sales.

Espírito Santo do Pinhal, 15 de Dezembro de 1904."

Na última hora, como dissemos há momentos, cósioante o depoimento colhido do saudoso BERNARDO DE MARTINO, o jantar (ou banquete, como de fato fora) realizara-se na ótima vivenda da Praça Cândido Rodrigues, 358.

Sabemos que entre outras pessoas o Sr. OLAVO TAVARES WORMS, filho distinto do Sr. Major JACOB WORMS JÚNIOR, possui um exemplar legítimo, autêntico do Convite acima transcrito, conservando-o, naturalmente,

como uma preciosa relíquia. O sr. OLAVO TAVARES WORMS é afilhado do Cardeal LEME e filho do inesquecível "Jacózinho", consorte da Exma. Sra. Dona URSULINA TAVARES WORMS.

Mencione-se, a título de curiosa observação que Dona ANA PIO, no Convite e em outros lugares, assina como "Ana da Silveira Sales". Por que? Seu nome exato, correto é ANA PIO DA SILVEIRA CINTRA e não como está no Convite.

Dona ANA PIO era natural de Amparo, neste Estado. De prendas domésticas e depois porteira do Grupo Escolar "Dr. Almeida Vergueiro" local. Para ganhar chegou a costurar para fora, avulsamente, atendendo a pedidos de nobres e ilustres damas da sociedade pinhalense. Nasceu em 22 de Julho de 1865, filha legítima de CÂNDIDO DA SILVEIRA FRANCO e de Dona DELFINA CINTRA DO AMARAL. Casara-se duas vezes: em primeiras núpcias, com o professor primário FRANCISCO FURQUIM LEME, falecido em 1883, pai do menino SEBASTIÃO, então com um ano e dois meses de idade. Em segundas núpcias, foi casada com ANTONIO S. NOGUEIRA.

Os restos mortais da veneranda senhora repousam no Carmelo da Santíssima Trindade (em Todos os Santos, no Rio de Janeiro). Anteriormente, jaziam os seus despojos na capela mortuária das religiosas da Congregação de Santana, no Recife. O óbito de ANA PIO ocorreu em Pernambuco, em dois de fevereiro de 1919, sendo ali Dom LEME arcebispo de Olinda. Ao finir-se tinha 54 anos de idade e Dom LEME apenas trinta e sete anos.

Dom LEME sentia imenso orgulho de sua mãe, à qual amava extremosamente. Era o seu único orgulho, diga-se em bem da verdade. Sua mãe acompanhava-o por toda a parte, até o seu derradeiro instante de vida. As vidas de ambos - da mãe e do filho - existiam como que firmemente soldadas uma a outra, para sempre. Morrendo-lhe ela a desolação e a amargura entraram-lhe no coração; Dom LEME, com a perda da mãe, devia sentir-se como um Faus- to sem Helena e sem Euforion...

A mãe e o filho, quando em vida, compuzeram o quadro da vida feliz. Mais tarde, ambos já mortos, passaram a viver nos bemaventurados jardins dos campos elíseos, lugar onde ninguém sofre nem faz sofrer...

Dona ANA PIO pode ser considerada, com inteira justiça, um símbolo do amor materno, Símbolo perfeito, imortal; a ela tomamos a iniciativa de dedicar uma linda composição poética de José Gonçalves SAMPAIO JÚNIOR.

poeta lusitano, nascido na Anha, no risonho Minho, na mãe-pátria, e que durante longos anos residiu em Pinhal, vindo da então Capital Federal ou Rio de Janeiro. Os versos de SAMPAIO JÚNIOR, em sua ampla memória, são como vasos contendo finas essências, como deles expressamente dissemos em pequena apreciação sobre o seu livro "Tempestades". Eis as estrofes do saudoso poeta:

MINHA MÃE

Para mim não há na vida
Tristeza mais dolorida
Nem saudade mais pungente,
Do que viver sempre ausente
De nossa Mãe tão querida.

Mãe! Palavra meiga e santa
Que alegre, cativa e encanta
E comove o coração.
Mãe! Sagrada criatura
Toda bondade e ternura,
Todo carinho e perdão.

Minha Mãe, cheia de amor,
Que a me criar, padeceu,
Sofre agora a triste dor
De não ver o filho seu.

Embora numa distância
Que parece não ter fim,
Embora longe de mim
Desde a minha rósea infância,
Minha Mãe, eu te bendigo
Numa santa adoração,
Porque nesta ingrata vida,
A tua imagem querida
É o meu pobre coração!

Estamos, neste capítulo de nosso livro, narrando os interessantes eventos que marcaram a primeira visita oficial de Dom LEME a Pinhal, em 14 e 15 de Dezembro de 1904, dois meses após a sua sagração sacerdotal na capital do Estado.

O padre SEBASTIÃO LEME chegou de trem à cidade, na tarde do dia 14, prolongando-se as boas vindas até o fim do dia seguinte, terminando com um jantar - um verdadeiro banquete - na casa n. 358 da Praça Cândido Rodrigues.

Ano de 1904. A cidade ainda era menina, pois só haviam passado 55 anos de sua fundação. O "espírito" (o Zeitgeist) da sociedade pinhalense naquela recuada época, já tentamos esboçá-lo em páginas precedentes deste modesto ensaio biográfico acerca do vulto mais importante, da figura mais brilhante da História de Pinhal.

Os acontecimentos, que aqui estamos tentando descrever, praticamente não foram registrados em crônicas oficiais e oficiaisas. Tudo a bem dizer se acha registrado na memória das pessoas que assistiram ao desenrolar dos fatos. Mas a morte vem e tudo apaga. A morte apaga o não-escrito, ela faz como "a onda que apaga toda a escrita na areia".

Para relatar a visita do filho de ANA PIO à sua terra natal temos - e o fizemos - de lançar mão de memorialistas orais, de testemunhos oculares ou presenciais. Ouvimos pessoas como o saudoso AVELINO MOUTINHO, OLAVO TAVARES WORMS, BERNARDO DE MARTINO, e, antes destes todos, o Sr. Major MANOEL JOAQUIM GONÇALVES, antigo patrão e protetor ou benfeitor de ANA PIO e seu precioso filho. Acerca da segunda visita de Dom LEME a Pinhal, ocorrida em 1 e 4 de fev. de 1931, é excelente o testemunho de Dona ANA LEITE VIEIRA (Dona Nicota), Exma. Esposa do Sr. EDUARDO VIEIRA. Este distinto casal pinhalense foi que hospedou o grande artista da Igreja durante os quatro dias de sua visita, no seu magnífico solar da rua Jorge Tibiriçá. Mas esta é outra história, que contaremos, em portmenores, em outro capítulo deste livro.

Já deixamos anteriormente relatado que Dona ANA PIO, para melhor homenagear seu dileto filho padre, da qual ela tanto e tão justamente se envaldecia, preparara-lhe grande jantar que terminou sendo um verdadeiro banque-

te. Contamos mais que este foi um ágape maravilhoso, este é o termo. Um banquete milagroso, em que todos comeram e ainda sobrou comida, como no milagre evangélico da "multiplicação dos pães".

A Praça Candido Rodrigues, a partir das cinco horas da tarde, ficara regorgitante, preta de gente querendo viver e festejar o jovem padre SEBASTIÃO e sua santa mãe, que recebera de Deus a grande honra de ter um filho padre.

Os fatos foram-nos miudamente recordados por uma preciosa testemunha, o saudoso BERNARDO DE MARTINO, velho e simpático comerciante italiano que, com seu irmão FRANCISCO DE MARTINO, residiam na cidade e dirigiam uma casa comercial (loja de armazinhos e venda de tecidos), na rua Direita, esquina com Rua 16 de Abril. Devemos fiar-nos na memória desta testemunha, "sur parole", por que BERNARDO DE MARTINO foi um homem justo, honesto, muito religioso, estimado e querido de todos na cidade. Era ele, em vida, um verdadeiro "livro de memórias", mais do que uma pessoa. Sabia de tudo do passado pinhalense, com minúcias e detalhes. Fatos pinhalenses antigos e não registrados em assentos públicos tinham nele uma crônica viva e palpitante.

Outra notável e importante testemunha dos fatos ligados à vida do Cardeal LEME e à própria história da cidade foi o Sr. Major MANOEL JOAQUIM GONÇALVES, antigo proprietário do "Bazar Pinhalense", sito à rua Emerenciana Leite, onde o menino SEBASTIÃO foi empregado. O padre SEBASTIÃO ficara órfão de pai quando novinho, tinha só um ano e dois meses de idade. Nessa difícil época para a viúva ANA PIO, esta teve em o Major MANOEL GONÇALVES um verdadeiro benfeitor, que muito ajudou para que o inteligente menino fosse matriculado no Seminário de São Paulo.

Consoante o depoimento do Sr. BERNARDO DE MARTINO, o banquete - passe o termo - em homenagem ao Padre SEBASTIÃO, contou com uma verdadeira multidão de comensais, uma legião de participantes. Mais de mil pessoas compareceram à festa, regada a vinhos nacionais e estrangeiros, vinhos tinto e doce, até "champagne"... Houve em profusão galinha assada, leitão, peru, cabrito, iguarias variadas da saborosa culinária nacional. O Major JACOB WORMS JUNIOR esteve presente, como "very important person". Era a querida e muito conhecida pessoa chamada por todos de "Jacózinho", amigo e companheiro dileto do homenageado, depois padrinho de batismo de

seu filho, Sr. OLAVO TAVARES WORMS, tendo como progenitora a Exma. Sra. Dona URSULINA TAVARES WORMS.

O banquete aqui referido foi público, realizado de portas abertas, franqueadas ao povo. O Barão JOSÉ RIBEIRO DA MOTA PAIS cedeu a casa e empregados para a realização da pomposa festividade, ornamentada e transcorrida sob os acordes de uma corporação musical. A banda de música tocava na Praça, na porta da casa.

Grande colaborador de todas as festas em honra ao padre SEBASTIÃO foi o vigário da paróquia, Pe. VERGILIO MORATO. O povo da cidade, em subscrição pública, arrecadou e doou para a festa a quantia de mais ou menos novecentos e cinquenta contos de réis (hoje seriam novecentos e cinquenta mil cruzeiros). Desse dinheiro, a sobra, doaram a Dona ANA PIO, a soma de quinhentos mil réis (atualmente seriam quinhentos cruzeiros). Dona ANA PIO, com esse dinheiro, fez diversas compras no "Bazar Pinhalense", como aparelhos de louça estrangeira e porcelana, que serviram de preparativos para ornamentar a mesa do jantar (ou banquete).

A realização desta festa lembra-nos, mais uma vez, o profundo amor que entre si mantinham Dona ANA e seu precioso filho. Amor indestrutível e que durou todos os anos das vidas de ambos.

Convenhamos, um tal amor, um amor com tanta intensidade, é raro. A natureza humana é inumana. Raro é que ela ame, facilmente odeia. Sempre puxada ou impulsionada pelos motivos de CAIM, parece gritar: Torturai-vos uns aos outros. Ou matai-vos uns aos outros. Sim, devido à natureza humana, os dias terrestres são sangrentos. É uma regressão ao caos, à última dissolução.

O ódio das criaturas humanas umas pelas outras criam ou geram monstruosidades vulgares. Os seres humanos não sabem mais o que é amar; tornam-se peritos em odiar, caluniar, injuriar, maltratar... São servidores do diabo, o pai da mentira... "Gostaria de estar errado ao escrever isto".

Dona ANA PIO, a santa mãe, morreu em Pernambuco em dois de Fevereiro de 1919. Seus despojos, por ordem de Dom LEME, foram transportados para o Rio de Janeiro em 1939, acompanhando o cardeal-legado do Vaticano, de volta do 3o. Congresso Eucarístico Nacional, realizado no Recife no dito ano.

Antes de expirar disse esta mãe admirável: "Vou para o céu. Minha glória é ter dado a Nosso Senhor um filho sacerdote".

Vinte e três anos depois, em 17 de Outubro de 1942, ao morrer, o filho tão amado, disse: "Mãe, minha mãe! A maior glória humana de teu filho sacerdote, bispo e cardeal, é ser teu filho!".

O PADRE SEBASTIÃO LEME VISITA A TERRA NATAL — II

Em páginas anteriores deste volume deixámos sucintamente narrada a história real, verdadeira da primeira visita oficial do futuro cardeal Dom SEBASTIÃO LEME à sua formosa e querida terra natal.

O Padre SEBASTIÃO, recém-ordenado em São Paulo, viera de visita à cidade onde nascera, movido pelo "amor à terrinha", como gostava de dizer em palestras e em cartas aos bons amigos. Fora, decerto, também impellido pelo profundo e perfeito amor que devotava à Dona ANA PIO, sua santa mãe, a qual não cabia em si de contente por ver padre o seu adorado e único filho.

O nosso bem amado cardeal jamais esqueceu os doces e encantadores tempos de sua meninice passada ou vivida em Pinhal. Em carta que, mais tarde, em 25 de Novembro de 1917, já arcebispo de Olinda, em Pernambuco, endereçaria ao seu dileto amigo JACOB WORMS JUNIOR (o Jacózinho, como era conhecido na intimidade), escreveria: "Prezado Amigo e Compadre. ... Veja o que é amor da terrinha. Senti que era menino e pareceu-me estar brincando nas portas do João Teodoro... Pareceu-me estar vendo o pessoal todo do nosso tempo. Enfim, cheguei a chorar."

Dom LEME mostrou-se sempre saudosos das brincadeiras infantis, das reuniões que fazia com seus pequenos e vivazes companheiros. Não esquecia dos folguedos e das travessuras praticadas na porta da casa do JOÃO TEODORO, como ele próprio deixou gravado para sempre em confissão ou confidência íntima. Até podia ver, com os olhos da imaginação, a si próprio e às crianças arteiras e ruidosas, a correr aos gritos atrás de um cachorro...

O menino SEBASTIÃO talvez não fosse um menino bonito. Mas era, seguramente, "uma flor de menino", muito dócil, comportado, atencioso, obediente à sua santa mãezinha. Caminhava confiante, pisava firme pelo mundo de modo seguro porque levado pela mão da mãe...

Era ele, genuinamente, um produto da educação materna. Os seres humanos não nascem predestinados ao bem ou ao mal, não são fatalisticamente

determinados a um destino "x", "como trens correndo fatalmente nos trilhos onde foram colocados".

A vida geralmente nos separa da mãe. Muitos aos poucos vão esquecer o amor materno. "A gente esquece" - é costume dizer-se. Mas com o nosso amado cardeal isso nunca aconteceu, porque ele jamais esqueceu sua mãe e o supremo e divino amor que os ligava, o amor que ainda hoje os une no céu...

Dom SEBASTIÃO LEME sempre, sempre amou extremamente sua mãe. Para um filho assim, obediente e puro, a mãe cura tudo, a mãe sabe tudo...

Dona ANA PIO estimulou, incentivou o querido filho de suas entranhas o que nele era vocação decidida: o sacerdócio católico. Ser padre - eis a vocação do menino. Era uma vocação transparente. Mesmo quem nada tivesse de psicólogo, de vidente veria, claramente, aquela vocação, perceberia aquele santo destino. Era, enfim, uma vocação tão visível, de tanto relevo, como "a face gravada no véu da Verônica".

Ser padre - eis uma profissão de santo. O padre não precisa fazer o máximo de penitência, mas deve dar-se, inteiro, ao próximo. Deve servir "objetivamente" aos outros, à sociedade. "Lutar com plena consciência para ajudar alguém em meio da ignorância e da miséria. Dar a mão a todos os que sofrem através do seu trabalho, do seu ofício". LYGIA FAGUNDES TELLES.

Tal foi o que sempre fez Dom LEME - santo homem que desposou a Igreja. Que foi sacerdote integral, total, de corpo e alma. Que foi padre-padre e não padre-mais-ou-menos, padre fragmentado.

Nas tarde de 14 de Dezembro de 1904 estava ele, o fino e culto Padre SEBASTIÃO, entre os braços de sua mãe, entre os amigos e o povo de sua "santa terrinha".

Evento exatamente feliz, inesquecível.

Nas ruas e praças centrais da cidade espousava o foguetório. A banda de música tocava, festivamente. Pessoas riam e aplaudiam, alegres e contentes.

No dia seguinte, 15 de Dezembro, no mesmo templo onde fizera sua primeira comunhão e tivera aulas de catecismo, canta a sua primeira missa - a "missa nova". Que alegria, que explosão de júbilo não deve ter invadido o coração de Dona ANA PIO, sua santa e admirável mãe ao ver o seu filho celebrar a santa missa! A santa mulher, ajoelhada com unção e no altar seu filho a rezar a missa. Por fim disse o oficiante: "Dominus vobiscum. Et cum spiritu tuo.

Ite, Missa est."

Sim, em meio a essa belíssima cerimônia litúrgica ninguém era mais feliz do que aquela mãe, cujo coração estava tão cheio de alegria, tão cheio!

Lá fora, ainda o foguetório, a banda de música continuavam a quebrar a monotonia, a rotina da cidadezinha engalanada para a festa.

Os ruídos festivos perduraram pelo dia todo, pela tarde afora, mesmo depois do jantar - ou do banquete, melhor se diria - realizado na vivenda da Praça Cândido Rodrigues, cedida por um grande e influente político local, o Barão JOSÉ RIBEIRO DA MOTA PAIS. A comissão dos festejos era constituída dos seguintes e distintos cidadãos: JACOB WORMS JUNIOR, RANDOLFO AGOSTINHO RIBEIRO e BERNARDO DE MARTINO, dirigidos e orientados pelo Pe. VERGÍLIO MORATO, vigário da paróquia.

A festa toda foi feita com dinheiro arrecadado do povo de Pinhal.

Uma subscrição popular recolheu cerca de novecentos e cinquenta contos de réis (atualmente essa soma seria de novecentos e cinquenta cruzeiros).

Em Campinas o Padre SEBASTIÃO LEME almoçou com os membros da dita Comissão num restaurante. Esteve presente a esse almoço o pároco campineiro, Pe. PEDRO DOS SANTOS, um simpático e bem falante baiano. À tarde rumaram, de trem, todos, para Pinhal. No mesmo trem viajava o sr. TOMÁS ABATE, progenitor do sr. FRANCISCO ABATE. Nas estações intermediárias, no trecho Campinas-Pinhal, não houve homenagem alguma ao Pe. SEBASTIÃO. Era ele, ainda, um simples padre, um singelo sacerdote da Igreja. Homenagens só as receberia mais tarde, como glorioso príncipe da Igreja.

O padre SEBASTIÃO permaneceu em Pinhal em companhia de sua mãe até 7 de Março de 1905. Nesta data fora nomeado 1.º coadjutor da mimosa paróquia de Santa Cecília em São Paulo. Tomou posse desse cargo - o primeiro de sua brilhantíssima carreira eclesiástica - em 12 de Março do mesmo ano.

Ao partir de Pinhal leva, contudo, comovedora e funda lembrança das manifestações de amizade recebidas do seu carinhoso povo. Não lhe saía da memória o espetáculo daquelas simpáticas festas de recepção. Ele havia de ser sempre reconhecido ao maravilhoso povo de sua terra.

Em Pinhal, no seio de sua mãe e de seus amigos, achara alegria, serenidade e refúgio. A partida era, pois, dolorosa. Entretanto, era também agradável encontrar em si a força para partir.

Enquanto permaneceu em Pinhal foi objeto de embevecida e insistida

visitação de amigos e admiradores. Mas devia partir, o dever o chamava. Devia afastar-se da presença de sua boa gente. As portas do futuro já se lhe entreabriam sedutoramente...

Sua mãe, com certeza, foi a que mais sofreu com sua partida. Era contínua a imensa felicidade de seu coração, por ter um filho padre. Decerto todo o ouro do pobre mundo não valeria um só instante daquela felicidade inefável, profunda!

No primeiro exemplar do "Mensageiro Paroquial", dirigido pelo Padre VERGILIO MORATO, vigário da paróquia e chegado à cidade em 1903, o coadjutor de Santa Cecília publica um artigo de suaves reminiscências. O artigo é datado de Junho de 1905 e trata também do Descanso Dominical e o articulista aproveita o ensejo para rememorar os dois dias docemente vividos em Pinhal logo após sua ordenação sacerdotal. Traz à tona, novamente, de modo tocante, as sinceras e espontâneas homenagens que o povo pinhalense lhe tributara em Dezembro de 1904. Abaixo transcrevemos um expressivo tópico do referido e belo artigo - ou seja, uma legítima pérola de candura verbal:

"As poucas semanas que passei ultimamente no meio do povo pinhalense são para mim de saudades imorredouras.

Não quero, não devo referir-me aqui aos sentimentos de patriotismo e de religião que mostrou a cidade do E.S. do Pinhal por ocasião da minha chegada.

Fiquei persuadido de que os meus prestam um culto sagrado a todos os sentimentos nobres e grandiosos que elevam um povo ao mais alto nível social. Como brasileiro, sinto-me feliz de ver que a minha terra natal diz muito bem com a civilização da nossa Pátria - o Brasil.

O Pinhal é sem dúvida uma das mais ricas pedras que brilham no diadema da princesa brasileira - a diocese de São Paulo.

Como padre católico, ministro de Deus, vejo com orgulho a vida religiosa que anima o povo pinhalense. O seu magestoso templo, arroja a expressão de grandeza - é disso prova inconcussa.

Os fiéis em massa frequentam a Igreja e os seus sacramentos divinos. A boa semente foi deitada ao solo; e - árvore frondosa - a Religião acolheu à sua sombra a cidade inteira.

Não é lisonja o que venho dizendo."

Tal foi o delicado e remissivo artigo assinado pelo Padre SEBASTIÃO LEME, culto e nobre 1.º coadjutor da paróquia de Santa Cecília.

Há em tal trabalho o matiz perene, a permanente nota de ternura para com sua cidade natal e seu belo povo. Deus permitira que fossem realizados os votos do belo e nobre coração de sua mãe. A vida toda seu filho haveria de ter o coração inteiramente entregue à verdade. Ao coração daquela mãe, porém estava reservado a realização de um sonho mais alto, mais piedoso, mais santo: "seu filho seria cardeal".

Um filho cardeal - eis uma das mais belas quimeras que a imaginação pode tocar com sua asa, que o espírito pode atingir com a ponta do pensamento.

FIM DO PRIMEIRO TOMO

BIBLIOGRAFIA

Damos, aqui, as fontes e as obras consultadas para a redação da maioria dos capítulos dos quatro volumes ou tomos deste livro.

- ANTONIO TOMÁS PACHECO LESSA e TÚLIO DE CAMPOS, "Almanaque do Espírito Santo do Pinhal", ano de 1894.
- ICLÉRICO GOMES, "Anuário de Pinhal", 1918.
- R. I. P., "In memoriam de Ana Pio da Silveira Salles", Recife, PE. 1919. Album do Jubileu Episcopal, Rio de Janeiro, 1936.
- Pastoral Coletiva do Episcopado da Província de São Paulo, em 25 de Novembro de 1942.
- Revista "A Família Cristã", S. Paulo, em 11 de Novembro de 1942.
- TRISTÃO DE ATHAYDE, "O Maior dos Brasileiros", in "Diário de S. Paulo" de 20 de Outubro de 1942.
- "Diário de São Paulo", edições de 18 de Outubro de 1942, 22 de Outubro de 1942 e 28 de Outubro de 1942.
- "A Noite", S. Paulo, em 19 e 21 de Outubro de 1942.
- "Folha da Manhã", S. Paulo, de 18 a 20 de Outubro de 1942.
- Frei PAULO BARBOSA, O.S.B., artigo in "Album do Jubileu Episcopal" de 1936.
- GASTÃO PINTO, Bispo de São Carlos, "Mensageiro da Paróquia de Nossa Senhora da Consolação", S. Paulo, em 20 de Agosto de 1911.
- CARLOS MANHÃES, Rev. "Ilustração Brasileira", Junho de 1929.
- Padre LUIS SALAMERO, C.M.F., Rev. "Ave Maria", S. Paulo, em 28 de Fevereiro de 1940.
- "Almanaque de Nossa Senhora Aparecida", Aparecida, SP., edições de 1932 e 1935.
- "Ecos Marianos da Basílica Nacional", ed. de 1937.
- Padre HELIODORO PIRES, "No Sorriso das Almas", S. Paulo, 1925.
- Padre ASCÂNIO BRANDÃO, "Mãe Eucarística", artigo publicado em "Ave Maria", ed. de 12 de Setembro de 1942.
- "A Noite", Rio de Janeiro, ed. de 4 de Junho de 1941 e 28 de Outubro de 1942.

- "Jornal do Comércio", Pinhal, ed. de 1o. a 15 de Fevereiro de 1931.
- "O Estado de S. Paulo", ed. de 2 a 4 de Fevereiro de 1931; ed. de 31 de Janeiro de 1931 e 18 de Outubro de 1942.
- JOÃO CALDEIRA NETO, "Album de Pinhal", 1936.
- "Diário de S. Paulo", ed. de 21 de Janeiro de 1931.
- "Jornal do Comércio", Pinhal, ed. de 9 de Outubro de 1927 e 17 de Janeiro de 1932.
- "A Tribuna", Pinhal, ed. de 18 de Junho de 1936 e 26 de Junho de 1936.
- "Mensageiro Paroquial", Pinhal, Junho de 1905.
- "O Trabalho", Pinhal, ed. de 9 de Fevereiro de 1926, de 28 e 29 de Março de 1924.
- Publicações do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1919 - artigo "O Brasil na Guerra, Manifestações do Clero Brasileiro".
- "A Tribuna", Pinhal, ed. de 7 de Junho de 1936, 5 de Julho de 1936, e 21 de Junho de 1936.
- "A República", Pinhal, 22 de Dezembro de 1904.
- SAMPAIO JUNIOR (José Gonçalves), "Relâmpagos", Ed. Comercial, S. Paulo, sem data.
- "A Manhã", Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1942.
- "A Notícia", Pinhal, ed. de 23 de Janeiro de 1931, de 5 de Fevereiro de 1931, de 7 de Fevereiro de 1931.
- "O Pinhalense", Pinhal, 5 de Fevereiro de 1919.
- "A Gazeta", Pinhal, ed. de 7 de Fevereiro de 1931 e 15 de Outubro de 1942.
- "A Folha", Pinhal, ed. de 12 de Setembro de 1936, de 17 de Novembro de 1942, 8 de Dezembro de 1942, 7 de Março de 1943, 27 de Abril de 1952, 14 de Junho de 1953, 23 de Julho de 1944, 1o. de Janeiro de 1950.
- MARIO DE ASSIS CORDEIRO, Rev. "Magister", S. Paulo, 15 de Setembro de 1948.
- "Última Hora", Rio de Janeiro, ed. de 21 de Junho de 1968.
- ALCEU AMOROSO LIMA, "Memórias Improvisadas", Ed. Vozes, Petrópolis, RJ., 1973.
- Revista "Ave Maria", ed. de 24 de Outubro de 1942, Novembro de 1938, Janeiro de 1939, Junho, Julho e Agosto de 1939, Setembro e Outubro de 1942, ed. de 9 de Janeiro de 1943.

Um dos autores - FRANCISCO DA SILVA COSTA - colheu depoimentos de antigos moradores do lugar, ou de pessoas preciosamente informadores, dignas de absoluto crédito: Major MANOEL JOAQUIM GONÇALVES, OLAVO TAVARES WORMS, LAURINDO DE AZEVEDO MARQUES JUNIOR, membros da FAMILIA SILVEIRA, Dona ANA LEITE VIEIRA (Dona Nicota, na intimidade), BERNARDO FRANCISCO DE MARTINO, AVELINO MOUTINHO, Prof. CAMILO LELLIS DE OLIVEIRA LEITE, ERNESTO RIZZONI, JOSÉ D'AVILA SALLES, Monsenhor JOSÉ MENDES, Padre JOSÉ JERÔNIMO BALBINO FUCCIOLLI.

O Dr. NICOLAU JABUR NETO colaborou eficazmente para o êxito de muitas pesquisas. O mesmo pode ser dito quanto ao Sr. LAZARO LUCIO RIBEIRO, poeta cujo pseudônimo é Neves Ribeiro. Idem, quanto ao Dr. ALBERTO JORGE, DR. FRANCISCO ALVARES FLORENCE, Dr. ABELARDO VERGUEIRO CESAR (Dr. Abelardinho).



Ed. CANDEIA

Offset D. Bosco

Poços de Caldas